

COMO ACADÊMICO DO CURSO DE DESIGN, ILUSTRADOR E ARTISTA, AMANTE DE TATUAGENS, APRENDIZ DE LÍNGUAS E AMANTE DO UNIVERSO DA MICOLOGIA E BOTÂNICA, A EXPERIÊNCIA QUE DESENVOLVO PERMITE A VALIDAÇÃO DA "TEORIA DO MACACO ALUCINADO", DE MCKENNA, COMO BASE TEÓRICA PARA UMA COMPREENSÃO HOLÍSTICA DA VARIABILIDADE DENTRO DO UNIVERSO DO CONSUMO ENTEOGÊNICO E SEU IMPORTANTE PAPEL NA EVOLUÇÃO DA PSIQUÊ HUMANA, COM O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM E DO PENSAMENTO CRIATIVO, ARTÍSTICO, PROJETUAL E METODOLÓGICO, QUE POSTERIORMENTE SERIA CHAMADO DE "DESIGN", E A TATUAGEM COMO UM ELEMENTO IMPLÍCITO NESSE COMPLEXO PROCESSO.



AS ORIGENS DO CONSUMO ENTEOGÊNICO & SEU PAPEL NA EVOLUÇÃO DA PSIQUÊ HUMANA



DANIEL FRAGOSO



As origens do CONSUMO ENTEOGÊNICO & seu papel na evolução da psiquê humana



O CONTEÚDO CONTEMPLADO NESSE MATERIAL ACADÊMICO DESTINA-SE A HISTÓRIA DO CONSUMO ENTEOGÊNICO, ONDE ALÉM DE TRAZER DIVERSAS ILUSTRAÇÕES, APRESENTA UMA VERSÃO MAIS HOLÍSTICA SOBRE SEU CONSUMO COMO ATIVIDADE MILENAR, BEM COMO SEU IMPACTO CRUCIAL NO DESENVOLVIMENTO DA CONSCIÊNCIA E DO PENSAMENTO CRIATIVO, QUE RESULTOU NO COMPORTAMENTO HUMANO; QUE DIFERENTE DA MAIORIA DAS OUTRAS ESPÉCIES, ABSORVE E PROCESSA INFORMAÇÕES DE MANEIRA ÚNICA, SENDO CAPAZ DE SOLUCIONAR PROBLEMAS DE DIFERENTES NÍVEIS DE COMPLEXIDADE, CRIANDO E FAZENDO O USO DE FERRAMENTAS QUE OTIMIZAM SUAS ATIVIDADES ROTINEIRAS; ASSIM COMO FAZ O "DESIGN". BASEADO EM ESTUDOS E OBRAS LITERÁRIAS DE AUTORES COMO TERENCE E DENNIS MCKENNA, ALDOUS HUXLEY, MICHAEL POLLAN, ENTRE OUTROS.

as origens do
CONSUMO ENTEOGÊNICO
&
seu papel na evolução da psiquê humana

DANIEL FRAGOZO





Universidade Federal de Santa Catarina - 2024

Departamento de Design e Expressão Gráfica - CCE

Tratamento de imagens e ilustrações

Daniel Moura Fragozo

Textos de Teoria

Daniel Moura Fragozo

(Adaptado de artigos acadêmicos e obras literárias)

Projeto Gráfico e Diagramação

Daniel Moura Fragozo

Reitor

Irineu Manoel de Souza

**Chefe do Departamento de Design e
Expressão Gráfica**

Paulo César Ferroli

LISTA DE FIGURAS

figura 1: enteógeno - conceito by alex grey	7
figura 2: gato catnip	8
figura 3: álcool, tabaco e remédios	10
figura 4: incas	11
figura 5: árabes	11
figura 6: censurado	13
figura 7: hominídeo com cogumelo	15
figura 8: terence mckenna	18
figura 9: livro: o alimento dos deuses	19
figura 10: o elo perdido na evolução humana	19
figura 11: escassez de alimentos	21
figura 12: hieróglifos	22
figura 13: povo inuíte	23
figura 14: stoned ape, by alex grey	24
figura 15: vaca sagrada	25
figura 16: evolução do crânio	26
figura 17: tatuagem tribal	30
figura 18: ötzi	33
figura 19: compilação cogumelos	35
figura 20: cogumelos psilocibinos	36
figura 21: psilocybe cubensis	37
figura 22: psilocybe azurescens	38
figura 23: psilocybe semilanceata	39
figura 24: psilocybe mexicana	39
figura 25: psilocybe cyanescens	40

figura 26: psilocybe baeocystis -----	40
figura 27: panaeolus cinctulus -----	41
figura 28: panaeolus cyanescens -----	41
figura 29: amanita muscaria -----	42
figura 30: maria sabina -----	46
figura 31: maria sabina com gordon wasson -----	48
figura 32: jagube - cipó de mariri -----	52
figura 33: chacrona -----	52
figura 34: jurema preta -----	52
figura 35: molécula DMT -----	58
figura 36: sapo bufo alvarius -----	58
figura 37: sapo kambô -----	60
figura 38: nativa americana (mescalina) -----	61
figura 39: cactus peyote -----	62
figura 40: cactus san pedro -----	62
figura 41: cristal de MDMA e pilulas de ecstasy -----	65
figura 42: ketamina -----	69
figura 43: folha de coca -----	70
figura 44: extrato de cocaína -----	72
figura 45: vin mariani rótulo -----	74
figura 46: coca cola cocaína -----	74
figura 47: vin mariani infos -----	75
figura 48: drops/pastilhas de cocaína -----	76
figura 49: cocaína em pó - nota enrolada -----	77
figura 50: sigmund freud -----	79
figura 51: thomas edison -----	79
figura 52: robert louis stevenson -----	79

figura 53: sir arthur conan doyle	80
figura 54: john stith pemberton	80
figura 55: cartela de LSD bike 2000	81
figura 56: claviceps purpurea	81
figura 57: albert hoffmann	82
figura 58: pé de cannabis	83
figura 59: bob marley	83
figura 60: bud (flor) de cannábis	84
figura 61: louis armstrong	84
figura 62: folha de cannabis	85
figura 63: papoula	86
figura 64: ópio	87
figura 65: oxycontin	87

SUMÁRIO

CAP. 1: ENTEÓGENOS: DEFINIÇÃO	7
CAP. 2: "THE STONED APE THEORY":	15
CAP. 3: ENTEÓGENOS POPULARES:	35
cogumelos	35
D M T	52
Kambô	60
mescalina	61
M D M A	65
Ketamina	69
cocaina	70
L S D	81
cannabis	83
papoula brava	86
CAP. 4: DESFECHO: GUERRA ÀS DROGAS	89
guerra às drogas	89

capítulo 1
DEFINIÇÃO

ENTEÓGENOS: DEFINIÇÃO

**Substâncias psicodélicas,
psicotrópicas,
psicoativas, narcóticas,
alucinógenas e “droga”,
como termos para**



figura 1

“ O serviço prestado pelos veículos intoxicantes na luta pela felicidade e no afastamento da desgraça é tão altamente apreciado como um benefício, que tanto indivíduos quanto povos lhes concederam um lugar permanente na economia de sua libido. Devemos a tais veículos não só a produção imediata de prazer, mas também um grau altamente desejado de independência do mundo externo, pois sabe-se que, com o auxílio desse ‘amortecedor de preocupações’, é possível, em qualquer ocasião, afastar-se da pressão da realidade e encontrar refúgio num mundo próprio, com melhores condições de sensibilidade. Sabe-se igualmente que é exatamente essa propriedade dos intoxicantes que determina o seu perigo e a sua capacidade de causar danos. São responsáveis, em certas circunstâncias, pelo desperdício de uma grande quota de energia que poderia ser empregada para o aperfeiçoamento do destino humano. (Freud, S. - O mal estar na civilização, 1930). ”

A diversidade de termos e nomenclaturas, bem como seus valores empregados no vocabulário da sociedade para diversas finalidades, causam certa confusão na hora de diferenciá-los. Segundo Thomas B. Roberts,— enteógenos são substâncias oriundas de plantas, fungos e outros elementos orgânicos, geralmente vegetais, podendo também vir de alguns animais, capazes de alterar a consciência e induzir ao “estado xamânico” ou de êxtase. Sendo um neologismo que vem do

grego, proposto em 1973 por investigadores como Gordon Wasson (Soma: divine mushroom of immortality, 1968) Segundo Roberts (2014), foi incluído no Dicionário Oxford de Inglês na lista de novas palavras desde setembro de 2007, significando uma substância química, normalmente de origem vegetal, que é ingerida para produzir um estado de consciência não ordinária para fins religiosos ou espirituais. (p.1) A palavra “enteógeno”, que significa literalmente,

definição

"manifestação interior do divino", possui a mesma raiz etimológica de "entusiasmo", e se refere à comunhão religiosa sob efeito de substâncias visionárias. Este termo foi proposto como uma forma elegante de nomear estas substâncias, sem tachar pejorativamente costumes de outras culturas. (p.2)

O consumo de plantas para expansão da consciência, percepção e cognição é uma realidade milenar, até mesmo animais usam plantas e substâncias como atividade psicotrópica, como é o caso de javalis e alguns primatas que cavam para conseguir as raízes do poderoso **Tabernanthe iboga**¹ (McKenna 1992). Ou como alguns golfinhos australianos, que se aproximam de peixes Baiacus no oceano para se intoxicar de **Tetrodotoxina**², presente em grande parte de seu corpo. (Giovanna Gomes 2021) ou também, os gatos e sua predileção pela **Nepeta Cataria**³, conhecida como “erva



figura 2

de gato” ou catnip. (Rafaela Pelisoli da Silva, Edna Sayuri Suyenaga, 2019)

O termo “Droga”, em seu sentido original, abrange uma grande quantidade de substâncias. Tem origem na palavra francesa *drogue*, cuja origem é controversa. Seria provavelmente derivada da expressão neerlandesa medieval *droge vate*, tonéis secos, de onde, por substantivação, *droge* passou a designar o conteúdo, o produto seco. (Instituto da Enciclopédia Italiana - Treccani) Assim, droga é toda e qualquer substância, natural ou sintética que, uma vez introduzida no organismo, modifica suas funções. Isso envolve a

.....
1 Tabernanthe iboga: É uma planta que possui como princípio ativo a Ibogaína, é um arbusto perene da floresta tropical nativo da África Central. Sua produção concentra-se no Gabão, na República Democrática do Congo e na República do Congo, porém, é cultivado em toda a África Central. Atualmente a iboga é utilizada por curandeiros tradicionais dos países da bacia do Congo e na religião do Bouiti na Guiné Equatorial, Camarões e sobretudo no Gabão, onde a raiz e a casca da raiz são encontradas facilmente nas farmácias tradicionais e nos mercados das principais cidades. Existe aí uma ONG dedicada inteiramente a iboga. Se mantida a tendência atual, a coleta da espécie selvagem está colocando-a em risco de extinção.

2 Tetrodotoxina: É uma potente neurotoxina de origem marinha, produzida por algumas espécies aquáticas, como o peixe Baiacu. Presente também em outros peixes, é produzida por determinadas bactérias que habitam os tecidos das criaturas marinhas. É uma das armas químicas mais fortes produzidas por animais, cerca de 10 mil vezes mais forte que o cianeto de potássio (KCN).

3 Nepeta Cataria: É uma espécie de planta herbácea do género *Nepeta* da família *Lamiaceae*, nativa da Europa e do sudoeste da Ásia Central e naturalizada em muitas regiões temperadas. Seu nome comum “erva de gato” tem origem no efeito excitante que exerce sobre gatos domésticos e também alguns felinos selvagens.

classe dos analgésicos, estimulantes, alucinógenos, tranquilizantes e **barbitúricos**⁴, além do álcool e substâncias voláteis. As psicotrópicas são as drogas que afetam o Sistema Nervoso Central, modificando as atividades psíquicas e o comportamento.

Conforme a definição do Novo dicionário da língua portuguesa (1986), substância psicoativa, droga psicotrópica ou simplesmente psicotrópico; são substâncias químicas que agem principalmente no sistema nervoso central, onde altera a função cerebral e temporariamente muda a percepção, o humor, o comportamento e a consciência. Essa alteração pode ser proporcionada para fins recreacionais (alteração proposital da consciência); religiosos (uso de enteógenos); científicos (visando a compreensão do funcionamento da mente); ou médico-farmacológicos (como medicação). O uso de drogas é uma prática desde tempos pré-históricos. Há provas arqueológicas do uso de substâncias psicoativas 10 mil anos atrás, e evidência histórica de uso cultural desde 5 mil anos atrás. (Merlin, N.D, 2003), porém, o estudo aqui abordado, evidencia seu uso como um costume muito mais antigo, que remonta até mesmo nossa linhagem ancestral como espécie. Ronald K. Siegel afirma que, embora o uso pareça ter sido mais frequentemente medicinal, sugeriu-se que o desejo de alterar a consciência

é tão primitivo quanto o ímpeto de saciar a sede, a fome ou o desejo sexual. (2005) Contudo, a longa história do uso de drogas e até mesmo o desejo de uma criança de rodar, girar, balançar ou escorregar possuem relação, e indicam que o ímpeto de alterar a percepção é universal, afirma Andrew Weil (2004)

As substâncias psicoativas são usadas para diferentes propósitos. Os usos variam muito entre diferentes culturas. Algumas substâncias são de uso controlado ou ilegal, enquanto algumas podem ser usadas para propósitos xamânicos e espirituais, e outras são usadas de modo terapêutico. Outros exemplos seriam o consumo social, como do álcool e de soníferos, anestésicos e estimulantes. A cafeína é um psicotrópico estimulante, e também o mais consumido no mundo, mas, ao contrário de muitos outros, seu uso é legal e irrestrito em praticamente todas as jurisdições. No Brasil, maior produtor e segundo maior consumidor de café do mundo, 85% das pessoas consomem café no desjejum. (Matsumoto, K L.- Rosaneli, C F.- Biancardi, C R. 2008) Os anestésicos, como consta na National Library of Medicine, pertencem a uma classe de drogas psicoativas usadas em pacientes, que atuam na inibição e bloqueio a dor e outras sensações. A maioria dos anestésicos induz à inconsciência, o que permite, ao paciente, submeter-se

4 Barbitúrico: Também chamado de malonilureia ou hidropirimidina, é um composto químico orgânico (contém carbono) sintético, ou um fármaco derivado do “ácido barbitúrico”, resultado da união do ácido malônico com a ureia, de onde se derivam substâncias de uso terapêutico, descoberto por Adolf Von Baeyer em 1864.

É um fármaco do grupo de substâncias depressoras do sistema nervoso central (diminuem a atividade no cérebro), usados como anticonvulsivos, sedativos e hipnóticos.

definição



figura 3

a procedimentos médicos tais como a cirurgia sem dor física ou trauma emocional. (Medline Plus, 2022) O termo narcótico, segundo dicionário Oxford, possui etimologia grega "estupefação", "torpor", "entorpecimento" e refere-se a uma variedade de substâncias que fazem adormecer e reduzem ou eliminam a sensibilidade, chamado estado de *narcose*⁵. (Medline Plus, 2022)

O Vinho e o tabaco, hoje em dia vistos como substâncias comuns e presentes em nosso cotidiano, eram originalmente ligadas a cultos religiosos. É constatado a existência de diferentes tipos de enteógenos consumidos por tribos ancestrais de praticamente todos os lugares do mundo, e que também se faziam presentes em civilizações arcaicas; como os sacerdotes védicos da Antiga Índia, que consumiam o soma, uma bebida alucinógena, para entrar em contato com o Reino Celestial, afirma Maria Betânia Barbosa Albuquerque (2014). Bem como os druidas, sacerdotes Celtas, bebiam uma espécie de poção sagrada que lhes dava força e coragem, de acordo com Natália Becattini, jornalista de Belo

Horizonte. Há registros históricos que indicam a possibilidade de que o Rei Salomão e os povos das tribos de Judá tinham conhecimento enteogênico, afirma Laura Geggel- NYU, 2020. Os Aztecas, Maias e Incas utilizavam os enteógenos em suas práticas religiosas, afirma Miguel Colaço Bittencourt, em 2016. Já na Grécia antiga, historiadores como Jan Clefferson Costa de Freitas, especulam que os vapores que envolviam o oráculo no templo de Delfos tinha propriedades enteógenas, e que a bebida kykeon dada antes do rito de iniciação nos mistérios de elêusis, possuía substâncias enteógenas, em com seu artigo: "Platonismo e Psicodelia: Às Origens Psicodélicas da Metafísica Platônica", publicado pela revista Anthesis em 2018. Há também indícios da utilização de enteógenos no judaísmo antigo e cristianismo primitivo gnóstico. Nas visões de Moisés na "sarça ardente" (árvore da acácia, rica em DMT, princípio ativo da ayahuasca e changa). A madeira da Acácia, segundo o Velho Testamento, que é a base fundamental das religiões monoteístas (Judaísmo, Cristianismo e Islão) também foi utilizada na construção

⁵ **Narcose:** Estado de redução da excitabilidade dos neurônios que, sendo reversível e ocorrendo pela ação de agentes químicos e físicos, pode causar uma sensação de estupor mais intensa que os anestésicos de maneira geral.



figura 4



figura 5

da arca de Noé e do Tabernáculo. A acácia também foi considerada sagrada entre os egípcios. (Geggel, 2020.) É também a árvore do mestre maçom, símbolo da morte e renascimento. A partir dos anos 60, os livros de Carlos Castañeda (*A erva do Diabo*, 1968) tiveram um notável impacto ao contribuir com a popularização da atividade enteogênica.

Nota-se que se incluem, nessa relação, plantas com substâncias que possuem efeitos farmacológicos distintos. Paulo Pedro P. R. Costa afirma que a Cannabis (*Cannabis sativa*), por exemplo, com suas múltiplas formas de preparação como ganja, charas, bhang, na Índia, onde está incluída entre as plantas medicinais, inclusive utilizadas no tantra yoga. Faz parte do uso religioso entre os sadhus (homens santos) seguidores de Shiva, o Deus que segundo os Vedas trouxe a planta do Himalaia e outras divindades (Kali, Kama, Vishnu, entre outros). Cannabis se enquadra nessa categoria por seu uso étnico (religioso-medicinal), onde o consumo por parte dos árabes, através do haxixe, remonta tempos antigos e difundiu-se pela África entre algumas tribos de negros (Bantus, Hotentotes, Bosquímanos). Como no Alcorão só há proibição (haram) explícita ao vinho, o assunto do uso de psicoativos sempre foi controverso entre

muçulmanos, como no caso do haxixe. Em março de 2014, o Grande Aiatolá Rohani emitiu formalmente uma Fátua (um pronunciamento legal no Islão emitido por um especialista em lei religiosa) determinando que o uso de enteógenos é halal (legal) e seu uso é permitido para muçulmanos xiitas, sob a supervisão de especialistas qualificados. Seu consumo também acontece na Jamaica sob essa mesma concepção. (2015)

A Cannabis caracteriza-se por ser um sedativo euforizante, ou seja, um psicotrópico com efeito depressor no sistema nervoso. Já o ópio seguindo Andres Goth, nas suas diferentes preparações (como a Heroína e Morfina, por exemplo), também pode ser considerado um enteógeno, embora possua propriedades farmacológicas distintas da maconha. (1975) Enquanto plantas, os enteógenos também são chamados por grupos religiosos e povos indígenas de plantas mestres, plantas professoras, plantas de conhecimento, plantas de poder e plantas sagradas, diz Akaiê Sramana. (2011) A expressão "enteógeno" não é um mero sinônimo de psicodélico, já que nem todas as substâncias usadas num contexto sagrado provocam alucinações, o termo surgiu para diferenciá-los do uso de alucinógenos com finalidade lúdica. A partir da

definição

segunda metade da década de 1950, escritores da Geração Beat como William Burroughs (Junkie, 1953), Jack Kerouac (Pé Na Estrada, 1957) e Allen Ginsberg (Uivo, 1956) escreveram sob o efeito de psicotrópicos, incluindo LSD, cannabis e **benzedrina**⁶, conscientizando e ajudando a popularizar seu uso, afirma Hanna Zuquim A. Prado (2016).

No mesmo período, a dietilamida do ácido lisérgico, mais conhecido como LSD, ou "ácido" (na época uma droga legal), começou a ser usado nos EUA e no Reino Unido como tratamento experimental, inicialmente promovido como uma potencial cura para doença mental, como consta no livro *Imagine Nation* (2001). A distinção religiosa se apoia no contexto em que seu uso é feito. Se for dentro de uma realidade religiosa, sagrada e tradicional, a substância é considerada enteogênica, se for num contexto recreativo e associado à moderna cultura pop, considera-se psicodélica. No início da década de 1960 o uso de alucinógenos foi defendido pelos proponentes da nova "expansão da consciência", segundo Timothy Leary (*A experiência psicodélica*, 1964), Alan Watts (*O que é realidade?*, 1973),

Aldous Huxley (*As portas da percepção*, 1954) e Arthur Koestler (*O zero e o infinito*, 1940), seus escritos influenciaram profundamente a linha de pensamento de toda uma nova geração de jovens.

Leary era um conhecedor do uso de psicodélicos, assim como Aldous Huxley. No entanto, ambos apresentaram opiniões divergentes sobre o amplo uso de psicodélicos pelo Estado e pela sociedade civil. Leary defendeu a ideia de tais substâncias como uma **panacéia**⁷ que deveria estar ao alcance de todos, enquanto Huxley sugeriu que apenas a elite cultural e intelectual deveria participar sistematicamente do uso de psicodélicos. Consta que o psiquiatra britânico Humphry Osmond (1917 - 2004) introduziu o termo psicodélico / psiadélico numa reunião da Academia de Ciências de Nova York em 1957, descrevendo o já referido significado da palavra psicodélico como "o que revela a mente". Aldous Huxley enviou para Osmond em 1956, com um verso rimado que continha a sua própria sugestão terminológica "To make this trivial world sublime, take half a gram panerotheryme" (Para tornar este mundo trivial sublime, tome meio grama

.....
6 Benzedrina: Benzedrina ou Benzedrine foi o nome comercial de um produto usado inicialmente como descongestionante nasal com a anfetamina como ingrediente ativo. O medicamento foi frequentemente referido como "bennies" por utilizadores e na literatura. Foi comercializada sob esta marca nos EUA por Smith, Kline & French sob a forma de inaladores, a partir de 1933. Nos dias de hoje, ainda é comercializada a anfetamina sulfato, tal como a usada na fórmula da benzedrina, mas a sua disponibilidade é muito limitada, encontrando-se apenas disponível nos Estados Unidos e no Chile.

7 Panacéia: Significa um "remédio" ao qual é atribuída a capacidade de curar qualquer tipo de doença. Panaceia é uma palavra com origem no grego panákeia, sendo que pan significa "todo" e ákos significa "remédio". Assim, a palavra indica uma substância que cura todas as doenças. Na mitologia grega, Panaceia era a deusa da cura, irmã de Hígia, deusa da saúde e higiene.

de *panerotheryme*⁸), a que Osmond teria respondido: "Para sondar o inferno ou elevar-se angélico, tome uma pitada de psicodélico". ("To fathom Hell or soar angelic, just take a pinch of psychedelic."). (The Vaults of Erowid, 2004) Na década de 1960, o uso de psicodélicos tornou-se difundido na cultura ocidental moderna, particularmente nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha, afirma Marco A. Pasqualini Andrade (2007).

O movimento é creditado a Michael Hollingshead, que chegou à América vindo de Londres em 1965, e foi enviado para os EUA por outros membros do movimento psicodélico para expor suas ideias. O verão do amor de 1967, o épico Festival Woodstock (1969) e o posicionamento democrático de Timothy Leary perante o uso popular de psicodélicos junto ao surgimento da cultura hippie para o mainstream, difundiram a psicodelia nas mentes da cultura popular.

Assim, conclui-se que o sentido do termo "psicodélico" como associado à utilização individual e lúdica foi uma consequência do uso descontrolado a partir do movimento hippie, mas iniciou-se com sérias pesquisas etnofarmacológicas e bioquímicas, mais especificamente na área da psicoterapia, associadas à descoberta do LSD, e a Psilocibina e Mescalina. (Imagine Nation, 2001). Segundo o livro *Drogas & Cultura: novas perspectivas*, publicado pela UFBA, a proibição moral de algumas substâncias de uso recreativo, tanto lícitas como ilícitas, não se relaciona necessariamente com o seu potencial de

dano, efeito colateral ou algum tipo de dependência química (2008).

Alguns autores como Eduardo Viana Vargas (UFMG, 2002) e Henrique Carneiro (USP) associam essa preocupação à "invasão farmacêutica" (o aumento massivo da produção e consumo de novos fármacos ocorrida ao longo de todo o século XX) e ao etnocentrismo (combate às culturas pagãs no período colonial). Henrique Carneiro, diz que os legisladores estão atentos para esse fenômeno, diante dos efeitos sociais nefastos do narcotráfico (1994).

Porém, essa é outra área cerceada por múltiplos interesses onde, por conta de ineficiência e falta de transparência do estado, seguida por uma legislação retrógrada que favorece somente a elite social e criminaliza os mais vulneráveis, perante a complexidade que envolve esse assunto, não se possui informações com embasamento suficiente para serem abordadas ou discutidas nesse projeto.



figura 6

⁸ *Panerotheryme*: (Panerotimo), É um sinônimo de psicodélico.

capitulo 2
**TEORIA
EVOLUTIVA**

"THE STONED APE THEORY":

A Teoria do Macaco Alucinado/Chapado:

(TERENCE + DENNIS MCKENNA)



figura 7

É minha opinião que a teoria de McKenna seja considerada digna de compreensão aprofundada no campo de estudos da Consciência, sua expansão para níveis mais complexos e os avanços decorrentes disso, pois a teoria parece oferecer uma lente valiosa para o discurso atual sobre a consciência e a origem das “coisas”.

Há tempos existem algumas questões fundamentais sobre a situação humana que intrigam grandes pensadores desde o início dos tempos. Por que existimos? Como a vida começou? Existe apenas uma realidade? No entanto, ainda mais interessante é como os humanos evoluíram de um estado de consciência arcaico sem evidência de linguagem, escrita, arte ou mitologia para uma consciência com noções cosmológicas, sistemas linguísticos altamente sofisticados e complexos

que envolvem design, formas de comunicação transacionais e também sagradas. A teoria de Terence McKenna sobre a origem da consciência e da linguagem oferece uma visão do “verdadeiro elo perdido” no que se refere à lacuna no registro evolutivo humano. Ele defende um caso muito convincente para a consciência e a linguagem como uma propriedade emergente. Através da escassez de alimentos e mudanças na dieta, o homem arcaico (precursor do humano moderno) descobriu uma abundância de enteógenos, principalmente *Stropharia cubensis* (*Psilocybe cubensis*, também conhecido como “cogumelos mágicos”) que foi o catalisador que deu origem ao homem moderno como conhecemos hoje. Além disso, ao examinar estudos **ontológicos**¹ que se seguiram, existem argumentos interessantes que atribuem

1 Ontologia: É o ramo da filosofia que estuda a natureza do ser, da existência e da própria realidade. É classificada na filosofia como o ramo geral da metafísica (diferente da cosmologia, psicologia e teologia, que são ramos específicos), pois se ocupa dos temas mais abrangentes e abstratos da área. Por esse motivo, é comum que os termos ontologia e metafísica sejam utilizados como sinônimos, embora o primeiro esteja inserido no segundo. Engloba as questões gerais relacionadas ao significado do ser e da existência. Este termo foi popularizado graças ao filósofo alemão Christian Wolff, que definiu a ontologia como *philosophia prima* (filosofia primeira) ou ciência do ser enquanto ser.

teoria evolutiva

isso às funções cerebrais dos hemisférios esquerdo e direito do cérebro e à área de Broca (parte do cérebro humano responsável pela expressão da linguagem e associação de símbolos) dentro do neocórtex. A explicação para as origens enteogênicas da consciência pode ser encontrado entre muitas culturas indígenas e tribais ao redor do mundo. Além disso, a ideia de que as funções cerebrais dos hemisférios esquerdo e direito moldaram as visões de mundo holísticas encontradas em muitos modelos de sociedade é apoiado pela teoria da relatividade linguística, cujo crédito é atribuído a Edward Sapir e Benjamin Whorf e inspirado também na teoria da relatividade geral de Albert Einstein.

Várias figuras-chave afirmaram que muito do que pensamos como realidade é construído com base em um sistema social que chamamos de linguagem. Talvez a teoria mais significativo na compreensão da relação entre a linguagem, suas origens e o surgimento de formas superiores da consciência humana, é a Teoria do Macaco Alucinado/Chapado de Terence McKenna.

linguística foi revisitada ao longo da história, percorrendo vários campos acadêmicos, como da filosofia, da psicologia, das ciências cognitivas e antropologia. Os primeiros proponentes foram Benjamin Lee Whorf e Edward Sapir, que se basearam na teoria da Relatividade Geral de Albert Einstein. Essa teoria traz grande importância ao examinar as origens da linguagem, que de acordo com McKenna, estabelecem as bases de nossa própria linhagem ancestral como espécie. A distinção sobre se a linguagem “forma/molda” o pensamento ou simplesmente “reflete/espelha” nosso pensamento é a essência do debate dentro da teoria da relatividade linguística.

origem da linguagem

“Como as palavras se relacionam com a realidade? Qual é a natureza do significado? O que é verdade?” Pensadores como Platão, Sócrates, Aristóteles e os estóicos já se perguntavam sobre isso, devido ao papel importante que a linguagem desempenha na cognição. Ludwig Wittgenstein causou um im-

“ Pensar sobre a evolução humana, em última análise, significa pensar sobre a evolução da consciência humana. Nesse caso, quais são então as origens da mente humana? (McKenna, 1992, p.50). ”

relatividade linguística

A relatividade linguística supõe que a estrutura e o significado de uma língua determinam, influenciam ou moldam a visão de mundo ou a cognição de seus falantes. Logo, a percepção da realidade de um indivíduo é relativa à sua linguagem. Desde a sua criação, a teoria da relatividade

pacto significativo na compreensão da linguagem e da realidade através de seu trabalho, *Tractatus Logico-Philosophicus* (1921), onde destacou a natureza e as origens da linguagem de tal forma que sua obra se concretizou como peça fundamental na formação e direcionamento de importantes pensadores da área linguística, como Ferdinand de

Saussure (Course in General Linguistics, 1916), servindo também como base para a semiótica de Charles Peirce (On Signs, 1991), que também sustenta teorias do Design. Todos mergulharam de forma rígida nas profundezas do fenômeno da linguagem e dos signos, mas ainda assim nenhum argumentou sobre as origens da linguagem e da consciência de forma tão holística quanto Terence McKenna, em Food of the Gods — O Alimento dos Deuses (1992). É de se pensar também a linearidade que esse aspecto reflete no Design, uma vez que a linguagem, a escrita e o design fazem uso da associação de sons e signos para se expressar, um está implícito dentro do outro, convergindo em uma coisa só.

o conceito de consciência

Como a consciência não se trata de uma “coisa”, ela pode ser atribuída como experiência, segundo Imants Barušs, professor de psicologia na King’s University College da University of Western Ontario, Canadá, em seu livro Alterações da Consciência (2009), existem três formas – perspectivas particulares para pensar a consciência: fisiológica, cognitiva e experiencial (p.5). Barušs ainda descreve-o como “um sentimento de existência associado a ser si mesmo que acompanha os conteúdos de sua experiência”, esclarecendo ainda que esse sentimento de ser é “um precursor para a possibilidade de haver qualquer experiência” (p.7). Essa ideia de “precursor da possibilidade da experiência” é o que

nos intriga. A autorreflexão e a consciência superior existiam nos primeiros hominídeos antes do Homo sapiens? Não há registro disso. Há uma relação entre a física moderna como uma atual influência à nossa compreensão do campo da consciência. Em 1931, em Estudos da Consciência: Uma Visão Geral, Max Planck disse: “Não podemos ficar atrás da consciência. Tudo o que falamos, tudo o que consideramos existente, postula a consciência” (p.10). Apesar de parecer que a consciência seja um processo ou experiência objetiva, ela na verdade é acessada e compreendida apenas subjetivamente. Mesmo na tentativa de experimentar o próprio “Eu” objetivamente, e até mesmo em um estado alterado de consciência, ainda assim, é uma experiência subjetiva. Segundo Allan Combs, um teórico da consciência que estuda a complexidade da mente (2016), sugere, como mesmo a escolha de ser objetivo ainda se torna subjetiva, e conclui que toda experiência é subjetiva (p.59). Como tais visões de mundo, noção de cosmos e de universo, complexidades arquitetônicas, matemáticas, de formas e de crenças surgiram dentro de um período de tempo evolutivo tão curto quanto o precursor do homem moderno? Por esta razão, acredita-se que a consciência, a linguagem, a criatividade que impulsionaram o aparecimento do design, bem como a própria noção de ser, não pode ser totalmente explorada se não estivermos dispostos a beber a água das mesmas fontes que irrigam os canais da pesquisa enteogênica e das *epistemologias*² de povos ancestrais

2 Epistemologia: Também conhecida como a Teoria do Conhecimento, é o ramo da filosofia que estuda como o ser humano ou a própria ciência adquire e justifica seus conhecimentos.

“ Enquanto escrevo, penso no que Alfred North Whitehead disse sobre a compreensão, que é a percepção do padrão como tal. Esta também é uma definição perfeitamente aceitável de consciência. A consciência do padrão transmite o sentimento que acompanha a compreensão. Presumivelmente, não pode haver limite para quanta consciência uma espécie pode adquirir, uma vez que a compreensão não é um projeto finito com uma conclusão imaginável, mas sim uma postura em relação à experiência imediata. Isso parece evidente de dentro de uma visão de mundo que vê a consciência como análoga a uma fonte de luz. Quanto mais poderosa a luz, maior a área de superfície de escuridão revelada. A consciência é a integração momento a momento da percepção individual do mundo. Quão bem, quase se poderia dizer quão graciosamente, um indivíduo realiza essa integração determina a resposta adaptativa única desse indivíduo à existência. (McKenna, 1992, p.83)

figura 8

Terence McKenna (16 de novembro de 1946 – 3 de abril de 2000), escritor, orador, etnobotânico, psiconauta e historiador de arte norte-americano. - Autor de Food of Gods – O Alimento dos Deuses (1992).



“ Se os psicodélicos são exoferomônios que dissolvem o ego dominante, então eles são também enzimas que sinergizam a imaginação humana e dão força à linguagem. Ele faz com que conectemos e reconectemos os conteúdos da mente coletiva de maneiras ainda mais implausíveis, lindas e autorrealizadoras. Precisamos de uma definição aproveitável do que queremos dizer com “droga”. Uma droga é uma coisa que causa comportamento não examinado, obsessivo e habitual. Você não examina o comportamento obsessivo; você simplesmente o tem. Você não deixa nada se interpor no caminho de sua gratificação. Esse é o tipo de vida que nos estão vendendo em todos os níveis. Olhar, consumir e olhar e consumir mais ainda. A opção psicodélica está de lado, num canto minúsculo, jamais mencionada; entretanto ela representa o único fluxo diretamente contrário à tendência de deixar as pessoas em estados programados de consciência. Estados que não são programados por eles mesmos, mas pela Madison Avenue, pelo Pentágono, pelas 500 corporações da Fortune. Isso não é apenas uma metáfora; está realmente acontecendo conosco. (McKenna, 1992, p.316, 317, 318)

da antiguidade. A teoria da adaptação evolutiva de McKenna alega que a escassez de alimentos levou à descoberta de substâncias enteogênicas que permitiram a autorreflexão da condição humana e formas superiores de consciência. Os principais aspectos de sua teoria, presente em sua obra “O Alimento dos Deuses” (1992) se apresentam em tópicos no que se refere à consciência, à linguagem e ao design, que são:

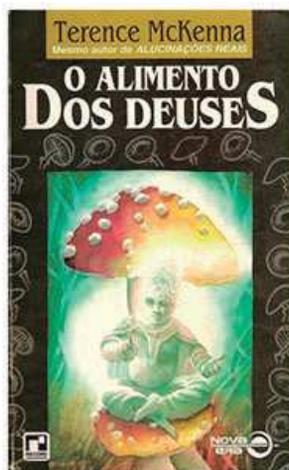


figura 9

- O “Elo Perdido” na Evolução Humana e a Escassez de Alimentos;
- O Surgimento da Arte e da Escrita Arcaica;
- As Origens Tribais da Linguagem;
- A Magia de Falar;
- Vaca Sagrada;
- Relações Entre o Cérebro, Linguagem e Realidade;
- Falo, Logo Existo;
- Com a Expansão da Consciência, Nasce Junto à Linguagem, o Início do Pensamento
- Criativo, Artístico, Projetual e Metodológico (Design) e a Tatuagem Como Um Elemento Implícito no Processo;

o “elo perdido” na evolução humana e a escassez de alimentos

Sabendo da inexistência de um modelo teórico, e sendo poucas as explicações sobre o tal “elo perdido” na evolução humana, McKenna (1992) argumenta que, mesmo sem evidências exatas, a evolução da postura ereta e a expansão para um nicho de pastagem dos primeiros homínídeos, seja mais provável que essa transição e migração tenha sido resultado de escassez de alimentos. As evidências fósseis e biológicas indicam claramente que o homem descende de ancestrais que

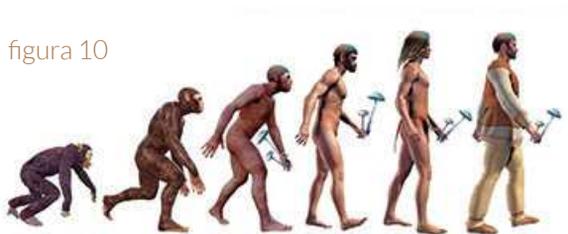


figura 10

não são radicalmente diferentes de espécies que existem ainda hoje. E mesmo assim o Homo Sapiens Sapiens pertence obviamente a uma classe separada dos outros membros da ordem (p.50).

Nicole Lopez, em 2020 publicou um artigo que também relaciona as origens da linguagem com o consumo enteogênico,

escassez de alimentos

“ A estratégia dos primeiros hominídeos onívoros era comer tudo o que parecesse comestível e vomitar o que não era palatável. Plantas, insetos e pequenos animais vistos como comestíveis por este método eram introduzidos na dieta. Uma dieta em mudança ou uma dieta onívora significa exposição a um equilíbrio químico em constante mudança. Um organismo pode regular esse aporte químico por meio de processos internos, mas, em última análise, as influências mutagênicas aumentarão e um número maior do que o normal de indivíduos geneticamente variantes será oferecido ao processo de seleção natural. Os resultados dessa seleção natural são mudanças aceleradas na organização neural, nos estados de consciência e no comportamento. Nenhuma mudança é permanente, uma cede lugar a outra. Tudo flui. (McKenna, 1992, p.46) ”

utilizando McKenna como base teórica, onde consta; “descoberta de plantas enteogênicas levou a uma regularidade alimentar devido à natureza abundante de seu habitat e aos benefícios cognitivos que se seguiram.

A acuidade visual ajudou na sobrevivência e aumentou a habilidade de caça e identificação da maturidade de frutos, uma consciência expandida e senso de comunidade e uma maior consciência da interdependência e a soma de todos esses fatores contribuíram para o

desenvolvimento das sociedades tribais. Como resultado, pode-se argumentar que a noção *cosmológica*³ que resultou no mundo ancestral foi a principal consequência da ingestão enteogênica”. (Lopez, N. 2020, p.6-7)



figura 11

.....
3 Cosmologia: É o estudo da origem e da composição do Universo. Os filósofos pré-socráticos são considerados cosmólogos por buscarem a origem racional do Universo. Cosmologia é o estudo da origem e da composição do Universo (Cosmos, em grego). “Atualmente, a cosmologia é uma vertente de estudos da Astronomia que lida diretamente com a origem do Universo por meio do uso de aparelhos tecnológicos e de cálculos físicos avançados. No passado, a cosmologia foi utilizada pelos pré-socráticos para descobrir a possível origem do Cosmos por meio de observações e especulações. Não havia instrumentos tecnológicos, portanto, o que eles poderiam fazer era observar a olho nu o que estava ao seu alcance, inclusive elementos encontrados no próprio planeta, e formular raciocínios com base em suas observações.”

o verdadeiro “elo perdido”

“ Meu ponto de vista é que os componentes químicos mutagênicos e psicoativos existentes na dieta dos primeiros humanos influenciou diretamente a rápida reorganização das capacidades de o cérebro processar informações. Os alcalóides contidos nas plantas, especificamente os compostos alucinógenos como a psilocibina, a dimetiltryptamina (DMT) e a harmalina podem ter sido os fatores químicos da dieta que catalisaram o surgimento da autorreflexão humana. A ação dos alucinógenos presentes em muitas plantas aumentou nossa atividade de processamento de informações e nossa sensibilidade ambiental, com isso, contribuindo para a súbita expansão do tamanho do cérebro. Como aconteceu num estágio posterior desse mesmo processo, os alucinógenos atuaram como catalisadores no desenvolvimento da imaginação, alimentando a criação de estratégias internas e esperanças que podem ter sinergizado o surgimento da linguagem e da religião. ”
(McKenna, 1992 p.54)

O Lamarckismo e o Darwinismo navegam nas hipóteses de como isso possa ter ocorrido, porém ninguém pode explicar de fato a rápida mudança ou o súbito surgimento de evidências de formas

superiores de consciência através do aparecimento da arte, da escrita, da criatividade, da linguagem, do *design* e de mitologias e sociedades altamente organizadas. (McKenna, 1992 p.87-58)

“ Como os cientistas foram incapazes de explicar essa triplicação do tamanho do cérebro humano em um período tão curto de tempo evolutivo, alguns dos primeiros paleontólogos de primatas e teóricos da evolução previram e procuraram evidências de esqueletos transicionais. Hoje, a ideia de um “elo perdido” foi largamente abandonada. O bipedalismo, a visão binocular, o polegar opositor, o braço de arremesso - todos foram apresentados como o ingrediente-chave na mistura que fez com que os humanos auto-refletivos se cristalizassem do caldeirão de tipos e estratégias de homínídeos concorrentes. No entanto, tudo o que realmente sabemos é que a mudança no tamanho do cérebro foi acompanhada por mudanças notáveis na organização social dos homínídeos. Tornaram-se usuários de ferramentas, fogo e linguagem. Eles começaram o processo como animais superiores e emergiram dele há 100.000 anos como indivíduos conscientes e autoconscientes. ”
(McKenna, 1992, p.54)

o aparecimento da arte e da escrita arcaica

“ O aumento da acuidade visual, o uso da linguagem e a atividade ritualística através do uso da psilocibina representaram novos comportamentos. Um desses novos comportamentos, o uso da linguagem, - que anteriormente era uma característica de importância apenas marginal, subitamente tornou-se muito útil no contexto de novos estilos de vida de caçador e coletor. Nesse caso, a inclusão de psilocibina na dieta mudou os parâmetros do comportamento humano em favor de padrões de atividade que promoviam o aumento da linguagem; a aquisição da linguagem levou a um maior vocabulário e à expansão da capacidade de memória. Os indivíduos usuários de psilocibina desenvolveram regras epigenéticas ou formas culturais que lhes permitiram sobreviver e se reproduzir melhor do que outros indivíduos. Finalmente, os estilos de comportamento epigeneticamente mais bem-sucedidos se espalham pelas populações junto com os genes que os reforçam. Desse modo, a população evoluiria genética e culturalmente. (McKenna, 1992, p.58-59)

Tal propriedade de padrões comportamentais que surge de forma tão emergente, pode ser atribuída ao uso constante de enteógenos, de maneiras que nenhuma outra teoria ainda explicou, afirma Nicole Lopez. (p. 6-7)

Pode-se concluir que, dos modos cotidianos de sobrevivência de caçador e coletor, uma maior sensibilidade ao meio ambiente contribuíram naturalmente para um funcionamento mais eficaz do comportamento tribal.

Uma maior sensibilidade à ecologia resultou em uma integração do espírito, ao mundo animal, a um profundo respeito pelos vivos e não vivos, e pela essência da existência de toda a humanidade.

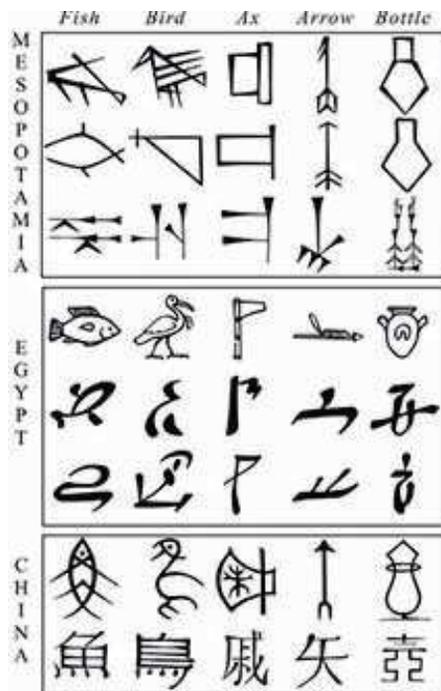


figura 12

as origens tribais da linguagem

“ A linguagem é uma atividade extática de significação. Intoxicado pelos cogumelos, a fluência, a facilidade, a aptidão de expressão de que se torna capaz são tais que se espanta com as palavras que brotam do contato da intenção de articulação com a matéria da experiência. A espontaneidade que os cogumelos liberam não é apenas perceptiva, mas linguística. Para o xamã, é como se a existência estivesse se verbalizando através dele. (Henry Munn, “Os Cogumelos da Linguagem”, 1973). ”

Um bom exemplo a ser demonstrado no debate da relatividade linguística é a língua Hopi. Os **Hopi**⁴ não têm conceitos de passado ou futuro ou aspectos de tempo, portanto, como o mundo deles pode ser como o nosso? (McKenna, 1992. p.35). Outro exemplo são os **Inuítes**⁵, que não possuem pronome de primeira pessoa (eu), consequentemente, como o conceito egóico de “eu” pode existir em seu mundo? E como o mundo deles pode ser como o nosso? (McKenna, 1992. p.35)

Afirma Lopez, que também é educadora de línguas, que os alunos de Inglês da Arábia Saudita têm muita dificuldade em usar formas complexas e abstratas de tempo encontradas no idioma inglês. Por exemplo, o *present perfect continuous* (às 3:00, estarei escrevendo por dez horas) é um conceito de tempo que não existe em árabe. Assim como os alunos de inglês que são falantes nativos da língua chinesa acham extremamente desafiador saber quando usar artigos (a, an, the) e

mudanças verbais porque esses dois conceitos gramaticais não existem em chinês. (Lopez, N. 2020, p.7)

figura 13



4 Hopi: A língua Hopi pertence ao grupo Uto-Azteca e é falada pelos Hopis, uma nação indígena do nordeste do Arizona, nos Estados Unidos da América.

5 Inuítes: Também conhecidos como inuit, são uma nação indígena de esquimós, localizados em regiões extremamente frias como algumas partes árticas da Groenlândia, Alasca e Canadá.

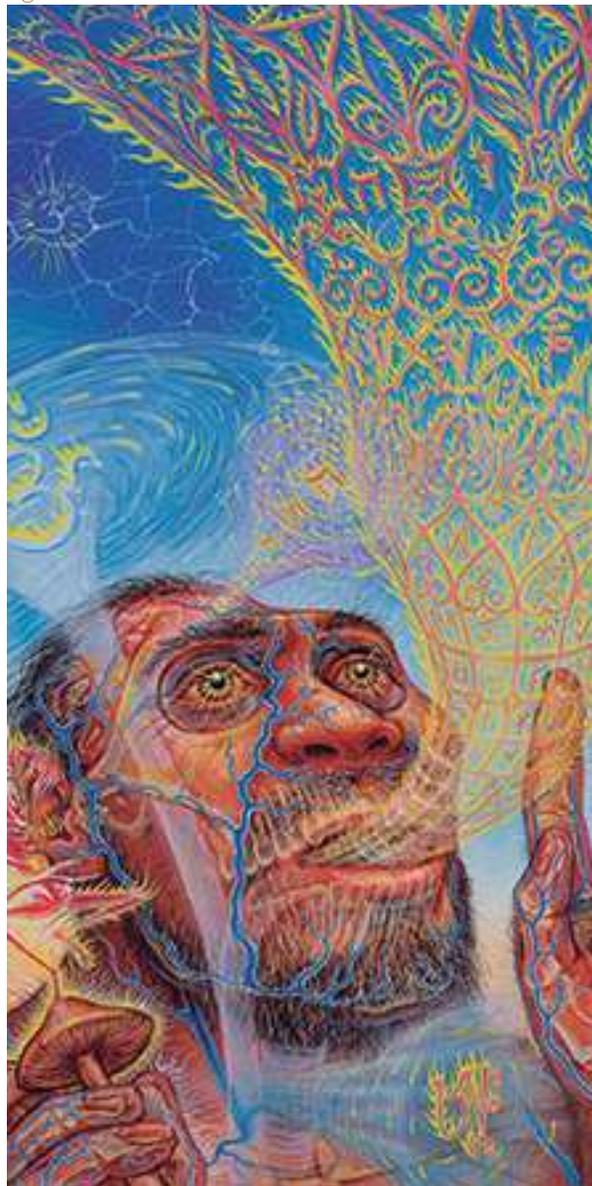
A teoria da relatividade linguística se encontra também na obra de George Orwell, 1984 (1949), onde os cidadãos da sociedade ditatorial governada pelo soberano “Big Brother” tem, por lei, seu vocabulário reduzido, na intenção de limitar de fato, seus próprios pensamentos. Sob a ótica do senso comum, pensa-se que embora as línguas estejam sempre evoluindo, a matéria-prima do que a linguagem expressa é relativamente constante e comum a todos os humanos (McKenna, 1992. p.35), mas a partir dos exemplos citados anteriormente, podemos concluir que isso claramente não se aplica. Talvez haja algo mais profundo que ainda não aprendemos sobre a diversidade do pensamento humano e seus impactos na linguagem. Além disso, muito do que tentamos entender sobre as línguas dos “outros” é entendido a partir de uma perspectiva Ocidental. McKenna afirma, que “as gramáticas das línguas e suas regras internas têm sido cuidadosamente estudadas, Ainda assim, muito pouca atenção foi dada ao examinar o modo como a linguagem cria e define os limites da realidade”. (McKenna, 1992. p.35). O ambiente humano é condicionado por restrições fisiológicas e também por construções sociais, como o design, posto em prática através da associação de símbolos e linguagem.

a magia de falar

Nossa necessidade de fazer parte do mundo parece exigir que nos expressemos através da atividade criativa. As fontes definitivas dessa criatividade estão ocultas no mistério da linguagem.

(McKenna 1992. p.34). Podemos pensar no xamã ou nos líderes religiosos tribais e de antigas civilizações politeístas, como sendo os ancestrais remotos da poesia e da arte, pois é sob a ótica tribal deles e sua magia que é realizada uma espécie de “perícia linguística”, sendo eles, alguém que têm uma visão do começo e do fim das coisas, e que consegue comunicar essa visão. (p.34)

figura 14



“ Talvez a linguagem seja mais bem compreendida quando pensada em termos de magia, já que a postura básica da magia é a de que o mundo é feito de linguagem. Se a linguagem é aceita como o dado primário do conhecimento, então nós, no Ocidente, fomos lamentavelmente enganados. Somente as abordagens xamânicas poderão nos dar respostas às questões que achamos mais interessantes: quem somos, de onde viemos e para que destino dirigimos? Essas perguntas nunca foram mais importantes do que hoje em dia. (McKenna, 1992, p.35) ”

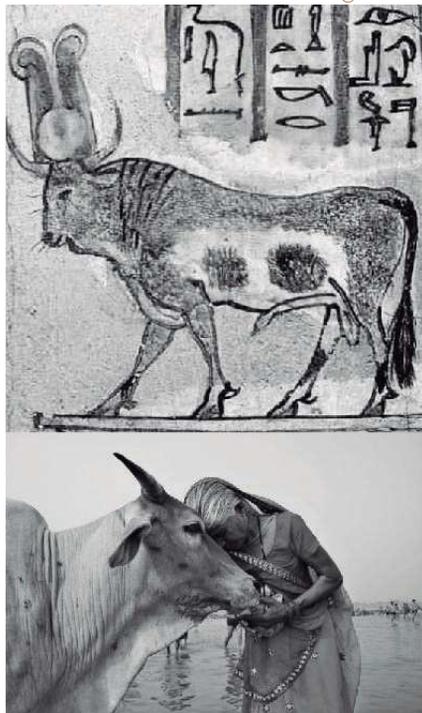
Repensar no conceito de linguagem como mágica é de grande magnitude, pois quando a experiência da comunicação é incorporada, o ato da articulação põe em ação todo um outro mecanismo de entendimento. Transformar uma ideia numa experiência concreta e depois transferir essa experiência para ser absorvida e entendido por outro ser, e assim, criar o sentido da ideia expressada através da verbalização da mesma, é realmente um acontecimento incrível, podendo ser encarado como mágico, dado às circunstâncias. Assim, a “palavra” que deu origem à vida, à existência. Lopez afirma que, de acordo com muitas culturas ao redor do mundo, foi o som que deu origem à formação da experiência humana. (Lopez, N. 2020, p.8)

vaca sagrada

“ Os primeiros encontros entre hominídeos e cogumelos contendo psilocibina podem ter procedido a um milhão de anos ou mais a domesticação do gado na África. E durante esse período de um milhão de anos, os cogumelos não foram apenas colhidos e comidos, mas provavelmente também alcançaram um status de culto. Mas a domesticação do gado selvagem, um grande passo na evolução cultural humana, ao trazer os homens para mais perto do gado, também permitiu um maior contato com os cogumelos, porque esses cogumelos crescem apenas nas fezes do gado. Como resultado, a interdependência entre os homens e o cogumelo foi aumentada e aprofundada. Foi nessa época que os rituais religiosos, a criação de calendários e a magia natural começaram a existir. (McKenna, 1992, p.49) ”

teoria evolutiva

figura 15



Nota-se, através de estudos e evidências, como em escrituras rupestres, nas primeiras simbologias de linguagem, hieróglifos antigos, como adoração ao gado é encontrada em toda a antiguidade. Muitas razões para a veneração do gado foram dadas, como na Índia e no Egito, onde especificamente, o gado não apenas representava a fertilidade e o Divino encarnado, mas também forneceu um componente-chave em suas práticas espirituais além do simbólico. A substância enteogênica encontrada no esterco do

gado Zebu chama-se Psilocybe Cubensis e já era conhecida em diversas culturas ancestrais de diferentes lugares do mundo, como na China, Tailândia, México, Argélia, América Central e do Sul, entre outros. Ao longo do tempo, o gado passou a servir não apenas para fins religiosos, mas também agrícolas, o que foi de grande importância para o desenvolvimento das sociedades agrárias e ainda hoje (infelizmente) nos tempos atuais. (Lopez, N. 2020, p.9)

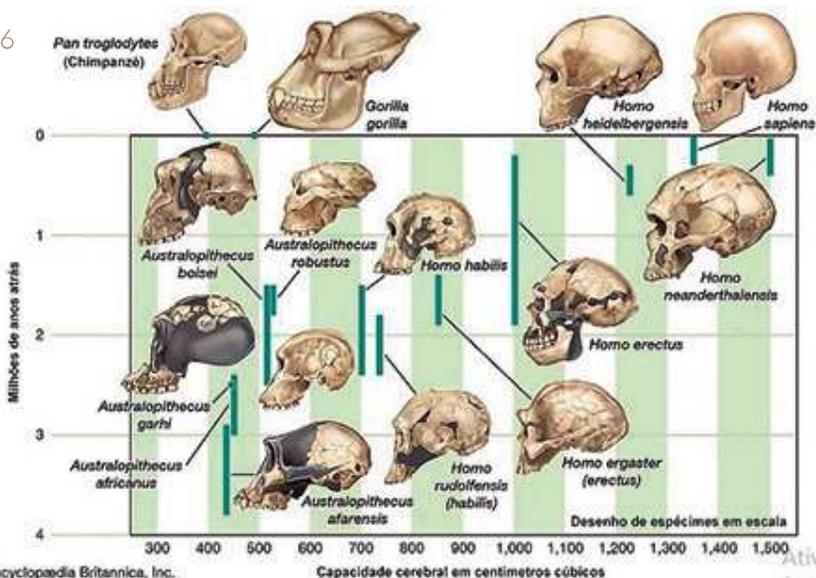
relações entre o cérebro, a linguagem e a realidade

“

Nossa capacidade de formação de linguagem pode ter se tornado ativa através da influência mutagênica de alucinógenos que atuam diretamente em organelas relacionadas ao processamento e geração de sinais. Essas subestruturas neurais são encontradas em várias partes do cérebro, como a área de Broca, que comanda a formação da fala. Em outras palavras, abrir a válvula que limita a consciência força a verbalização, quase como se a palavra fosse uma concretização de significados anteriormente sentidos mas inarticulados. Esse impulso ativo de falar, o “impulso das palavras”, é sentido e descrito na cosmogonia de muitos povos. (McKenna, 1992, p.87)

”

figura 16



Sabendo que a Área de Broca e o Neocórtex pertencem ao grupo de áreas do cérebro humano que evoluíram mais recentemente, não é estranho que sejam responsáveis pelo controle de processamento de símbolos e linguagem. Lopez afirma que culturas com sistemas de escrita altamente sofisticados, como hieróglifos e chinês tradicional, possuem uma capacidade linguística diferente da Ocidental. (Lopez, N. 2020, p.10)

As estruturas neurais dentro da área de Broca e do neocórtex “se preocupam com conceituação, visualização, significação e associação, que são altamente desenvolvidas em nossa espécie”. (McKenna, 1992, p.82), porém, como princípio de ambos os sistemas antigos mencionados; a escrita, o simbolismo, a significação, a conceituação e a fonologia funcionam sob processos únicos, distintos das línguas em que as letras não significam nada e são construídas para a consciência fonêmica, como no Ocidente. Fica evidente que a linguagem e seus sistemas de escrita precisassem emergir de maneira extremamente precisa, significada e integral, e ao mesmo tempo lúdica. (Lopez, N. 2020, p.10)

Conclui-se que, enfatizando a teoria de McKenna, sob a ótica Teoria da Relatividade Linguística; ao que se refere ao uso enteogênico e ao comportamento tribal como a porta de entrada para manifestações elevadas e complexas da consciência evoluída, como linguagem, criatividade, arte, design e religião; o simbolismo e a expressão têm um significado ainda mais complexo do que a visão Ocidental compreende atualmente.

falo, logo existo

McKenna afirma em seu obra, que as línguas parecem invisíveis para quem as fala, e mesmo assim criam o tecido da realidade para seus usuários. O problema de confundir a linguagem com a realidade é bem conhecido no mundo cotidiano. E que o uso de plantas é um exemplo de uma linguagem complexa de interações químicas e sociais. No entanto, a maioria de nós não tem consciência dos efeitos das plantas sobre nós mesmos e sobre a nossa realidade, em parte porque esquecemos que as plantas sempre mediarão o relacionamento cultural dos homens com o mundo ao nosso redor. (1992)

Considerando que McKenna defende com unhas e dentes a influência que as plantas tiveram na formação da consciência humana e, especificamente, na linguagem, na criatividade e na capacidade de expressão, é totalmente considerável atribuir à Teoria da Relatividade Linguística, a função de base de apoio para Teoria do Macaco Alucinado, e como ambas trabalham como uma lente óptica da linguagem como visão de mundo.

O grau de influência não é inquestionável, mas também parece bastante óbvio, ao observar várias culturas ao redor do mundo e como suas línguas interpretam o universo ao seu redor. Sendo a linguagem a parte que integra a cultura, as funções cerebrais podem proporcionar outra visão sobre como a linguagem moldou, definiu e influenciou sociedades mais holísticas encontradas entre culturas tribais e também civilizações arcaicas e ancestrais.

Lopez afirma que, se a linguagem é, de fato, um sistema adaptativo complexo que emergiu de fontes vegetais enteogênicas e possui variações dependentes da cultura, contribuindo para a formação de realidades ontológicas e visão de mundo, ao impor línguas coloniais a povos subjugados, o Ocidente orquestrou sistematicamente a destruição dos vastos fundamentos epistemológicos da verdade sobre as próprias questões que orientam as ciências como: por que existimos? Como a vida começou? Existe apenas uma realidade? Com a propagação do imperialismo linguístico e das políticas de ensino das línguas coloniais, a espécie humana está evoluindo para uma entidade global unificada que eventualmente compartilhará a mesma realidade ontológica do que é. Enquanto uma língua unificada tem grandes vantagens para o compartilhamento de conhecimento e comunidade, ela também corta nossas heranças ancestrais únicas e limita as diferentes maneiras de ver o mundo. A oração pode ser autêntica em uma língua desconhecida? Por exemplo, os muçulmanos de todo o mundo são obrigados a recitar o Alcorão e orar em árabe, mas alguns não falam ou entendem o idioma. Como a oração pode então ser autêntica?

O artigo “Metodologia de Pesquisa sobre Desenvolvimento da Linguagem a partir de uma Perspectiva de Sistemas Complexos” é uma consideração de “maneiras de pesquisar o desenvolvimento da linguagem” adotando as teorias aqui abordadas como seu arcabouço devido à natureza do uso e desenvolvimento da linguagem com a esperança da criação de uma “nova ontologia”. (2008, p.200)

Esta nova ontologia deve mudar da tradicional lente cartesiana ocidental (Lafleur, 1950) para uma lente integrativa e holística que engloba todas as variáveis que contribuem para a forma como entendemos a linguagem e o mundo ao nosso redor. A partir dos paradigmas orientais e ocidentais, assim como das plantas, do tribalismo, do xamanismo e de outras formas de conhecimento, obteremos um quadro mais completo desse fenômeno fascinante. Devemos considerar o significado da linguagem não apenas para a humanidade, mas também para todas as outras espécies existentes em nosso ecossistema com as quais compartilhamos interdependência, relacionamento e algum tipo de conexão. (Lopez, N. 2020, p.11-12)

com a expansão da consciência, nasce junto à linguagem, o início do pensamento criativo, artístico, projetual e metodológico (design) e a tatuagem como um elemento implícito nesse processo

As características que nos diferem brutalmente de outros animais não estão no âmbito físico, e sim no psicológico, mais precisamente no cognitivo, como: dança, filosofia, pintura, poesia, esportes, meditação, fantasia erótica, política, auto-intoxicação exótica, e resolução de problemas complexos, (McKenna, 1992. p.79). Sendo, no sentido literal o Homo Sapiens, o animal pensante, o sábio; acarretam que nossos atos são subprodutos de uma dimensão que é exclusivamente

nossa, rica em pensamentos, emoções e memórias; a dimensão da Psique, da atividade cognitiva. (p.79)

É somente nessa dimensão exclusiva do homem moderno, estruturada por símbolos e linguagem, e não apenas a restrições físicas e biológicas às quais todas as outras espécies estão submetidas, que o ambiente se torna humano; condicionado pelo símbolo e pelo significado, e este último sendo parte da consciência coletiva. Tal elevação cognitiva nos permite atuar numa dimensão “supranatural”, — distinta das atividades comuns das outras formas de vida orgânica. É espantosa a diferença de realidade que alcançamos, temos o poder de alterar e atualizar nossas crenças e suposições culturais, alterar e modelar o mundo natural na busca de objetivos ideológicos, tudo de acordo com os símbolos e significados que moldam nossa percepção do mundo. (p.80)

possibilidades de sua liberdade pessoal e fortalecem sua autonomia, já que através de estímulos sinestésicos que impulsionaram o desenvolvimento do pensamento criativo, o homem existe e passou a evoluir, se expressar e alterar aspectos da realidade e do universo das infinitas possibilidades humanas.

Segundo Cleusa Kazue Sakamoto, “a Criatividade em nossa maneira de ver, em primeira instância é manifestação do “potencial” ou da “capacidade” criativa, já que de imediato, podemos dizer, que ela é uma ação ou expressão humana. Sendo “atividade”, portanto, nos parece inadequada uma referência costumeira encontrada na literatura do assunto, que evidencia o ‘uso da criatividade’. Nestas oportunidades, nos parece mais indicado dizer que “nós realizamos a ação criadora” e sendo assim, podemos ainda, melhor qualificar os fundamentos da atividade criativa e resgatar a dimensão de “realização” associada à

“ Através do ato de falar entramos num flerte com o âmbito da imaginação. A capacidade de associar sons - ou os pequenos ruídos orais da linguagem - com imagens internas significativas é uma atividade sinestésica. (McKenna, 1992. p.82)

Sobre “O Início do Pensamento Criativo”, não podemos deixar de expressar também, ainda no âmbito do estudo da atividade tribal, o intenso contato que esse assunto nos põe com interessantes compreensões sobre a natureza humana; sendo através da criatividade, que o ser humano consegue realizar a construção de seu destino e do seu próprio universo. Acredita-se que através da atividade criativa, os seres humanos alcançam uma consciência sobre seus potenciais, expandem as inúmeras

criatividade humana. A atividade criativa se mostra voltada para aquilo que a identifica como mais essencial, nos vemos impelidos a apresentar uma definição mais ampla do que os conceitos usuais dados ao fenômeno, ampliando de certa maneira as perspectivas de pesquisa na área. Assim, *a Criatividade é a expressão de um potencial humano de realização, que se manifesta através das atividades humanas e gera produtos na ocorrência de seu processo.* (p.4 -ou 52, 2000.)

“

Os símbolos permitem que guardemos informações fora do cérebro físico. Isso cria para nós uma relação com o passado muito diferente do que existe para os outros animais. Finalmente podemos acrescentar a qualquer análise do quadro humano a noção de modificação ou de atividade autodirecionada. Podemos modificar nossos padrões de comportamento baseados numa análise simbólica de eventos passados; em outras palavras, através da história. Através de nossa capacidade de armazenar e recuperar informações na forma de imagens e registros escritos criamos um ambiente humano tão condicionado pelos símbolos e pela linguagem quanto por fatores ambientais e biológicos. (McKenna, 1992. p.80)

”

figura 17



“

Nosso amor especial e febril pela palavra e pelo símbolo nos deu uma gnose coletiva, uma compreensão coletiva de nós mesmos e de nosso mundo, que sobreviveu através da história até épocas bem recentes. Essa gnose coletiva está por trás da fé que os séculos anteriores tinham em “verdades universais” e valores humanos comuns. As ideologias podem ser vistas como ambientes de significado definido. São invisíveis, no entanto nos rodeiam e determinam para nós, - ainda que possamos jamais perceber -, o que devemos pensar sobre nós mesmos e a realidade. Na verdade, eles definem para nós o que podemos pensar. (McKenna, 1992, p.81)

”

Com as atuais mudanças no mundo, busca-se a evolução de seu paradigma para um que abranja nossa realidade global atual. A necessidade de estruturas socioecológicas que busquem encontrar padrões, conexões, relações e novidades, são de grande importância na busca de soluções para problemas complexos. Afinal, se com o surgimento da linguagem, foi-se capaz de expandir a consciência ao ponto de transmitir ideias através da associação de sons, símbolos e escritas cujos significados foram atribuídos com ajuda das sensações sinestésicas e expansão cognitiva causadas pela ingestão a longo prazo de enteógenos, tal expansão também permitiu adquirir imaginação suficiente para pensar e elaborar objetos, que seriam usados como armas e ferramentas de auxílio de coleta e caça e outros afazeres sociais. Além de marretas, objetos com superfícies laminadas e pontiagudas, cujas para retenção de líquidos, uso de folhagens e peles para auxiliar a proteger do frio e do calor, que mais tarde seriam chamadas de vestimentas ou roupas, marcações simbólicas em rochas e árvores que posteriormente poderiam ser chamados de arte e até propaganda, assim como marcações em seus corpos, por motivações diversas, que mais tarde seriam chamados de tatuagem, e talvez até as técnicas necessárias para o domínio do fogo.

São inúmeras as descobertas e possíveis soluções para problemas e necessidades que se apresentavam constantemente. Então nesse ponto, junto com a expansão da consciência e a linguagem, nasce também o que seria chamado de Design, que afinal, o que seria se não um conjunto

tentativas (início do pensamento criativo, artístico, projetual e metodológico) de soluções práticas para problemas de diferentes níveis de complexidade, e também o surgimento da tatuagem como um elemento implícito nesse processo.

A tatuagem como prática da ornamentação na pele está associada ao próprio surgimento do Homem. Assim, ela parece ter aparecido em diferentes momentos e lugares do planeta, em todos os continentes, e talvez antes mesmo de suas formações geomorfológicas atuais, com uma ampla variação de propósitos, técnicas e resultados. Segundo Giuseppe Mucciarelli, pode-se afirmar que antes mesmo de desenhar sobre a rocha, o homem primitivo, de qualquer maneira e por alguma razão, marcava a sua pele com incisões que deixaram cicatrizes ou marcas coloridas de pigmento propositalmente inserido.(1998-1999)

Elle Festin, um tatuador tribal Filipino e pesquisador da área, diz que, um exemplo que pode ser pensado como origem da tatuagem como atividade criativa tribal, são os padrões tatuados nos corpos dos membros de algumas tribos, cujos fatores que os determinam, normalmente se baseiam em elementos da natureza que tenham relação o suficiente para ser utilizado como característica de identidade da tribo, como vegetação local, fauna local, entre outros elementos. Os padrões desenhados na pele, de alguma forma tentavam seguir ou representar os elementos escolhidos pela tribo como característica de identificação. Por exemplo, tribos que ficavam em regiões montanhosas, costumavam representar

montanhas ou pássaros em seus padrões tatuados, ou tribos que habitavam regiões onde determinada planta, fungo ou animal eram predominantes ou importante de alguma forma para a tribo, também representavam em seus padrões de tatuagem os tais elementos. E assim, criava-se uma identidade visual, uma personalidade tribal que ajudava na hora de ser reconhecido e se relacionar com membros de outras tribos. (Explicando: ep. Tatuagem, Netflix, 2018)

Acredita-se que ela derive das cicatrizes corporais, ou seja, o homem primitivo passou a gostar de marcar seu corpo, também para assinalar fatos da vida, como nascimento, reprodução e morte e, posteriormente, para marcar fatos sociais, como tornar-se um guerreiro, casar-se, celebrar vitórias e identificar prisioneiros. (Marques, T. 1997)

Horiyoshi III, um ancião e Mestre da Tatuagem Japonesa, citando diferentes estilos de tatuagens existentes na atualidade, ao comparar a tatuagem tradicional japonesa com a tatuagem tradicional americana, atribui a elas diferentes significados, que, sob a ótica da pesquisa aqui realizada, partiram de diferentes pontos da consciência e da imaginação humana; enquanto a tatuagem tradicional japonesa representa histórias e mitologias que reforçam sua identificação cultural, a tatuagem tradicional americana traz fortes elementos relacionados com a memória, funcionando como uma linha do tempo ilustrada, marcando

acontecimentos importantes ocorridos durante a vida da pessoa ou com seu povo e cultura. (Explicando: ep. Tatuagem, Netflix, 2018)

Segundo o artigo “Tatuagem: Aspectos Históricos e Hipóteses Sobre a Origem do Estigma”, publicado no Brazilian Journal of Forensic Sciences, Medical Law and Bioethics, há indícios que a tatuagem tenha sido distribuída pelo mundo através das grandes navegações dos países europeus.

Acredita-se que a tatuagem, como atividade tribal, uma prática extinguida pela cultura ocidental –Europa Ocidental, por conta dos dogmas trazidos pelas religiões monoteístas –em especial o cristianismo– após sua ascensão sob o politeísmo presentes em diferentes tribos do mundo, assim como em antigas civilizações europeias e do mediterrâneo como os Celtas, os Vikings, os Persas e até mesmo Romanos do período pré-cristão, entre diversas outras, que também possuem indícios da presença da tatuagem em suas civilizações–, e tenha sido esquecida até o retorno do navegador inglês, James Cook, de suas explorações aos Mares do Sul, atual Polinésia, na década de 70, em meados do ano de 1769. (2013)

São muitos os achados arqueológicos que comprovam a existência *atávica*⁶ da tatuagem. Segundo James Owen, o mais antigo ser humano tatuado do mundo que se tem conhecimento por conta da preservação de seu corpo, é o chamado

6 Atávico: Transmitido ou adquirido de maneira hereditária; hereditário: seu talento era atávico. [Figurado] Que se transmite de uma pessoa para outra: possuía um rancor atávico.

Homem de Gelo, ou “Ötzi”. Ele foi identificado como sendo um corpo da Idade do Bronze, com cerca de 5.300 anos, tendo sido encontrado por um caçador na Itália, junto à fronteira com a Áustria, em 1991. Seu corpo possuía cerca de 60 tatuagens, que consistiam em pontos e linhas simples, localizados na região lombar, na parte posterior do joelho esquerdo e no tornozelo direito. (2013)

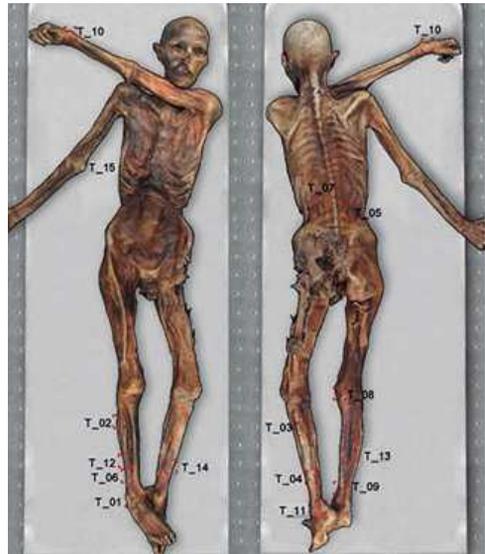


figura 18

Como acadêmico do curso de design, ilustrador e artista, tatuador autoral, aprendiz de línguas e amante do universo da micologia e botânica, a experiência que desenvolvo permite a validação da “Teoria do Macaco Alucinado”, de McKenna, como base teórica para uma compreensão holística da variabilidade dentro do universo do consumo enteogênico e seu importante papel na evolução da Psique humana, com o desenvolvimento da linguagem e do pensamento criativo, artístico, projetual e metodológico, que posteriormente seria chamado de *Design*, e a tatuagem como um elemento implícito nesse complexo processo.

capítulo 3

ENTEÓGENOS POPULARES

ENTEÓGENOS POPULARES:

cogumelos (mushrooms)

Os fungos alucinógenos, ou cogumelos mágicos, são conhecidos por serem utilizados em rituais religiosos indígenas ou na cura de pessoas, porém a partir da década de 80, estes fungos começaram a ter destaque como forma de alucinógeno recreativo. No Brasil estes fungos podem ser encontrados em diversos locais, tornando seu consumo de fácil acesso, aumentando assim, o risco de intoxicação por ingestão de doses elevadas ou por consumo errôneo de espécies de fungos. No caso da intoxicação podem se utilizar de várias metodologias toxicológicas simples. O consumo e venda destes cogumelos em alguns lugares é considerado um crime. Dentre os gêneros de cogumelos mágicos o *Psilocybe Cubensis*, possui a substâncias psilocibina, composto alcalóide, indol-alquilamina, que pertence ao grupo das Triptamina, que provoca reações como alucinações visuais, alterações do estado de consciência, alterações do pensamento e do humor. O presente estudo realiza uma revisão sobre o estudo dos fungos alucinógenos com enfoque no *Psilocybe Cubensis*. A forma como a substância psilocibina age no organismo e o uso desta no tratamento da depressão,



figura 19

ansiedade, diversos tipos de transtornos e síndromes, dentre outras.

Os cogumelos mágicos, assim chamados pelos seus poderes alucinógenos e enteogênicos, têm chamado cada vez mais atenção. Antes de seu uso recreativo, foi e ainda é um instrumento medicinal-terapêutico e espiritual-ritualístico utilizados por diversos povos ancestrais, cujo potencial de cura abrange desde questões do corpo físico e mental, e até mesmo espiritual, e eles são atualmente alvos de pesquisas ao redor do mundo por seus efeitos terapêuticos — que vão do tratamento de ansiedade e depressão, até a ajuda para deixar certos “vícios”.

A grande responsável por esses efeitos é a psilocibina. Ela se trata de um alcalóide psicodélico que ativa principalmente os receptores de serotonina (5ht2a), mais proeminentes na área do nosso cérebro responsável pelo nosso humor, cognição e percepção. A substância ainda é, segundo o Global Drug Survey, a droga mais segura do mundo. Sua taxa de risco é pelo menos três vezes menor que a de qualquer outro psicoativo, seja ele natural ou sintético.

enteógenos populares

Mas essa substância só pode ser encontrada em algumas espécies de cogumelo, como o *Psilocybe cubensis* e alguns parentes próximos. E é aí que mora o perigo: na caçada pelos cogumelos, já foi, e ainda é muito comum confusão na hora da distinção entre os cogumelos corretos e os venenosos, tornando a experiência algo arriscado, talvez até fatal.

Aqui será ressaltado os principais tipos de cogumelos alucinógenos e como identificá-los. Mas um alerta: Não é recomendado o consumo de fungos dos quais você não tenha conhecimento da espécie! Estude bem antes de pensar em consumir qualquer tipo de cogumelo selvagem. Os cogumelos *psilocibinos*, que incluem espécies como *Psilocybe cubensis*, *Psilocybe azurescens*, *Psilocybe semilanceata*, *Psilocybe mexicana*, *Psilocybe cyanescens* e *Psilocybe baeocystis*, são reconhecidos por suas propriedades psicodélicas devido à presença de *psilocibina* e *psilocina*.

Embora tenham suas diferenças, existem algumas características compartilhadas entre os cogumelos *psilocibinos*, que são:

- Cogumelos com uma cor marrom dourada;
- Tendem a ter um véu roxo protegendo as brânquias, ou, se quebrado, um pequeno anel roxo escuro no caule;
- Seus caules apresentam manchas azuis quando machucados;



figura 20

Curiosidade: sobre o azulamento, em 2019, foram descobertas suas causas. O pigmento azul não é apenas um único composto, mas uma mistura complexa de produtos de oxidação da *psilocibina*. A maioria deles são oligômeros de *psilocina* quinóides – compostos não muito diferentes do índigo, um pigmento azul escuro usado para tingir jeans. Todos os seis pigmentos identificados pela equipe do estudo são produtos de uma reação em cascata começando com *psilocibina*.

principais tipos de cogumelos

Quando falamos em cogumelos psicodélicos, devemos credibilizar a *psilocibina* como responsável pela maioria desses processos, com exceção de alguns outros pertencentes a outro gênero, como o *Amanita Muscaria*

Alguns dos mais conhecidos são:

- *Psilocybe cubensis*;

- *Psilocybe azurescens*;
- *Psilocybe semilanceata*;
- *Psilocybe mexicana*;
- *Psilocybe cyanescens*;

- *Psilocybe baeocystis*;
- *Panaeolus cinctulus*;
- *Panaeolus cyanescens*;
- *Amanita muscaria*.

psilocybe cubensis

O *Psilocybe cubensis* é uma espécie comum, conhecida por sua facilidade de cultivo e efeitos psicodélicos. Possui um chapéu cônico e um estipe que escurece com a idade. É o cogumelo mágico mais popular do mundo, e cresce com bastante frequência não apenas nos Estados Unidos e na América Central, mas também em todo o resto do mundo, incluindo América do Sul, Cuba, Austrália e muitas partes da Ásia. Ele tem sido muito usado na fabricação de microdoses, como alternativa medicinal-terapêutica.

Seu habitat natural é geralmente uma pastagem úmida. Alguns micologistas, incluindo Paul Stamets, se referem a ele como um fungo coprofílico, ou seja: É habitualmente encontrado em esterco, especificamente no de ruminantes. Pode parecer meio nojento, mas a razão para isso é realmente interessante.

As partes do organismo responsáveis pelo processo digestivo, e o próprio esterco de algumas mamíferos ruminantes tendem a ter o pH baixo, permitindo assim, a proliferação de micro-organismos, incluindo algumas enzimas, que participam do processo de desenvolvimento dos esporos dos cogumelos mágicos em suas fezes.



figura 21

Na aparência, o *Psilocybe cubensis* muda de cor dependendo da idade. Enquanto jovem, sua coloração é marrom-avermelhada, quase canela. Ao amadurecer mais, ele assume uma coloração marrom-dourada, e pode mudar para um amarelo pálido ou quase completamente branco quando velho. A tampa é cônica ou em forma de sino quando jovem e pode se expandir para uma aparência mais convexa com o passar do tempo. Quando machucado, um tom azulado pode ser observado.

O *Psilocybe cubensis* tem diversas cepas diferentes, das quais se destacam as mais comuns e populares, que são:

enteógenos populares

Cogumelos Golden Teacher: bem comuns aqui no Brasil, essa variedade levemente potente se parece com seu homônimo, apresentando chapéus lindamente largos e dourados e hastes grossas e sinuosas.

Cogumelos B+ cubensis: esses cogumelos mágicos crescem na natureza em áreas úmidas dos Estados Unidos, como a Flórida, e são um híbrido de *Psilocybe azurescens* e *Psilocybe cubensis*. Ela é rápida para germinar e, na maturidade, apresenta um chapéu grande cor de caramelo e um caule grosso.

Cogumelos Penis Envy: com um formato, como você já deve imaginar, bem fálico, essa cepa apresenta um chapéu marrom dourado e um caule amarelo pálido. É conhecida por sua propensão à contaminação e vida útil curta, embora seja muito potente.

psilocybe azurescens

O *Psilocybe azurescens* é uma espécie encontrada principalmente na costa oeste dos Estados Unidos, com um chapéu ondulado e um estipe que pode apresentar tons de azul. Também chamado de cogumelo “disco voador”, tende a crescer na natureza ao longo da costa oeste dos Estados Unidos, preferindo áreas costeiras e pastagens arenosas para viver. Esta espécie é bem abundante por lá durante os últimos meses do ano, começando em setembro e estendendo-se até janeiro por conta da umidade.



figura 22

Em questão de aparência, seus chapéus, que parecem pires achatados quando maduros, lembram discos voadores — a psicodelia já começa aí. A sua coloração é castanho-caramelo, possivelmente mais escuro enquanto úmido depois de uma chuva forte. Suas brânquias são marrom-escuras, e contrastam com seu caule branco.

O *Psilocybe azurescens* é um cogumelo com uma aparência distintiva que facilita sua identificação, especialmente quando se considera a combinação de características como a cor higrofânica do chapéu, o azulamento do estipe quando danificado, e a disposição das lamelas. Seu habitat específico também ajuda na identificação, embora seja crucial muita atenção para evitar a confusão com outras espécies tóxicas.



figura 23

psilocybe semilanceata

O *Psilocybe semilanceata*, também conhecido como “liberty cap”, tem um chapéu cônico e cresce naturalmente nos Estados Unidos e no Canadá, bem como em algumas partes da Europa. O ambiente favorito do *Psilocybe semilanceata* são prados e pastagens, embora ele não cresça no esterco — como seu primo *cubensis*. Em vez disso, fungos dessa espécie tendem a aparecer no meio da grama, principalmente após chuvas ou dias mais úmidos.

Na aparência, destaca-se: seu chapéu castanho claro com alguns sulcos, que correspondem às brânquias. O seu caule é branco, geralmente bem longo e curvilíneo. Quando machucado ou danificado, o *Psilocybe semilanceata* também exibirá rapidamente uma coloração azul, típica de cogumelos psilocibinos.

psilocybe mexicana

A espécie *Psilocybe mexicana* tem uma longa história incrível: ela era (e ainda é) usada em rituais religiosos e práticas de cura de povos nativos da América Central. Por eles, é chamada de “carne de Deus”. Sua importância para o desenvolvimento cultural e espiritual da região é imensurável. A olhos menos atentos, essa espécie pode se confundir com o *Psilocybe semilanceata*. Na prática isso é bem improvável, já que crescem naturalmente em partes do mundo bem distantes e distintas.



figura 24

Em sua aparência, o *Psilocybe mexicana* tem um chapéu cônico ou em forma de sino, marrom, e geralmente sulcado por conta das brânquias subjacentes. Suas hastes geralmente não são tão curvas e assumem uma coloração amarela pálida, em vez de puramente branca. Como a maioria dos cogumelos psilocibina, quando machucados, assumem uma coloração azul profunda nas áreas afetadas.

enteógenos populares

psilocybe cyanescens

Também chamado de “Wavy Caps” (ou chapéu ondulado, em bom português), o *Psilocybe cyanescens* é uma espécie de cogumelo que cresce nos Estados Unidos e Canadá, Europa Ocidental e Central, Nova Zelândia e até Irã no Oriente Médio. É frequentemente encontrado crescendo em áreas urbanas, e prospera em lascas de madeira.



figura 25

No quesito aparência: o nome chapéu ondulado vem, como você pode suspeitar, do jeitinho bem diferente do *cyanescens*. Quanto mais maduro, mais provável que seu chapéu assuma uma aparência ondulada e cheia de curvas. As brânquias desta espécie são grossas e podem causar o aparecimento de sulcos no chapéu.

A aparência do *Psilocybe cyanescens* é caracterizada por um chapéu e as brânquias têm coloração caramelo, enquanto o caule é esbranquiçado, o estipe é longo, fino e geralmente curvado. Assim como os demais cogumelos psilocibinos, tende a ficar azul quando são danificados ou expostos ao ar por conta da oxidação.

psilocybe baeocystis

Às vezes chamado de “tampas de garrafa” ou “sinos azuis”, o *Psilocybe baeocystis* cresce naturalmente no noroeste dos Estados Unidos. Isso ocorre graças às chuvas frequentes e à alta umidade da região. A espécie adora cobertura morta e lascas de madeira, e pode ser encontrada em áreas paisagísticas, embora não tenha se proliferado globalmente como o *cyanescens* e o *cubensis*.



figura 26

No quesito aparência, o *Psilocybe baeocystis* tem uma coloração única, geralmente entre o verde escuro e o verde oliva. Às vezes, tem tons azuis mesmo sem hematomas e, quando está machucado, essa coloração se torna ainda mais profunda. Tem um chapéu cônico e uma haste branca. O *psilocybe baeocystis* é um cogumelo com uma aparência distinta que facilita sua identificação. Mesmo assim, é necessário ter muita atenção para evitar confusão com espécies tóxicas.



figura 27

panaeolus cinctulus

Também chamado de cogumelo psyche ou cogumelo de listras, apesar de não pertencer ao mesmo gênero dos Psilocybe, o Panaeolus Cinctulus também possui psilocibina, sendo um cogumelo basidiomiceto que pertence à família Bolbitiaceae. É conhecido por crescer em áreas ricas em matéria orgânica em decomposição, como gramados, campos e esterco animal.

O Panaeolus cinctulus foi descrito pela primeira vez cientificamente em 1874 por Mordecai Cubitt Cooke. Desde então, tem sido identificado em várias partes do mundo, incluindo América do Norte, Europa, Austrália e Ásia. Tradicionalmente, esses cogumelos não foram amplamente utilizados em práticas culturais específicas, mas foram reconhecidos por suas propriedades alucinógenas em tempos mais recentes.

Possui seu chapéu marrom a castanho-escuro, que pode apresentar uma margem mais clara. O chapéu é convexo, tornando-se plano com a idade, podendo medir entre 2 a 5 cm de diâmetro. As lamelas são pretas, estreitamente espaçadas e aderentes.



figura 28

panaeolus cyanescens

Assim como seu primo Panaeolus Cinctulus, o Panaeolus Cyanescens não pertence ao mesmo gênero dos Psilocybe, mas também contém psilocibina. Pertencente à família Bolbitiaceae, este fungo é encontrado em várias regiões do mundo, especialmente em áreas tropicais e subtropicais. Historicamente, o uso do Panaeolus cyanescens em rituais xamânicos e cerimônias espirituais é bem documentado, especialmente em culturas indígenas da América Central e do Sul. Wasson (1957), um dos pioneiros no estudo de cogumelos psicotrópicos, bem como vários outros estudiosos da área, destacam a importância desses fungos na espiritualidade e na medicina tradicional

Pode ser identificado por seu pequeno tamanho, normalmente medindo entre 2 a 5 cm de diâmetro quando maduro. Seu chapéu é de coloração branca a cinza prateada, que escurece com a idade, assim como suas lâminas.

enteógenos populares

amanita muscaria

Por último, *Amanita muscaria*: Talvez tão popular quanto o primeiro (*Psilocybe Cubensis*), comumente chamado de “cogumelo de mosca” ou “cogumelo de Alice no País das Maravilhas”, destaca-se por seu chapéu vermelho com manchas brancas. Esse cogumelo é famoso por suas propriedades psicoativas, atribuídas aos compostos ácido ibotênico e muscimol, que causam alucinações e alterações na percepção sensorial (Rubel, 2021). Também conhecido popularmente como cogumelo voador, é uma espécie de cogumelo com uma história rica e uma gama diversificada de usos e interpretações.



figura 29

O *Amanita muscaria* tem uma longa história de associação com rituais xamânicos e mitologia em várias culturas ao redor do mundo. Na Sibéria e em partes da Ásia, é considerada uma planta sagrada, utilizada em cerimônias religiosas e rituais de cura. Lendas e mitos europeus frequentemente retratam o cogumelo voador como um símbolo de poderes mágicos e transformação, muitas vezes associado ao Natal e também ao Papai Noel.

O cogumelo *Amanita muscaria* é um exemplo fascinante da interseção entre cultura, mitologia e ciência. Embora continue a ser envolta em mistério e controvérsia, seu potencial medicinal e psicoterapêutico está sendo explorado cada vez mais, oferecendo insights intrigantes sobre a mente humana e a natureza da consciência. É crucial que os estudos possam continuar para que seja possível uma melhor compreensão desse fungo e suas substâncias de maneira holística, reconhecendo tanto seus perigos quanto suas possíveis contribuições para a sociedade e para o bem-estar humano. Com seu icônico chapéu vermelho e manchas brancas, é um dos cogumelos mais

reconhecidos globalmente. Este cogumelo não só desempenha um papel significativo em várias culturas e tradições, mas também teve uma influência notável na cultura pop, especialmente na franquia de jogos Mario Bros da Nintendo. A semelhança visual entre a *Amanita muscaria* e os cogumelos encontrados nos jogos de Mario é inegável. Nos jogos, o “Super Mushroom” que Mario consome para crescer e ganhar poderes extras tem uma cor vermelha com pontos brancos, similar à aparência da *Amanita muscaria*. Essa escolha estética não é coincidência; foi inspirada por uma combinação de elementos culturais e visuais que tornam o cogumelo facilmente reconhecível e

associado a poderes especiais. Amanita muscaria tem uma rica história de uso em várias culturas, particularmente na Sibéria, onde foi utilizada em rituais xamânicos para induzir estados alterados de consciência. Esse contexto cultural de transformação e poder pode ter contribuído para a escolha do cogumelo como símbolo de crescimento e poder nos jogos Mario Bros.

A utilização de elementos conhecidos e visualmente impactantes ajudou a Nintendo a criar um universo de jogo que ressoasse com um público amplo. O designer de jogos Shigeru Miyamoto, criador de Mario, cresceu em uma área rural no Japão, onde cogumelos eram comuns e frequentemente explorados em folclore e mitologia. Em entrevistas, Miyamoto mencionou que seu trabalho é fortemente influenciado por suas experiências na natureza durante a infância, e essa familiaridade com cogumelos provavelmente influenciou o design do jogo.

dicas para evitar cogumelos venenosos

Para evitar a colheita de cogumelos que podem ser venenosos, observe:

- Não colha cogumelos com lamelas (ou guelras) brancas, véu ou anel no caule, ou uma base em forma de saco, conhecida como volva, na parte inferior do caule. Embora alguns cogumelos comestíveis tenham essas características, existem versões bem tóxicas, como os cogumelos da família Amanita. Seus usos podem resultar em até mesmo morte.

O “Super Mushroom” se tornou um ícone cultural, representando poder e transformação, similar às propriedades alegóricas da Amanita muscaria na mitologia.

uso medicinal e psicoterapêutico:

Embora a Amanita muscaria seja geralmente considerada tóxica e potencialmente perigosa, há evidências de que algumas culturas indígenas utilizam o cogumelo com propósitos medicinais e psicoterapêuticos. Alguns estudos sugerem que compostos encontrados na Amanita muscaria, como muscimol e ácido ibotênico, podem ter efeitos terapêuticos no tratamento de distúrbios mentais e neurológicos. Segundo “*Mushrooms of the Northeastern United States and Eastern Canada*” de Timothy J. Baroni (2017), o Amanita muscaria pode induzir experiências xamânicas, mas também apresenta riscos significativos de toxicidade, incluindo náuseas, confusão mental, e em casos extremos convulsões.

- Evite cogumelos que tenham chapéus ou tampas vermelhas. Novamente, existem versões comestíveis de cogumelos com essas características, mas também existem outras muito venenosas.

- Nunca coma um cogumelo que você não tenha 100% de certeza de que é seguro comer. Como já dito antes, se você ainda tiver qualquer dúvida sobre sua segurança depois de verificar o cogumelo, não o coma, tão pouco encoste nele.

enteógenos populares

Dentre os alucinógenos conhecidos, ou cogumelos mágicos, eram conhecidos por serem utilizados em rituais religiosos indígenas ou na cura de pessoas, porém a partir da década de 80, estes fungos começaram a ter destaque como forma de alucinógeno recreativo. (Gomes; Muniz, Paulino, 2016; Santos, 2017)

Os gêneros de cogumelos alucinógenos possuem alcalóides *indolamínicos*¹ derivados do triptofano (aminoácido), nos quais se destacam a psilocibina e a psilocina, que provocam reações como alucinações visuais, alterações do estado de consciência, alterações do pensamento, do humor e comportamento. As reações dependem também do estado psicológico do indivíduo que o utiliza, pessoas que não estejam preparadas para fazer o uso do cogumelo alucinógeno podem ter ataques de ansiedade e pânico, que são reações conhecidas ou conhecidas como “bad trips”. (Tripsy, 2017; Santos, 2017)

O Global Drug Survey de 2017, realizou um estudo no qual participaram 120.000 pessoas de 50 países do mundo e obteve como resultado que os cogumelos alucinógenos são a substância que menos levaram pessoas para o hospital.

1 indolamínico: dois resultados:

Indolamina: As indolaminas são uma família de neurotransmissores que compartilham uma estrutura molecular comum (ou seja, indolamina). As indolaminas são uma classificação de neurotransmissor monoamina, juntamente com as catecolaminas e os derivados da etilamina. Um exemplo comum de indolamina é a serotonina, derivado do triptofano, um neurotransmissor envolvido no humor e no sono. Outro exemplo de indolamina é a melatonina.

Indol: grupo de alcalóides que contém o núcleo do indol ou derivados na sua estrutura consiste de compostos isolados de diversas drogas, como esporão-de-centeio, fava-de-calabar, noz-vômica, fava-de-santo inácio, vinca, entre outras. Os alcalóides são derivados do triptofano ou do seu derivado descarboxilado, triptamina.

Adam Winstock, psiquiatra e fundador da Global Drug Survey, em uma entrevista ao The Guardian, mencionou que “Morte por conta da toxicidade (de cogumelos mágicos) é algo quase desconhecido, sendo que o envenenamento com fungos mais perigosos apresenta risco muito maior” e “Os cogumelos mágicos são uma das drogas mais seguras do mundo”, Adam Winstock ainda destaca que o risco é ainda maior quando o indivíduo acaba escolhendo os cogumelos errados. (Winstock, 2017; UOL, 2017)

No estudo do Global Drug Survey, de Maio de 2017, o Brasil aparece como o quinto país pesquisado, onde os indivíduos que utilizam cogumelos mágicos, compram mais de terceiros, do que cultivam o seu para consumo próprio, o que acaba não acarretando em problemas levando em consideração que no Brasil as substâncias psilocibina e psilocina puras se encontram na lista de substâncias controladas, enquanto cogumelos em sua forma natural, não. (Winstock, 2017; UOL, 2017)

De acordo com a lei brasileira, artigo dois da lei anti-drogas No 11.343, de 23 de agosto de 2006, “ Art. 2º Ficam proibidas,

em todo o território nacional, as drogas, bem como o plantio, a cultura, a colheita e a exploração de vegetais e substratos dos quais possam ser extraídas ou produzidas drogas, ressalvada a hipótese de autorização legal ou regulamentar, bem como o que estabelece a Convenção de Viena, das Nações Unidas, sobre Substâncias Psicotrópicas, de 1971, a respeito de plantas de uso estritamente ritualístico-religioso”. De acordo com as normas da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), Resolução da Diretoria Colegiada (RDC) N° 186, DE 24 DE OUTUBRO DE 2017, substância presente em cogumelos mágicos, como a psilocibina constam na lista de substâncias psicoativas monitoradas. (Brasil, 2006; Anvisa, 2017)

Os cogumelos alucinógenos estão presentes em diversas formas no cotidiano. Continuam sendo utilizados de maneira religiosa para algumas pessoas, enquanto que para outras como um meio de repensar a própria realidade em busca de algo superior e até místico. Pesquisas sobre seus efeitos estão sendo realizadas, para demonstrar suas reações fisiológicas e psicológicas nos seres humanos, incluindo ações que possam ser benéficas na saúde, como no tratamento de Transtorno Obsessivo Compulsivo (TOC), e no tratamento de depressão resistente. Por outro lado, por mais que pesquisas mostrem que seus efeitos sejam bem menores que em comparação com outros alucinógenos, o preconceito em relação ao seu uso e quem utiliza, ainda persiste, mesmo com pesquisas clínicas. (Gomes; Muniz, Paulino, 2017; Escobar, Roazzi, 2010)

Os “cogumelos mágicos” como são popularmente conhecidos, foram bastante utilizados na América Latina, por diversas tribos em rituais místicos. Cogumelos como o *Psilocybe* eram comumente utilizados pelos xamãs astecas, na cura, na variedade religiosa e em rituais divinos. Este cogumelo era conhecido entre eles com *Teonanacatl*, que significa “Carne de Deus”. (Schultes, 1963; Nichols, 2016; Costa, 2005)

Durante o período de colonização, os colonizadores espanhóis entraram em contato com o *Teonanacatl*, e por estarem em tempos de fanatismo religioso, acabaram assombrados com os efeitos dos cogumelos, e proibindo o seu consumo, enquanto implantavam o catolicismo nas novas terras. O uso dos cogumelos ficou então restrito a tribos isoladas. (Schultes, 1963; Diniz, 1999; Costa, 2005)

Na década de 60 os cogumelos mágicos passaram a fazer parte do cotidiano popular como droga recreativa, acompanhando o movimento hippie e toda a psicodélia. Neste contexto a mídia americana pressionou o governo, que proibiram o consumo de *Psilocibina*, substância encontrada em alguns cogumelos e que causa alucinações, mesmo sem quaisquer evidência sobre dependência. (Diniz, 1999; Costa, 2005)

Mesmo depois de muito preconceito, somente na década de 1990, houve um renascimento no interesse e na pesquisa científica sobre os efeitos dos psicodélicos em humanos. Vários fatores contribuíram para esse ressurgimento. (Escobar; Roazzi, 2010)

enteógenos populares

influência de maria sabina

Provavelmente uma das pessoas mais importantes e influentes nos processos que envolveram o simples fato de hoje ser possível existir uma discussão sobre esse assunto, aqui, e agora, foi Maria Sabina, uma curandeira indígena Mazateca, nascida em 1894 na região de Oaxaca, no México. Ela se tornou famosa por suas práticas xamânicas que envolviam o uso de cogumelos alucinógenos, especificamente o *Psilocybe cubensis*, em cerimônias religiosas tradicionais. Maria Sabina era considerada uma sábia e uma xamã, conhecida como “sabedoria” ou “avó” pelos membros de sua comunidade.



figura 30

A principal tradição de Maria Sabina envolvia cerimônias noturnas nas quais ela e outros participantes consumiam cogumelos, buscando entrar em estados alterados de consciência. Durante essas cerimônias, Maria Sabina cantava, dançava e recitava cânticos, acreditando que os cogumelos a conectavam com o divino e permitiam a cura espiritual e física. Suas cerimônias xamânicas eram profundamente enraizadas na cultura e na espiritualidade Mazateca.

A influência de Maria Sabina nos dias atuais é significativa, especialmente no contexto da expansão do interesse em substâncias psicodélicas e da busca por terapias alternativas e espirituais. Aqui estão algumas maneiras pelas quais sua influência perdura:

- **Psicoterapia com Psicodélicos:** As experiências psicodélicas estão sendo cada vez mais exploradas como ferramentas

terapêuticas, com foco na psicoterapia assistida por psicodélicos. A tradição de Maria Sabina, que via os cogumelos como uma via para a cura e a expansão da consciência, contribuiu para que essa abordagem terapêutica acontecesse.

- **Pesquisa Científica:** A pesquisa científica sobre psicodélicos, incluindo cogumelos mágicos, ganhou impulso nas últimas décadas. O interesse em desvendar os potenciais benefícios terapêuticos e cognitivos das substâncias psicodélicas deve muito à tradição de Maria Sabina

- **Movimentos de Descriminalização e Legalização:** Em várias partes do mundo, houve esforços para descriminalizar ou legalizar o uso de psicodélicos, inspirados, em parte, pelo reconhecimento dos aspectos terapêuticos e espirituais dessas substâncias.

- **Espiritualidade e Consciência:** A filo-

sofia espiritual de Maria Sabina, que enfatizava a conexão com a natureza e o divino, continua a influenciar indivíduos que buscam uma compreensão mais profunda da mente, da consciência e da espiritualidade, independentemente de seu uso de psicodélicos.

Maria Sabina, através de suas cerimônias xamânicas e sabedoria, deixou um legado duradouro que moldou o modo como a sociedade contemporânea encara os psicodélicos e a busca por experiências espirituais e terapêuticas profundas. Ela se tornou famosa nacionalmente e internacionalmente, especialmente entre pessoas que lutavam pelo uso legal e aberto de substâncias psicoativas, depois que seu conhecimento tradicional sobre o uso cerimonial e curativo de cogumelos alucinógenos foi divulgado pelo banqueiro e micologista amador Robert Gordon Wasson.

experiência com cogumelos

María diria a Álvaro Estrada, um colega mazateca, que tinha ascendentes por parte de pai que praticavam cerimônias com cogumelos. Esses ascendentes eram considerados xamãs ou “homens sábios” (chotá-a t chi-née, em mazateco). É dito que seus ascendentes tentaram impedir a morte de seu pai, que foi vítima de uma suposta maldição antes do nascimento de María. Ela teve seu primeiro contato com a ingestão de cogumelos entre cinco e sete anos durante uma cerimônia realizada em sua casa para tentar curar um de seus tios. Embora ela não os tenha ingerido naquela ocasião, naquele momento ela os conheceria. Assim, enquanto espe-

tava na colina cuidando dos animais de seus avós, ela encontrou alguns fungos semelhantes aos que havia visto durante a cerimônia, então decidiu consumi-los junto com sua irmã, tendo assim sua primeira experiência extática. Mais tarde, durante seu segundo casamento, María foi alvo de abuso por seu novo marido; um suposto feiticeiro chamado Martial. Foi ele quem realmente a fez conhecer o mundo da “magia”. No entanto, diz-se que Marcial, suspeitando que María estava começando a ter mais conhecimento que ele, começou a atacar Sabina. Sabina estava convencida de que poderia suportar essas agressões graças à força dos cogumelos sagrados. Isto durou até Marcial arranjar uma amante. Os dias de Marcial terminaram nas mãos dos filhos de María, que, contemplando a traição, o mataram com socos. Assim, Sabina foi novamente uma viúva, no entanto, agora ela acreditava que tinha o conhecimento necessário para se defender. Sabina conseguiu prever a morte de um ex-prefeito de Huautla chamado Erasto Pineda, morto com tiros nas costas. Esta foi uma de suas ações mais bem-sucedidas. Esse fato na história de Sabina aumentou entre seus seguidores a crença de que comer cogumelos facilitava o aparecimento de fenômenos paranormais, como a clarividência. María Sabina foi a primeira curandeira mexicana contemporânea, ou xamã nativa, a permitir que colonizadores participassem da vigília de cura nos rituais mazateca, conhecida como “velada”. Todos os participantes do ritual ingeriam o cogumelo como um sacramento para abrir os portões da mente. A “velada” é vista como uma purificação e uma comunhão com o sagrado.

enteógenos populares

contato com gordon wasson

Em 1952, o banqueiro americano e micologista amador Robert Gordon Wasson encontrou uma reportagem de Robert Graves publicada no jornal Ciba em Nova Iorque, sobre o uso de cogumelos no México. De acordo com este texto, durante a conquista do México, os frades deixaram testemunhos de como esses cogumelos eram ingeridos durante cultos ancestrais. Isso interessou Robert Gordon Wasson que, desde 1927, realizava estudos sobre o uso de cogumelos em diferentes culturas e povos.

Em 1955, na companhia de sua esposa Valentina Pavlovna, ele viajou para a cidade natal de María Sabina, onde, após várias negociações, foi recebido por María Sabina, que realizou uma vigília (referidas como veladas em espanhol) noturna com eles, ensinando-lhes parte do uso e fornecendo amostras de cogumelos. Durante vários dias, eles gravaram conversas em fita, que foram transcritas para um sistema de escrita fonética e traduzidas para espanhol e inglês. Eles também tiraram fotos das cerimônias com luzes estroboscópicas. Em 13 de maio de 1957, a revista Life publicou um extenso artigo ilustrado de Robert Gordon Wasson nomeado "Seeking the Magic Mushroom", no qual descreveu as noites com María Sabina e seus cogumelos. Isso resultou em um grande número de pessoas se aventurando nas regiões das florestas montanhosas do México, a fim de descobrir por si mesmos os cogumelos com "poderes visionários". Wasson coletou esporos do fungo que ele identificou como *Psilocybe mexicana* e os



figura 31

levou para Paris. O fungo foi cultivado na Europa e seu ingrediente principal, a psilocibina, foi isolado em laboratório pelo químico suíço Albert Hofmann em 1958.

Quinze anos depois, em 1968, Robert Gordon Wasson publicou o livro *The Wondrous Mushroom: Mycolatry in Mesoamerica*, onde expôs ao público americano o ritual e o uso das "crianças" na cultura Mazateca. Como o assunto principal do livro era María Sabina, ela recebeu uma publicidade fenomenal no auge da cultura hippie americana, que, entre outras coisas, foi caracterizada pelo uso de substâncias alucinógenas. Este livro marca uma reviravolta na vida de María Sabina, que começa a receber a visita de pessoas de fora de sua comunidade, mexicanos e estrangeiros, muitos dos quais viajavam em busca de uma experiência psicodélica com cogumelos, e alguns outros como parte de trabalho de pesquisa. Em 1967, mais de 70 pessoas dos EUA, Canadá e Europa Ocidental estavam alugando cabanas nas

aldeias vizinhas. María Sabina recebeu várias pessoas, incluindo Wasson, que se tornou seu amigo. Há rumores de que muitas celebridades da década de 1960 visitaram Sabina, incluindo estrelas do rock como Bob Dylan, John Lennon, Mick Jagger e Keith Richards.

Em parte, isso proporcionou certa estabilidade econômica à María Sabina. No entanto, ela foi acusada por membros de sua comunidade de lucrar com a cultura de seu povo. Além disso, o mau uso de seu conhecimento por muitos de seus visitantes levou Sabina a considerar um erro torná-los conhecidos, uma vez que os estrangeiros, na maioria das vezes, estavam apenas procurando diversão.

Enquanto a comunidade era cercada por colonizadores que queriam experimentar as alucinações induzidas por cogumelos, Sabina atraiu a atenção da polícia mexicana que acreditava que ela era traficante de drogas. A atenção indesejada alterou completamente a dinâmica social da comunidade mazateca e ameaçou acabar com seus costumes tradicionais. A comunidade culpou Sabina, ela foi expulsa de sua comunidade e sua casa foi destruída. Sabina depois se arrependeu de ter apresentado a prática para Wasson, mas Wasson sustentou que sua única intenção era contribuir para a soma do conhecimento humano. No início dos anos sessenta os cogumelos haviam se tornado uma droga narcótica, o que causou uma perseguição da polícia. Agentes federais chegaram em sua casa, revistaram sua casa e levaram ela de carro com tudo o que haviam encontrado em sua cabana, embora ela tenha

sido imediatamente libertada. María Sabina disse ao então presidente municipal Genaro Teran: “Você sabe que nosso povo não usa o tabaco que esse infeliz afirma que eu vendo. Ele me acusa de trazer gringos à minha casa, eles vêm me procurar, tiram fotos, conversam comigo, fazem perguntas, as mesmas que eu já respondi muitas vezes... e saem depois de participar de uma velada”. Por último, ela disse que a força das “crianças sagradas” havia diminuído desde que haviam sido tomadas, literalmente, como um jogo, pelo qual ela quem pagaria.

Ela acreditava ter ficado com todas as doenças que curou e que era o custo de seu dom. A curandeira chamava as crianças que cresceram na região de Oaxaca de “crianças sagradas”. Ela também achava que a cerimônia da velada fora irremediavelmente profanada e poluída pelo uso hedonista dos cogumelos: “Desde o momento em que os estrangeiros chegaram, as ‘crianças sagradas’ perderam sua pureza. Elas perderam sua força, eles as arruinaram. Daí em diante elas não funcionarão mais e infelizmente, não haverá remédio para isso.”

Em 1986, um ano após a sua morte, foi publicada uma reportagem intitulada “María Sabina de Huautla - Ísis sem véu?”, de Ramón Méndez Estrada, descrevendo outra parte da vida de María Sabina, especialmente em seus últimos meses de vida. Segundo a entrevista, o repórter comentou: “A última vez que vi María Sabina, em setembro de 1984, cerca de catorze meses antes de sua morte, eu a vi muito cansada, muito pequena; Estava impaciente, não queria conversar.

Andava em voltas continuamente pela sala; Acho que estava cansada de ouvir as mesmas perguntas de curiosos imperinentes por trinta anos consecutivos e de ter que defender suas mesmas respostas milenares”. Com a difusão por parte de Wasson, ele conseguiu, entre muitas coisas, enviar um grande número de visitantes à Huautla. Algumas pessoas apenas foram movidas pelo desejo de uma aventura psicodélica, desrespeitando dessa forma a projeção espiritual da cultura mazateca.

María Sabina morreu em 1985 vítima de embolia pulmonar, em uma condição econômica baixa, pois não possuía sistema de coleta estabelecido para seus serviços. Como médica tradicional, Maria Sabina deixou seu neto Filogonio como sucessor.. Ela é considerada uma figura sagrada em Huautla. Ao mesmo tempo, sua imagem é usada para comercializar vários empreendimentos comerciais locais, de restaurantes a empresas de táxi e etc.. A contracultura mexicana tem uma afinidade por Sabina. O grupo de rock mexicano Santa Sabina recebeu o nome dela e El Tri, um dos primeiros e mais bem-sucedidos grupos de rock do México, dedicou a música “María Sabina” a ela, proclamando ela “*un símbolo de la sabiduría y el amor*” (“um símbolo da sabedoria e amor”).

A cantora boliviana Luzmila Carpio fez uma música em homenagem a María Sabina. A música “Cosas de un soñador”, de Lisandro Aristimuño, refere-se a María Sabina. Alguns dos cantos de María também aparecem no álbum mais famoso de Jorge Reyes, nomeados “Comala” e “La

Diosa de las Águilas”. O grupo francês de música eletrônica Deep Forest tem uma música com os cantos de María Sabina, com o nome “tres marías”. O grupo de rock espanhol Héroes del Silencio, na música “Medicina Humeda” do álbum “Rarezas”, faz a seguinte menção: “Santa María Sabina diz: Deus é azul...”

O poeta e romancista mexicano Homero Aridjis escreveu um romance, Carne de Dios, sobre Maria Sabina, sua vida em Huautla e sua experiência com ocidentais que se reuniram em sua casa para experimentar os efeitos alucinógenos dos cogumelos. Aridjis levou María Sabina à Cidade do México para tratamento médico no final de sua vida.

uso psicoterapêutico de psilocibina em dias atuais

A psilocibina, um composto psicodélico encontrado em várias espécies de cogumelos, que tem ganhado destaque no campo da psicoterapia e medicina devido ao seu potencial terapêutico. Nos últimos anos, a psilocibina tem sido objeto de numerosos estudos clínicos e pesquisas que investigam seu potencial para tratar diversos transtornos mentais.

Um dos campos mais promissores para a psilocibina é o tratamento da depressão, especialmente a depressão resistente ao tratamento. Um estudo significativo publicado por Carhart-Harris et al. (2021) no New England Journal of Medicine demonstrou que uma única dose de psilocibina, administrada com apoio psicoterapêutico, resultou em melhorias

significativas nos sintomas de depressão em comparação com um antidepressivo convencional (escitalopram). Pesquisas sugerem que a psilocibina pode ser eficaz no tratamento da depressão resistente ao tratamento e da ansiedade associada a doenças terminais. Carhart-Harris et al. (2021) descobriram que “a terapia assistida por psilocibina resultou em reduções significativas nos sintomas depressivos, com efeitos sustentados por até seis meses”.

A psilocibina também está sendo estudada como uma intervenção para o tratamento de dependências, como alcoolismo e tabagismo. Johnson et al. (2014) conduziram um estudo piloto que mostrou “resultados promissores na cessação do tabagismo, com uma taxa de abstinência de 80% seis meses após o tratamento com psilocibina”.

A psilocibina também tem mostrado potencial no tratamento do transtorno de estresse pós-traumático (TEPT). Recentemente, Davis et al. (2020) publicaram um estudo na *Journal of Psychopharmacology* que revelou que a psilocibina pode reduzir significativamente os sintomas de TEPT em veteranos de guerra e outras populações afetadas por traumas severos.

Outro campo de pesquisa crucial é o uso da psilocibina para aliviar a ansiedade e o medo da morte em pacientes terminais. Griffiths et al. (2016) mostraram em um estudo publicado na *Journal of Psychopharmacology* que pacientes com câncer avançado que receberam psilocibina relataram uma redução significativa

na ansiedade e depressão, além de um aumento na qualidade de vida e aceitação da realidade da morte.

Michael Pollan, um jornalista e autor renomado, tem sido um importante divulgador do potencial terapêutico dos psicodélicos. Em seu livro *How to Change Your Mind* (2018), Pollan explora a história, ciência e experiências pessoais com a psilocibina e outros psicodélicos. Ele destaca como esses compostos podem ajudar a “reconfigurar” o cérebro, proporcionando novos insights e formas de lidar com problemas psicológicos. Pollan também discute como a psilocibina pode promover experiências místicas que têm um efeito duradouro na mente e no comportamento, ajudando a romper padrões de pensamento negativo e promover a cura emocional. Suas contribuições ajudaram a popularizar e desestigmatizar o uso terapêutico dos psicodélicos.

Os estudos sobre os mecanismos de ação da psilocibina têm revelado que ela atua principalmente nos receptores de serotonina (5-HT_{2A}) no cérebro, o que provoca mudanças na percepção, humor e cognição. Carhart-Harris et al. (2017) propuseram a “Teoria da Entropia Neural,” sugerindo que a psilocibina aumenta a entropia cerebral, resultando em uma mente mais flexível e aberta a novas ideias e perspectivas.

Apesar dos avanços promissores, o uso terapêutico da psilocibina ainda enfrenta desafios éticos e regulamentares, sendo uma substância classificada como controlada por órgãos regulamentadores, (como a Anvisa) na maioria dos países.

DMT

(dimetiltriptamina)

É uma molécula, ou substância pertencente ao grupo das triptaminas, semelhante à serotonina e à melatonina, todos os três sendo derivados do aminoácido triptofano. Além de endógeno ao corpo humano – sendo a **glândula pineal**² que é sua principal fonte de produção no corpo humano, que é liberada durante os sonhos. Outra teoria é de que o DMT é liberado naturalmente durante o nascimento e a morte, o que pode ser responsável pelas experiências de quase morte relatadas por pessoas de todo o mundo, após algum acidente ou trágico. Talvez o DMT seja o responsável pela sensação de “ver a vida passando como um filme”, que ocorre em geral nas pessoas após um grande susto ou trauma. (Rick Strassman, 2019) Pessoas que experimentam “situações de quase morte” – vendo luzes fortes, portais, etc – relatam efeitos semelhantes aos das experiências com DMT. (Ralph Miller, 2003)



figura 32



figura 33



figura 34

.....
2 Glândula Pineal: Também conhecida como conarium, epífise cerebral ou simplesmente pineal, é uma pequena glândula endócrina no cérebro dos vertebrados. A glândula pineal produz melatonina, um hormônio derivado da serotonina que modula os padrões de sono nos ciclos circadianos e sazonais. A forma da glândula se assemelha a uma pinha, daí o seu nome. A glândula pineal está localizada no epitélamo, perto do centro do cérebro, entre os dois hemisférios, escondida em um sulco onde as duas metades do tálamo se unem.

René Descartes acreditava que a glândula pineal seria a “principal sede da alma”. A filosofia acadêmica entre os seus contemporâneos considerava a glândula pineal como uma estrutura neuroanatômica sem qualidades metafísicas especiais. A ciência a estuda como uma glândula endócrina entre muitas, mesmo assim, a glândula pineal continua a ter uma posição de destaque entre o misticismo e as chamadas “pseudociências”.

Peter Furst, em *Alucinógenos e Cultura*, afirma que “a harmalina se parece com as substâncias que derivam da glândula pineal dos mamíferos. Em particular, a 10-metoxi-harmalina se parece com a harmalina em seus efeitos subjetivos. Isso sugere que a harmalina possa derivar sua atividade da imitação de um metabólito que normalmente participa do controle dos estados de consciência”. “Os sistemas químicos ativos do cérebro humano são parentes próximos das substâncias que promovem o crescimento das plantas, incluindo várias que são poderosamente psicoativas.” (1976) Terence McKenna afirma que a semelhança entre a Serotonina e a DMT é tal que “pode indicar a grande antiguidade do relacionamento evolucionário entre o metabolismo do cérebro humano e esses compostos específicos”. (1992)

Dennis McKenna levantou a hipótese de que a DMT é produzida não só pelo ser humano e por certas plantas, mas também em algum grau por inúmeros organismos em todos os reinos da Natureza, tendo neles uma função ainda desconhecida. (Boing Boing Interview: Dennis McKenna) O DMT está presente em diversas outras formas vivas: mamíferos, gramíneas, vagens, cascas, flores e raízes. Assim, o DMT está presente na Chacrona, planta utilizada no preparo do Chá Ayahuasca. (Callaway J.C., McKenna D.J., Grob C.S., Brito G.S., Raymon L.P., Poland R.E., Andrade E.N, 1999)

No cérebro, a substância se conecta a um receptor dentro da célula ou em sua superfície e causa o mesmo efeito que a substância referente ao receptor. Ou

seja, a DMT serve como agonista dos receptores de serotonina, principalmente o receptor 5-ht_{2a}. A serotonina é um neurotransmissor que age diretamente no humor, bem-estar e felicidade do ser humano, inibindo sensações como ira, agressividade, calor corporal, mau humor, sono, entre outras. (Assef, J. eCycle)

Miller acredita que, o cérebro humano nos dias atuais, talvez por conta do sistema social em que estamos condicionados e as imposições religiosas coloniais, é de alguma maneira atrofiado, ou limitado da sua capacidade real funcional, principalmente em aspectos espirituais e mais holístico ligados a natureza do ser, e que o processo xamânico de re-introduzir DMT usando Ayahuasca tem o efeito de “ligar” a Pineal de uma maneira diferente. Também sugere que os cérebros pós-Ayahuasca encontram-se literalmente “re-configurados”, ou “re-programados”, fazendo assim, novas sinapses que influenciam seu funcionamento como um todo e nossa percepção perante a vida. (2003)

O ponto de contato entre dois neurônios é chamado Sinapse e quase sempre é formado pela união entre os terminais axônicos de um neurônio e os dendritos de outro. O impulso nervoso segue, geralmente, este sentido: Caminha do AXÔNIO - --para-o--> DENDRITO. Enquanto a transmissão de um impulso nervoso ocorre graças a um fenômeno elétrico, a transmissão entre dois neurônios efetua-se através de substâncias químicas chamadas neurotransmissores, espécies de “mensageiros químicos”. Não há, na verdade, continuidade entre dois

neurônios e sim um pequeno espaço entre as terminações do axônio e os dendritos, chamada Fenda Sináptica. Várias substâncias já foram identificadas como neurotransmissores, por exemplo, a acetilcolina, a noradrenalina, a Serotonina, etc. A ação do DMT ocorreria na região da Fenda Sináptica, onde coexistem os receptores correspondentes aos neurotransmissores existentes. (Baffa, A. ; <http://geocities.org>)

O DMT é encontrado in natura em vários gêneros de plantas (Acácias, Mimosa Hostilis (**Jurema Preta**), Anadenanthera (possui bufotenina), Chrysanthemum, Psychotria Viridis (**Chacrona**), Desmanthus, Pilocarpus, Virola Calophylla (Epená usado na produção de rapé), Prestonia, Diplopterys Cabrerana (Chaliponga, Chagropanga), Arundo, Phalaris, dentre outros). Além de ser produzida pelo corpo humano, é também encontrada em alguns animais, como o sapo da América Central **Bufo Alvarius** (Bufo alvarius possui 5-Meo-DMT - bufotenina, um alcalóide bastante parecido ao DMT em estrutura molecular e em propriedades químicas). -Bufotenina (5-HO-DMT, N,N-dimetil-5-hidroxitriptamina). (Fontanilla, D. 2009)

ayahuasca

chá de ayahuasca / vegetal / daime

A história da ayahuasca está profundamente enraizada nas práticas xamânicas da Amazônia. Utilizada há séculos por diversas tribos indígenas, a ayahuasca é preparada a partir da combinação de duas plantas principais: a Banisteriopsis

caapi (**cipó de Mariri** ou **Jagube**), uma videira que contém inibidores da monoamina oxidase (**IMAO**), e a Psychotria viridis (**Chacrona**, onde são usadas as folhas) que contém dimetiltryptamina (DMT), um potente alucinógeno.

No Brasil, a ayahuasca começou a ganhar notoriedade no início do século XX, quando foi adotada por religiões sincréticas como o *Santo Daime*, a *União do Vegetal (UDV)* e a *Barquinha*. Essas religiões combinam elementos do cristianismo, do espiritismo kardecista e de tradições indígenas, promovendo o uso da ayahuasca como sacramento em rituais religiosos.

A ayahuasca é conhecida por induzir estados alterados de consciência, caracterizados por visões vívidas, intensas emoções e uma profunda sensação de conexão espiritual. Esses estados são frequentemente descritos como experiências de auto-descoberta e cura emocional. Ela é reverenciada como uma ferramenta para a expansão da consciência e a comunicação com o divino.

Os rituais de ayahuasca são frequentemente acompanhados por cânticos, orações e outras práticas que buscam facilitar a introspecção e a conexão com o mundo espiritual. Como afirmado por Narby (1998), a ayahuasca permite aos participantes acessar uma “realidade aumentada” onde podem interagir com entidades espirituais e receber orientações diversas. O uso da ayahuasca tem se expandido além da Amazônia, alcançando um público global. Centros de retiro e igrejas que utilizam a ayahuasca

surgiram em diversos países, atraindo pessoas em busca de cura espiritual e psicológica. Este fenômeno tem levantado questões sobre a apropriação cultural e a necessidade de regulamentação do uso da ayahuasca fora de seu contexto tradicional e cerimonial.

A ayahuasca representa uma intersecção fascinante entre espiritualidade, medicina e psicoterapia. Sua história, profundamente enraizada nas práticas indígenas da Amazônia, continua a se desdobrar enquanto a bebida ganha reconhecimento global.

A pesquisa científica está apenas começando a desvendar o potencial terapêutico da ayahuasca, oferecendo novas esperanças para o tratamento de diversos transtornos mentais

cipó de mariri - jagube

banisteriopsis caapi - rusbyana

Contém os seguintes alcalóides de harmala: *Harmina*, *Harmalina*, e *Tetrahydroharmina* por fim.

Estes alcalóides da classe beta-carbolina atuam como *inibidor da monoamina oxidase* (IMAO, em inglês MAOI). Os IMAOs permitem que o composto psicoativo primário (*DMT*, *N-dimethyltryptamine*), que é introduzido a partir do outro ingrediente comum na ayahuasca oriundo da planta *Psychotria viridis* (*Chacrona*), seja oralmente ativo. Estes alcalóides são abundantes e estão presentes em todas as partes da planta, desde o caule, até as folhas e raiz.

vertentes da ayahuasca

Xamânica, *Santo Daime*, *União do Vegetal* e *Umbandaimé*:

O uso *xamânico* da ayahuasca é a forma mais antiga e tradicional, enraizada nas práticas espirituais dos povos indígenas da Amazônia. Os xamãs utilizam a ayahuasca como uma ferramenta para acessar estados alterados de consciência, comunicação com espíritos e cura espiritual. Os rituais geralmente ocorrem à noite e são acompanhados por cânticos, percussões e outras formas de música ritualística que facilitam as visões e a experiência espiritual profunda. A pesquisa etnográfica de Reichel-Dolmatoff (1975) destaca a importância da ayahuasca nas sociedades indígenas como um meio de adquirir conhecimento, prever o futuro e resolver conflitos internos e também comunitários das tribos.

O *Santo Daime* é uma religião sincrética fundada na década de 1930 por Raimundo Irineu Serra no estado do Acre, Brasil. Esta religião combina elementos do catolicismo, espiritismo kardecista e tradições indígenas. Os rituais ou cerimônias da religião Santo Daime, chamados de “trabalhos,” envolvem a ingestão da ayahuasca (chamada de “Daime”) acompanhada por hinos, orações e danças circulares. De acordo com MacRae (2004), a religião do Santo Daime enfatiza a disciplina, a purificação espiritual e a busca pela iluminação. A música, composta por hinos recebidos por revelação, desempenha um papel crucial no direcionamento da experiência espiritual dos participantes.

enteógenos populares

A *União do Vegetal (UDV)* foi fundada em 1961 por José Gabriel da Costa, conhecido como Mestre Gabriel. A UDV combina elementos cristãos com práticas esotéricas e filosofias indígenas. Os rituais da UDV são chamados de “sessões” e são conduzidos de maneira formal, com um foco forte em ensinamentos morais e éticos. Os participantes bebem a ayahuasca, conhecida na UDV como “Vegetal”, em um ambiente controlado, onde são incentivados a buscar autocohecimento e evolução espiritual. Labate e Feeney (2012) destacam a abordagem estruturada da UDV, que promove a introspecção e a disciplina pessoal.

O *Umbandaime* é uma vertente que combina elementos do Santo Daime com a Umbanda, uma religião afro-brasileira que mistura espiritismo, catolicismo e tradições africanas. O Umbandaime incorpora práticas mediúnicas e invocações de entidades espirituais típicas da Umbanda, utilizando a ayahuasca como um sacramento para facilitar a comunicação com os espíritos. Os rituais do Umbandaime podem incluir cânticos, danças e oferendas, refletindo a rica herança cultural da Umbanda. Cavalcante (2017) observa que o Umbandaime oferece uma integração única de práticas afro-brasileiras e indígenas, criando uma experiência espiritual diversificada e amplamente inclusiva.

Além das mencionadas, existem outras vertentes menores e emergentes que também utilizam a ayahuasca em suas práticas. Cada uma dessas vertentes adapta a utilização da bebida conforme suas próprias doutrinas e necessidades.

vinho de jurema ajucá / anahuasca

O vinho de jurema, uma bebida enteogênica, tem profundas raízes nas tradições afro-indígenas do nordeste brasileiro, especialmente entre comunidades onde há uma forte influência das culturas indígena e afro-brasileira. Essa bebida sagrada é preparada tradicionalmente a partir da casca da árvore jurema (*Mimosa tenuiflora*), conhecida como “jurema-preta” ou “jurema-branca”, e é utilizada em rituais religiosos para acessar estados alterados de consciência, comunicação com os espíritos e cura espiritual. As origens do vinho de jurema remontam aos tempos ancestrais, onde xamãs e sacerdotes indígenas e afro-brasileiros utilizavam a planta jurema em suas práticas espirituais. A bebida, muitas vezes preparada em cerimônias secretas e rituais sagrados, é vista como um sacramento que permite aos participantes conectar-se com o divino e com seus antepassados. O vinho de jurema é caracterizado por sua capacidade de induzir estados de consciência alterados, geralmente marcados por visões coloridas, sensações de expansão da mente e uma profunda conexão com o mundo espiritual. Em algumas tradições, o vinho de jurema é enriquecido com o poderoso alucinógeno dimetiltriptamina (DMT), encontrado naturalmente na planta, amplificando ainda mais suas propriedades psicodélicas. Apesar de sua importância cultural e espiritual para as comunidades indígenas e afro-brasileiras, o vinho de jurema enfrenta desafios legais e sociais devido à sua associação com práticas religiosas tradicionais e à falta de

compreensão sobre seu uso ritualístico. No entanto, pesquisadores têm explorado sua relevância antropológica, etnobotânica e religiosa, destacando sua importância na preservação da diversidade cultural e espiritual.

O pernambucano Gonçalves de Lima, em 1943, foi o primeiro a determinar a presença de um alcalóide que designou como “nigerina”, (atualmente conhecido como Dimetiltriptamina - DMT) no Ajucá, ou Vinho de Jurema, preparado pelos índios Pankararu com a planta **Jurema-preta**.

Era a bebida sagrada que os pajés indígenas faziam, servida em reuniões especiais. Após a colonização e até o século XIX beber jurema era sinônimo de feitiçaria ou prática de magia, sendo que muitos índios e caboclos foram presos acusados de praticarem o “adjunto da jurema”. Jurema é uma planta comumente encontrada no nordeste brasileiro. A planta tem propriedades psicoativas e é usada em rituais indígenas e no Candomblé. Até hoje existem pessoas que fazem o uso da planta para fins medicinais e religiosos tendo como exemplo mais comum o “Vinho de Jurema”.

changa

A changa tem suas origens na Amazônia, onde é utilizada em rituais ancestrais de cura e expansão da consciência. É uma mistura de DMT, geralmente extraído de plantas como a chacrona ou a jurema, com ervas que contêm inibidores da monoamina oxidase (IMAOs), como a folha de banisteriopsis caapi (Jagube). É atribuída a Julian Palmer na década de

2000. Palmer, em suas experiências com psicodélicos, buscou criar uma forma mais suave de consumir DMT, resultando na changa. As principais características da changa incluem uma intensa experiência psicodélica, marcada por visões coloridas e alterações na percepção sensorial e temporal.

Diferentemente da ayahuasca que costuma ser ingerida via oral, a changa é fumada ou vaporizada. Os efeitos da changa quando fumada são mais fáceis de se atingir quando comparados à base livre (freebase, fumar o dmt puro, sem ervas IMAO) de DMT, por causa do baixo ponto de ebulição deste, ou a ingestão oral (chá). A partir de 2015, começou a se tornar mais popular devido à sua maior facilidade de uso e maior duração de efeitos (aproximadamente 10 a 20 minutos) em comparação à base livre de DMT para fumar (fumar dmt puro, sem as ervas inibidoras). Sua duração é relativamente curta, entre 15 a 30 minutos, mas pode proporcionar profundas reflexões e insights espirituais. Usuários relatam encontros com entidades místicas, viagens por paisagens surreais e sensação de conexões cósmicas.

Estudiosos importantes, como Rick Strassman e Graham Hancock, têm explorado o potencial terapêutico e espiritual da changa em suas obras. Strassman, em “*DMT: The Spirit Molecule*”, compartilha insights sobre as experiências de seus participantes em estudos clínicos com DMT, incluindo a changa, e suas implicações para a compreensão da consciência e da espiritualidade. A literatura também tem abordado o tema da changa,

como evidenciado pela obra “*The Toad of Dawn: 5-MeO-DMT and the Rising of Cosmic Consciousness*”, de Octavio Rettig Hinojosa (2016), que oferece uma visão detalhada das propriedades medicinais e espirituais da changa.

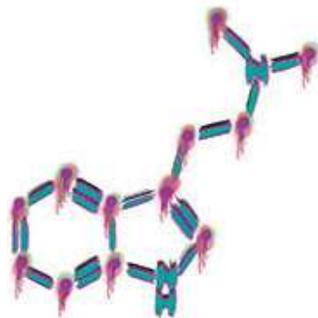


figura 35

sapo bufo alvarius

O **sapo Bufo Alvarius** é nativo do sudoeste dos Estados Unidos e norte do México, popularmente no deserto de Sonora, onde é considerado sagrado por várias culturas indígenas. Os povos indígenas da região têm utilizado as secreções do sapo Bufo Alvarius em rituais ancestrais de cura espiritual e conexão com o divino. Esse peculiar animal possui uma produção de Bufotenina, extraído naturalmente das suas glândulas parótidas (um processo que não envolve qualquer agressão ao animal). Essa substância, quando submetida ao calor e inalada pelo ser humano, transforma-se no 5-meo-DMT, uma molécula neurotransmissora que alcança rapidamente o cérebro.

A bufotenina (5-HO-DMT, N,N-dimetil-5-hidroxitriptamina) é um alcalóide derivado de triptamina com efeitos psicodélicos. É estruturalmente muito similar ao DMT encontrado em plantas, e também como a psilocina e psilocibina dos fungos. Pode ser encontrado na pele de determinados sapos do gênero Bufo, como o Bufo Marinus e Bufo Alvarius. Pode também ser encontrada em pelo menos duas espécies vegetais do gênero Anadenanthera, árvore que cresce no noroeste da Argentina, sul da Bolívia, Peru e nordeste do Brasil (conhecida



figura 36

como angico), e provavelmente em outras regiões da América. É um potente enteógeno que age por via inalatória ou digestiva, sobre os receptores específicos do córtex cerebral.

Sua potência era conhecida desde o século I como atesta a referência do poeta romano Décimo Júnio Juvenal (60-128). O nome bufotenina foi sugerido em 1893 por cientistas franceses Auguste Phisalix Césaire (1852-1906) e Gabriel Bertrand (1867-1962) sendo a substância primeiramente isolada, a partir de pele de sapo, e oficialmente nomeada pelo químico austríaco Handovsky (1888-1959).

A estrutura da bufotenina foi confirmada pela primeira vez em 1934, pelo laboratório de Heinrich Wieland (1877-1957), em Munique, e o primeiro relato da sua síntese, por Toshio Hoshino e Kenya Shimodaira em 1936.

Estudiosos importantes, como Dennis McKenna e Graham Hancock, têm explorado o potencial terapêutico e espiritual do sapo Bufo Alvarius em suas obras. Em “The Brotherhood of the Screaming Abyss”, McKenna compartilha insights sobre os usos tradicionais do sapo Bufo Alvarius e suas implicações para a saúde mental contemporânea. A literatura também tem abordado o tema do sapo Bufo Alvarius, como evidenciado pela obra “Bufo Alvarius: The Psychedelic Toad of the Sonoran Desert”, de James Oroc (2019), que oferece uma visão detalhada das propriedades medicinais e espirituais do sapo Bufo Alvarius.

uso medicinal e psicoterapêutico do DMT

Estudos clínicos têm investigado o uso do DMT no tratamento de uma variedade de condições, incluindo transtornos do humor, transtorno obsessivo-compulsivo (TOC) e dependência química.

Pesquisas recentes sugerem que o DMT pode ter efeitos antidepressivos, ansiolíticos e anti-dependência significativos, oferecendo novas perspectivas para o tratamento de diversas doenças mentais. (Frecka et al., 2016). No contexto da psicoterapia, o DMT tem sido utilizado para induzir estados alterados de consciência

que podem facilitar a introspecção, a resolução de traumas emocionais e o crescimento espiritual. Michael Pollan, em sua obra “How to Change Your Mind”, explora os efeitos transformadores do DMT em experiências psicoterapêuticas, destacando seu potencial para promover mudanças positivas na percepção e na cognição.

Dennis McKenna, renomado etnobotânico e defensor do uso responsável de substâncias psicodélicas, têm contribuído significativamente para a compreensão do potencial terapêutico do DMT. Em suas obras, como “The Brotherhood of the Screaming Abyss”, McKenna explora os usos tradicionais do DMT em rituais indígenas e sua relevância para a saúde mental contemporânea.

Além das contribuições de Pollan e McKenna, outros estudos recentes têm investigado os efeitos do DMT. Por exemplo, o estudo de Palhano-Fontes et al. (2019) examinou os efeitos do DMT em estados de consciência e sua relação com a plasticidade cerebral. Essas pesquisas oferecem insights valiosos sobre os mecanismos subjacentes aos efeitos terapêuticos do DMT e sua aplicação clínica potencial.

Embora o DMT apresente um potencial terapêutico significativo, é fundamental reconhecer os desafios e as considerações éticas associadas ao seu uso. A pesquisa contínua, combinada com práticas clínicas cuidadosas e protocolos de segurança rigorosos, é essencial para maximizar os benefícios terapêuticos do DMT e mitigar possíveis riscos.

Kambô

(a vacina do sapo)

O ritual do sapo Kambô, também chamado pelas tribos amazônicas de “vacina do sapo”, é uma prática tradicional da região amazônica, tem despertado interesse crescente devido às suas alegadas propriedades medicinais e psicoterapêuticas. O sapo Kambô, também conhecido como *Phyllomedusa bicolor*, é nativo da região amazônica e é utilizado por povos indígenas há séculos em rituais de cura e purificação, pois trata-se de um dos meios naturais mais poderosos para o fortalecimento do sistema imunológico.

Tribos como os Nuke Kui, Huni Kui e Yawanawás utilizam o Kambô para se proteger de doenças diversas e eliminar o que chamam de panema – má sorte e amarrações espirituais e/ou energéticas que podem promover um estado de letargia, estagnação e desânimo perante a vida e os afazeres diários. A secreção obtida do animal é aplicada diretamente na pele, a partir de pequenas queimaduras superficiais que são feitas na pele, para que a substância penetre na corrente sanguínea e no organismo.

As substâncias peptídeas analgésicas presentes no veneno da rã atuam no sistema linfático, fortalecendo o sistema imunológico e provocando a destruição de microorganismos patogênicos. Essas substâncias da secreção do sapo também possuem propriedades antibióticas, de fortalecimento do sistema imunológico através da produção de anticorpos pelo organismo para combater o próprio veneno.



figura 37

Estudos científicos recentes têm investigado as propriedades medicinais do Kambô e sugerem que seus compostos bioativos, como peptídeos e alcalóides, podem ter efeitos analgésicos, anti-inflamatórios e antimicrobianos (Secoli et al., 2020). Além disso, a secreção do sapo Kambô também demonstrou potencial no tratamento de doenças como a malária e a hepatite. A literatura também tem explorado o tema do Kambô, como exemplificado pela obra “Kambô: A Natureza Revelada”, de Katia Crystina Rocha (2019), que oferece insights sobre a história, os usos tradicionais e as potenciais aplicações terapêuticas da cerimônia do kambô.

Segundo Haddad Jr. e Itamar, desde a década de 1980, pesquisadores e empresas se interessam pela composição dessas secreções. A secreção inclui uma variedade de compostos chamados peptídeos, com diferentes efeitos. Peptídeos encontrados nestas secreções incluem a dermorfina e a deltorfina. Estes peptídeos se ligam aos receptores opióides sauvagina, um vasodilatador, e dermaseptina, que possui propriedades antimicrobianas in vitro, bem como a filomedusina, e outras.

mescalina

A mescalina era usada, inicialmente, em rituais e práticas *etnomedicinais*³ por diversos povos nativos da América pré-colonial. Foi isolada em 1896 por Arthur Heffter e sintetizada em 1919 por Ernst Späth. Uma descrição da utilização do cacto *Anhalonium Lewinii*, ou botão de mescal, por índios Kiowa do Novo México foi realizada por Havelock Ellis, em 1898, num artigo intitulado “Mescal: um novo paraíso artificial. Seus efeitos psicofisiológicos na mente humana foram descritos como resultantes da ação de uma substância alucinógena em 1927 por Ernst Spath que sintetizou o elemento ativo desse cacto, a mescalina, em laboratório em 1919, publicando em seguida provavelmente o mais extenso estudo sobre ela “Der Meskalinrausch” (The Mescaline High), em 1927.

Por volta da década de 60 a mescalina populariza-se, impulsionada pela obra de Carlos Castañeda, a Erva do Diabo 1968, que descreve seu uso entre os índios Yaquis. A obra *As Portas da Percepção* de Aldous Huxley, 1954, também teve como base os estudos descritivos dos efeitos dessa substância na mente humana. A



utilização indígena, por sua vez, apesar de proibida e combatida pela igreja e governo americano, sofreu contínua expansão até a consolidação e reconhecimento jurídico da Native American Church. Posteriormente se descobriu que algumas espécies de cactos utilizadas por curandeiros da região andina também contém mescalina, em especial as espécies *Echinopsis pachanoi*, *Echinopsis peruviana* e *Echinopsis lageniformis*. A faixa de concentração de mescalina em espécies cultivadas de *Echinopsis*, situa-se de a partir de 0,053% até 4,7% em peso seco.

Também conhecida como 3,4,5-trimetoxifenetilamina, é uma substância naturalmente produzida por certas plantas de

3 Etnomedicina: é uma área de pesquisa ou aplicação da etnologia cujo objeto são as práticas voltadas para conservação e recuperação da saúde ou a medicina, como o nome indica. Envolve as descrições etnográficas sobre práticas e crenças (narrativas míticas) com que uma cultura específica, usualmente de povos indígenas ou considerados primitivos, previne e trata as doenças e/ou os estudos etnológicos comparativos dessa prática e estudo das teorias que dão suporte a essa comparação. Por sua prática associada à utilização de plantas medicinais pode ser considerada como um sub-campo associado à etnobotânica ou incluído na antropologia médica que lida com o estudo das medicinas tradicionais, não apenas aquelas que têm as fontes escritas (por exemplo, medicina tradicional chinesa ou ayurvédica), mas sobretudo aquelas cujo corpo de conhecimentos e práticas têm sido transmitidos oralmente ao longo ao longo dos séculos.

enteógenos populares

cactos nativos do sudoeste dos Estados Unidos, México e América do Sul. Essas plantas incluem:

Peyote (*Lophophora williamsii*): O Peyote é nativo do México e dos Estados Unidos, apresenta botões arredondados e pequenos, ricos em mescalina. É usado por tribos nativas americanas em rituais religiosos há milênios, como os Huichol e os Navajo.

San Pedro (*Trichocereus pachanoi*): O San Pedro, encontrado principalmente na região dos Andes, possui hastes altas e colunares, também contendo mescalina. Bem como estes, outros cactos possuem mescalina, como Tocha Peruana (*Trichocereus peruvianus*), e outros, como *Echinopsis lageniformis* e *Echinopsis scopulicola*.

O San Pedro e a Tocha Peruana têm uma longa história de uso ritualístico entre os povos andinos, como os Quechua e os Chavín. A mescalina é o principal componente psicoativo desses cactos, induzindo estados alterados de consciência e experiências visionárias. Seu uso tem sido associado a insights espirituais, cura e expansão da consciência. Cada cacto possui sua própria composição química única, além da mescalina, o que pode resultar em diferentes efeitos psicoativos e experiências.

A mescalina tem sido usada pelos nativos americanos há milhares de anos em cerimônias religiosas e para o tratamento de várias doenças. E, embora o uso de produtos de mescalina ainda seja ilegal nos Estados Unidos e no



figura 39



figura 40

resto do mundo, o peiote é reconhecido como um sacramento na Igreja Nativa Americana da América do Norte. Ou seja: se o peiote é usado em cerimônias religiosas, está isento de sua classificação como uma droga controlada da Lista I sob a Lei de Liberdade Religiosa dos Índios Americanos de 1994 (AIRFA).

Como muitas substâncias sagradas, ela é rodeada de mitos e lendas sobre sua descoberta. Uma das mais comuns, releia “Como Mudar Sua Mente”, é que uma mulher nativa encontrou essa medicina enquanto fugia de inimigos. Ela estava

fraca, com fome e sede, e entrando em desespero. Foi então que a “medicina” falou com ela. Ela comeu o cacto e, com as forças dadas por ele, conseguiu continuar sua jornada em segurança. Embora tenha sido utilizada por séculos, a inquisição espanhola, a partir de 1620, começa a coibir o uso da substância em suas colônias latinas, tendo como principal objetivo combater a heresia e a apostasia, reprimindo qualquer forma de crença ou prática religiosa não cristã.

efeitos

Os efeitos da mescalina duram de 10 a 12 horas, embora o uso da mescalina como sacramento enteógeno (em contexto ritualístico realizado pelos nativos) possa durar até dois dias. Como uma substância psicodélica/enteógena, a mescalina induz um estado alterado de consciência, no qual os indivíduos experimentam mudanças nos fluxos de pensamento e na percepção. Comumente descrito como agradável, eufórico e onírico.

Os efeitos da mescalina podem variar de pessoa para pessoa e dependem da dose, ambiente e estado de espírito do indivíduo. Alguns dos efeitos mais comuns incluem:

- **Alucinações:** A mescalina é conhecida por produzir alucinações visuais intensas. As cores podem parecer mais vibrantes e os objetos podem parecer distorcidos ou em movimento. Mudanças na percepção do tempo e do espaço.
- **Euforia e sensação de bem-estar:** A mescalina pode induzir uma sensação de euforia, felicidade e uma profunda sensação de bem-estar. Muitos usuários descrevem uma sensação de conexão espiritual ou transcendental durante a experiência.
- **Alterações na consciência:** A mescalina pode levar a mudanças na consciência e na percepção de si mesmo. Algumas pessoas relatam uma sensação de dissolução do ego e uma compreensão mais profunda de si mesmas e do mundo ao seu redor, entre outras coisas.

“

Relendo Huxley após ter essas experiências, pude apreciar o quão distinta é a mescalina dos outros psicodélicos. Huxley não descreve a sensação de deixar o universo conhecido, em uma jornada para o ‘além’ povoado por personagens estranhas ou decorado com padrões visuais extraordinários, ou qualquer tipo de alucinação. Ele não viajou para dentro das profundezas de sua psique ou recuperou memórias reprimidas. Seu ego não foi dissolvido, permitindo que ele se unisse a Deus ou à natureza. Ele não falou sobre a (clássica) epifania psicodélica de que o amor é a coisa mais importante do universo. Não, Huxley continuou aqui na Terra, sentado em seu jardim em Los Angeles, observando o familiar mundo físico — mas através de olhos completamente novos. (Pollan, M. 2021)

”

uso psicoterapêutico

Estudos sugerem que a mescalina pode aumentar o fluxo sanguíneo e a atividade no córtex pré-frontal do cérebro, responsável pelo planejamento, resolução de problemas, regulação emocional e comportamento. Sua baixa atividade está ligada à depressão e ansiedade, levando os cientistas a entender que a substância poderia ajudar quem sofre com esses tipos de distúrbios.

A mescalina também ativa os receptores de serotonina e dopamina, que podem ajudar a melhorar o humor e a tratar a depressão. Curiosamente, um dos usos terapêuticos tradicionais do peiote era como antidepressivo, e os índices de depressão são baixos entre os membros da Igreja Nativa Americana, onde seu consumo é bastante comum.

Também pode ajudar a reduzir pensamentos suicidas, de acordo com pesquisas da Universidade do Alabama. Outro estudo de 2013 também descobriu que o uso de mescalina ou peiote ao longo da vida estava significativamente ligado a uma taxa mais baixa de agorafobia, um transtorno de ansiedade em que os indivíduos sentem medo do ambiente que os cerca.

O tratamento do uso problemático de substâncias é outro potencial terapêutico da mescalina. Um pesquisador da Harvard Medical School, que passou anos estudando o uso de peiote, descobriu que a substância reduziu as taxas de alcoolismo e de uso problemático de outras drogas entre os nativos americanos. Ele

também concluiu que as próprias cerimônias são um elemento importante para os efeitos curativos da planta.

debates éticos

Assim como acontece com a ayahuasca e até mesmo com os cogumelos mágicos, existem muitas problematizações quando pensamos no uso da mescalina natural — ou seja, proveniente das plantas. Na série documental de Pollan *Como Mudar Sua Mente*, 2022, são ressaltadas autoridades indígenas nativas trazendo essas questões.

Sandor Iron Rope, dos Oglala Lakota, afirma que um dos maiores desafios das tribos nativas atualmente é justamente o renascimento psicodélico. Seu medo é que, com o aumento da busca e a possível descriminalização do peiote, que já é debatida nos Estados Unidos junto com outras plantas psicodélicas, as pessoas não-nativas passem a roubar o peiote — uma ferramenta rara, que cresce lentamente e em poucos lugares.

De acordo com Sandor, é preciso preservar e respeitar a cultura indígena. Toda a América foi construída em terras roubadas, e a exploração e apropriação acontecem muito mais do que deveriam acontecer. Se todas as pessoas de fora da cultura receberem o peiote e tiverem livre acesso à sua medicina, o que sobriaria para eles? Retirar uma substância de seu contexto religioso e espiritual e tirar dela seu significado pode não parecer muita coisa para quem não faz parte de uma cultura nativa. Mas, para

quem faz, é outra maneira de despir as substâncias de sua essência sagrada.

No século XIX, com o avanço da ciência farmacêutica, as substâncias psicodélicas foram mais exploradas, principalmente o cacto *Lophophora williamsii*, mais conhecido como Peyote, que era a substância psicodélica mais utilizada no mundo. Vários estudos foram realizados com a

Lophophora williamsii, alguns incluíam estudos de auto-experimentação. Outras substâncias utilizadas em cultos mágicos também ganharam a atenção, devido aos estudos realizados com o Peyote usado nos cultos da centenária Native American Church, e as excursões à América no século XIX. (BRAND, 1967; PERRINE, 2001; SCHULTES, 1963; SCHULTES, 2001; ESCOBAR; ROAZZI, 2010)

“ Os portões da percepção foram abertos; e com isso as coisas comuns se tornam extraordinárias e as coisas extraordinárias começaram a parecer coisas comuns. (Huxley, A. 1954) ”

MDMA (molly, michael douglas, bala, MD, miles davis)

O “Ecstasy” (3,4-metilenodioximetanfetamina) ou MDMA – também conhecido como “bala”, “molly”, “MD” – é uma substância psicoativa amplamente estudada por suas propriedades entactogênicas e empatogênicas, sendo um composto derivado das metanfetaminas, sintetizado na Alemanha em 1912 por Anton Köllisch, tendo seu primeiro uso farmacológico como um inibidor de apetite. Posteriormente, houve a tentativa de uso como fármaco psicoterápico, por volta de 1950, em pacientes submetidos a psicanálise. Nos anos 80, houve grande entusiasmo com a substância, que chegou a ser considerada de grande importância para tratamento de transtornos do humor. Ainda em 1985, o MDMA teve seu uso

figura 41



restrito nos Estados Unidos e, em 1988, no Brasil. O princípio ativo da substância comumente conhecida como “Ecstasy” é o MDMA, mas os comprimidos consumidos como Ecstasy, nem sempre contém realmente MDMA, podendo conter diversas substâncias, como o 2CB, 2CT2, DMY, Bromo-dragonfly, DOM, MDEA, MDA ou outros, com maior potencial psicotrópico e efeitos colaterais diferentes.

enteógenos populares

É, geralmente, consumido por via oral, embora possa também ser injetado ou inalado. Surge em forma de pílulas, comprimidos, cápsulas, cristais ou pó. Pode apresentar diversos aspectos, tamanhos e cores, de forma a tornar-se mais atrativo e comercial. Esta variabilidade abrange também a composição das próprias pastilhas, o que faz com que, muitas vezes, os consumidores não saibam exatamente o que estão ingerindo.

O mecanismo de ação do MDMA envolve a liberação de neurotransmissores como a serotonina, noradrenalina e dopamina, em diversas partes do sistema nervoso central. Libera noradrenalina e serotonina em taxas semelhantes, ambas maiores que dopamina. Assim, as alterações no humor e na percepção são atribuídas à liberação de dopamina e serotonina, enquanto as alterações na temperatura corporal ocorrem por ação de todos (dopamina, serotonina e noradrenalina). Além disso, o MDMA atua como agonista indireto no receptor serotoninérgico pré-sináptico, que não só aumenta a liberação de serotonina, como inibe sua recaptação. Atua, ainda, como inibidor da enzima monoaminaoxidase (MAO), aumentando a concentração e liberação de serotonina no sistema nervoso central.

O Ecstasy atua mediante o aumento da produção e diminuição da reabsorção da serotonina, ao nível do cérebro. A serotonina parece afetar a disposição,

o apetite e o sistema que regula a temperatura corporal. Antes da sua proibição, foi utilizada como medicamento em contextos de terapia de casal e psicoterapia, principalmente pelos seus efeitos **entactógenos**⁴.

origem

O MDMA foi descoberto antes das anfetaminas ou dos alucinógenos. Em 1912, os laboratórios alemães Merck isolaram acidentalmente o MDMA (MetilenoDioxoMetaAnfetamina) e em 1914 patentearam-no como inibidor do apetite, o qual não chegou a ser comercializado. Só nos anos 50 é que, com fins experimentais, foi utilizado pela polícia em interrogatórios e em psicoterapia. Nos anos 60 e 70 conseguiu grande popularidade entre a cultura underground californiana e entre os frequentadores de discotecas, o que levou à sua proibição em 1985. Foi batizado com o nome de Ecstasy (XTC) pelos vendedores como uma manobra de marketing.

Na Europa, nos finais dos anos 80, o seu consumo aumentou, como se pode verificar, por exemplo, pelo número de pastilhas apreendidas pelas autoridades espanholas: 4.325 em 1989 e 645.000 em 1995. Este alargamento na Europa está também associado à queda do muro de Berlim e ao descontrolo político de alguns dos países do Leste europeu, onde a indústria farmacêutica está fortemente

⁴**Entactógenos:** Compõem uma classe de drogas psicoativas que produzem efeitos de empatia, conexão emocional, harmonia e compreensão. O termo foi criado por Ralph Metzner e David E. Nichols em 1983 e 84, e significa algo que “gera um estado de empatia”.

implantada. O Ecstasy foi inicialmente consumido em Ibiza e nos países do mediterrâneo, no contexto da noite e da música eletrônica. Espalhando-se, até à Inglaterra e Holanda, onde surge a nova cultura da rave entre os jovens.

efeitos

Os primeiros efeitos surgem após 20-70 minutos, alcançando a fase de estabilidade em 2 horas. Diz-se que o MDMA pode combinar os efeitos da cannabis (aumento da sensibilidade sensorial e auditiva), os das anfetaminas (excitação e agitação) e ainda com os do álcool (desinibição e sociabilidade). Além disso, pode oferecer uma forte sensação de amor ao próximo, de vontade de contato físico e sexual.

O MDMA pode provocar uma sensação de intimidade e de proximidade com outras pessoas, aumento da percepção de sensualidade, aumento da capacidade comunicativa, loquacidade, euforia, despreocupação, autoconfiança, expansão da perspectiva mental, incremento da consciência das emoções, diminuição da agressividade ou perda da noção de espaço. A nível físico pode ocorrer trismo (contração dos músculos da mandíbula), taquicardia, aumento da pressão sanguínea, secura da boca, diminuição do apetite, dilatação das pupilas, dificuldade em caminhar, reflexos exaltados, vontade de urinar, tremores, transpiração, câimbras ou dores musculares ou articulares. Os efeitos desaparecem de 4 a 6 horas após o consumo. Podem ocorrer algumas consequências

residuais, chamadas “flashbacks”, onde normalmente acontecem nas primeiras 40 horas posteriores ao seu consumo.

A longo prazo, o MDMA pode provocar cansaço, esgotamento, sonolência, deterioração da personalidade, depressão, ansiedade, ataques de pânico, má disposição, letargia, psicose, dificuldade de concentração, irritação ou insónia. Estas consequências podem ainda ser acompanhadas de arritmias, morte súbita por colapso cardiovascular, acidente cérebro-vascular, hipertermia, hepatotoxicidade ou insuficiência renal aguda.

O consumo de MDMA e a actividade física intensa (várias horas a dançar) pode provocar desidratação e o aumento da temperatura corporal (pode chegar a 42° C), o que por sua vez pode levar hemorragia interna. A desidratação e a hipertimia têm sido causa de várias mortes em raves. A hipertimia pode ser reconhecida pelos seguintes sinais: parar de transpirar, desorientação, vertigens, dores de cabeça, fadiga, câimbras ou desmaio. Como forma de precaução, aconselha-se a ingestão de água. No entanto, a ingestão excessiva de água pode também ser perigosa (a intoxicação de água pode ser fatal). É de referir que esta droga é frequentemente falsificada e substâncias como as anfetaminas, a ketamina, o PCP, a cafeína ou medicamentos são vendidos com o nome de ecstasy.

O desenvolvimento de tolerância pode ser favorecido pelo uso contínuo do ecstasy, a dependência psicológica pode verificar-se mas não existem dados conclusivos relativamente à dependência física.

matéria prima

SAFROL: substância precursora na síntese do inseticida sinérgico butóxido de piperonila, da fragrância piperonal via isosafrol e da substância empatoxênica/entactoxênica MDMA.

ISOSAFROL, PIPERONAL, ou 3,4-metilenodioxifenil-2-propanona. (ambos derivados do Safrol)

SAFROL extraído em forma de ÓLEO DE SASSÁFRAS, oriundo da CANELA SASSÁFRAS no Brasil (ocófia pretiosa, ocófia odorífera),

ÁRVORES DE SASSÁFRAS na América do Norte (sassafras albidum), ocotea cymbarum AMÉRICA CENTRAL E DO SUL (Extraído normalmente das raízes, cascas e frutos)

SHIKIMI - ANIS ESTRELADO JAPONÊS (illicium anisatum)

potencial psicoterapêutico e medicinal do MDMA

O MDMA (3,4-metilenodioximetanfetamina) tem despertado um interesse crescente na comunidade científica devido ao seu potencial terapêutico no tratamento de transtornos mentais, especialmente o transtorno de estresse pós-traumático (TEPT) e transtornos do humor. Estudos

clínicos têm demonstrado consistentemente que o MDMA, quando administrado em um ambiente terapêutico supervisionado, pode facilitar a comunicação emocional, reduzir a ansiedade e promover a empatia e a conexão interpessoal. Por exemplo é o estudo realizado por Mithoefer et al. (2018) mostrou que a terapia assistida por MDMA resultou em melhorias significativas nos sintomas de TEPT em pacientes que não responderam ao tratamento convencional. Além da psicoterapia, o MDMA também está sendo explorado como uma possível ferramenta no tratamento de outras condições, como transtornos de ansiedade e depressão. Estudos pré-clínicos sugerem que o MDMA pode ter efeitos **neuroplásticos**⁵ e **neurogênicos**⁶, o que poderia contribuir para o seu potencial terapêutico em uma variedade de transtornos mentais (Carhart-Harris et al., 2021).

Michael Pollan, também em sua obra “How to Change Your Mind”, destacou o potencial transformador do MDMA no contexto terapêutico. Pollan ressalta a importância de uma abordagem cuidadosa e ética na pesquisa e na prática clínica com o MDMA. Além de Pollan, outros estudiosos, como Rick Doblin da Multidisciplinary Association for Psychedelic Studies (MAPS), têm defendido o uso controlado do MDMA como uma ferramenta valiosa no arsenal terapêutico para transtornos mentais resistentes ao tratamento convencional.

.....
5 Neuroplástico: A neuroplasticidade é a capacidade que o cérebro tem de aprender e se reprogramar. Essa competência está presente nas células nervosas e permite que todo o sistema nervoso consiga se adaptar a determinadas situações, como traumas e lesões.

6 Neurogenia/Neurogênese: Processo de formação de novos neurônios no cérebro.

ketamina

(special key, keta, key)

A ketamina ou cetamina, também conhecida como Special K, é um anestésico geral utilizado em procedimentos cirúrgicos, entretanto é usada por algumas pessoas como uma droga recreativa, devido aos efeitos alucinógenos que ela causa, proporcionando ao usuário a sensação de estar fora do seu corpo.

A cetamina ou quetamina, vendida sob a denominação comercial Ketalar, Cetamin, entre outros, é uma medicação utilizada principalmente para induzir e manter a anestesia. A substância induz um estado de transe, proporcionando alívio da dor, sedação e perda de memória. Outros usos incluem alívio de dor crônica, sedação nos cuidados intensivos e foi aprovada pela FDA em 2019 para o uso em pacientes com depressão refratária. A função cardíaca, a respiração e reflexos das vias respiratórias, geralmente, permanecem em funcionamento. Os efeitos normalmente têm início dentro de cinco minutos quando administrado por injeção e os principais efeitos analgésicos duram até 25 minutos.

A cetamina foi sintetizada em 1962 por Calvin Lee Stevens no laboratório de Química Orgânica da Wayne State University - EUA, devido a colaboração com a companhia farmacêutica Parke Davis (Domino, 2010). Os laboratórios da Parke Davis estavam desenvolvendo pesquisas para substituição da fenciclidina (PCP) como anestésico, devido o



figura 42

PCP apresentar efeitos adversos e psicomiméticos marcantes e duradouros (Domino, 2010).

potencial psicoterapêutico e medicinal do ketamina

As preparações contendo cetamina são usadas na medicina humana como agentes anestésicos e analgésicos, com aplicação clínica importante na anestesia pediátrica e ambulatoria e tratamento de queimados. Na medicina veterinária o seu uso como anestésico é generalizado, especialmente em animais pequenos, e é considerado indispensável pela Federação Europeia de Veterinários.

Um exemplo de uso psicoterapêutico da ketamina é o tratamento da depressão resistente ao tratamento convencional. Estudos demonstram que a administração controlada de ketamina, geralmente por via intravenosa, pode levar a melhorias nos sintomas depressivos em pacientes que não responderam a outros tratamentos antidepressivos.

enteógenos populares

cocaína

(tiro, téco, raio, speed)

Erythroxylum coca, comumente conhecida como Coca (do **quíchua**⁷ kuka), é uma planta da família Erythroxylaceae nativa da Bolívia e do Peru. Tem porte arbustivo/arbóreo e pode ficar frondosa, suas flores são amarelo-alvacentas, pequenas e aromáticas, solitárias ou reunidas em cimeiras, os frutos drupáceos oblongos, vermelhos. Há mais de 4500 anos, as folhas de coca são usadas por índios da América do Sul. Com a industrialização no século XIX, a cocaína chegou aos países desenvolvidos da época. Na medicina, essa substância também se mostrou presente, sendo usada, tanto por Freud quanto por outros médicos, na tentativa de curar inúmeras enfermidades. No entanto, a maior disponibilidade e a queda dos preços nos últimos 30 anos possibilitaram que essa droga fosse usada abusivamente por um número crescente de pessoas, trazendo consequências assustadoras para a saúde do indivíduo e para a sociedade geral.

origens do uso

O envolvimento humano com substâncias psicoativas, em especial a cocaína, retornam a um passado longínquo. O abuso de cocaína tem suas raízes nas grandes civilizações pré-colombianas

7 quíchua: Relativo ou pertencente aos quíchuas, povo indígena que ocupava uma parte da América do Sul e cujos descendentes formam parte significativa da população do Equador e do Peru.



figura 43

dos Andes que, há mais de 4500 anos, já conheciam e utilizavam a folha extraída da planta *Erythroxylum coca* ou coca boliviana, como testemunham as escavações arqueológicas do Peru e da Bolívia. A planta de coca cresce na forma de arbusto ou em árvores ao leste dos Andes e acima da Bacia Amazônica. Cultivada em clima tropical e altitudes que variam entre 450 m e 1.800 m acima do nível do mar, continua sendo usada pelos nativos da região que a mascam. Numerosas lendas se referem a ela em associação aos mistérios sagrados da fertilidade, da sobrevivência e da morte, assim como de práticas curativas.

O nome coca deriva de uma palavra aimará, “khoka”, cujo significado seria “a árvore”. Para os incas, a planta era sagrada, um presente do Deus Sol (Inti), relacionada à lenda de Manco Capac, o filho do sol, que desceu do céu sobre as águas do lago Titicaca para ensinar aos homens as artes, a agricultura e para presentear-lhes com a coca. Até a chegada dos espanhóis à América, seu uso era privilégio da nobreza Inca. No período colonial, porém, o consumo

entre os índios se popularizou, apesar da oposição da igreja católica. No Norte do Brasil, também é chamada de epadu. Muitas tribos da Bacia Amazônica, na região fronteira entre Venezuela, Colômbia e Brasil, mantêm o hábito de mascar o “epadu” ou “ipadu” como forma de preparo das folhas torradas de coca misturadas com elementos alcalinos, transformadas em pó e agrupadas em pequenas bolinhas. Os homens e as mulheres mais idosos, principalmente da tribo dos Tucanos, ingerem o pó várias vezes ao dia, utilizando colheres de osso. Além do valor nutritivo, esses indígenas buscam o bem-estar e a ação euforizante que fazem parte de seus cotidianos. Esse uso está intimamente integrado à cosmovisão dessas tribos. Assim, a palavra que designa a coca, “ahpi”, também denomina leite, leite materno, via láctea, e o próprio nome da nação indígena habitada pelos índios Tucanos.

Quando efeitos danosos ocorriam, não eram notados. Índios peruanos que utilizavam cronicamente cocaína apresentavam-se doentes e desnutridos. No trabalho pesado, realizado nas minas de estanho em grandes profundidades, os índios peruanos podiam apresentar o mesmo quadro doentio, assim como o observado em índios que não faziam uso de folhas de coca. A quantidade de droga usada pelos índios era bastante baixa. A estimativa é de que, em média, eram mascadas 60 g de folhas por dia, ou seja, em torno de 200 mg a 300 mg de cocaína. Havia um limite, até mesmo físico, do número de folhas capazes de ser mascadas, servindo até como uma segurança contra os seus efeitos tóxicos.

Os primeiros relatos europeus sobre esse vegetal são de autoria de Américo Vespúcio (1499), publicados em 1507, nos quais descreve a coca sendo mastigada com cinzas. O uso concomitante, no ato da mastigação, de cinza ou bicarbonato de sódio, utilizado até hoje, deve-se ao fato de sua absorção pela mucosa da cavidade oral apenas se realizar em pH altamente alcalino.

A sua ação farmacológica, quando mascarada, é semelhante ao estímulo provocado pela ingestão de doses elevadas de cafeína, não sendo, no entanto, acompanhada de euforia. Os hispânicos não reconheceram esse valor cultural, e, em 1551, o Conselho Eclesiástico de Lima declarou ser a coca “uma planta enviada pelo demônio para destruir os nativos”; ela seria um obstáculo para a difusão do cristianismo, explicando o insucesso de muitas campanhas de conversão.

A proibição não durou muito tempo, pois os espanhóis constataram que os índios não conseguiam fazer o trabalho pesado sem o uso de coca. Em 1569, o Rei Felipe II da Espanha declarou o ato de mascar coca como um hábito essencial à saúde do “trabalhador indígena”.

No final do século XVI, a coca foi introduzida na Espanha pelos conquistadores para fins medicinais e como suposto afrodisíaco, e começaram a levá-la de volta à Espanha. A coca foi utilizada inicialmente como um estimulante e um tônico, sendo consumida principalmente em forma de chá. porém seu uso não se difundiu naquela época pelos cidadãos europeus, diferente da situação atual.



figura 44

cocaína na medicina:

Bem como a heroína, a cocaína é uma droga relativamente recente no arsenal das substâncias de origem vegetal. Em 1855, o químico alemão Friedrich Gaedecke conseguiu o extrato das folhas de coca, o erythroxyline. Quatro anos mais tarde, em 1859, o químico alemão Albert Niemann conseguiu isolar, entre os seus numerosos alcalóides, o extrato de cocaína, representando o principal deles (80% do total). Os demais alcalóides compreendem a nicotina, a cafeína e a morfina. Também são encontradas, em concentrações menores, a tiamina, a riboflavina e o ácido ascórbico. Aproximadamente 100 gramas de folhas podem suprir as necessidades diárias dessas vitaminas. Somente em 1898, foi descoberta a fórmula exata de sua estrutura química. Em 1902, Willstatt (prêmio Nobel) produziu cocaína sintética em laboratório. Sob a forma de cloridrato de cocaína, a famosa cocaína em forma de pó branco cristalino.

No início, a cocaína foi considerada um fármaco milagroso, e os americanos começaram a prescrevê-la para enfermidades particularmente difíceis de tratar. Tentaram empregar a cocaína no tratamento como um antídoto radical da morfina. Freud contribuiu de maneira decisiva para a divulgação da nova droga, quando, em 1884, publicou um livro chamado “Uber coca” (sobre a cocaína), no qual defendeu seu uso terapêutico como “estimulante, afrodisíaco, anestésico local, assim como indicado no tratamento de asma, doenças consuptivas, desordens digestivas, exaustão nervosa, histeria, sífilis e mesmo o mal-estar relacionado a altitudes”. O próprio Freud utilizava cocaína em doses de 200 mg por dia. Ele recomendava doses orais da substância entre 50-100 mg como estimulante e euforizante em estados graves de depressão.

Freud utilizou cocaína para tratar um amigo, o médico Ernest von Fleischl Marxow, que havia se tornado dependente de morfina, prescrita para um quadro de dor intensa, por ter amputado a perna. O resultado foi um quadro de dependência dupla. Ernest von Fleischl Marxow desenvolveu delírios paranóides e alucinações de formigamento, tornando-se intratável. Freud também tratou o amigo Karl Koller, que recebeu o apelido de Coca-Koller devido à dependência desenvolvida com esse fármaco. Após quatro anos de sua publicação original, Freud voltou atrás,

rendendo-se às evidências de que a “droga milagrosa” tinha uma série de inconvenientes, começando pelo seu potencial de criar dependência - “cocainomania”- que, em muitos casos, substituiu a “morfomania” ou mesmo se combinava com ela.

Em 1892, Freud publicou uma continuação de “Uber coca”, modificando seu ponto de vista, originalmente favorável à cocaína. Não obstante, alguns autores, como Bucher (1992), defendem a tese de que a cocaína ter contribuído indiretamente para que Freud realizasse a descoberta dos processos inconscientes, permitindo a criação da psicanálise. Dessa forma, Freud teria resgatado sua dívida com a humanidade, oferecendo um novo e poderoso instrumento para a autocompreensão sem toxicidade, embora não tão inofensivo para o “sono tranqüilo”, baseado na ignorância sobre o próprio respeito da sociedade como um todo.

Em 1884, Karl Koller descobriu que o olho humano tornava-se insensível à dor com o uso de cocaína, representando o primeiro passo para a anestesia local. William S Halsted, que seria conhecido como um dos pais da cirurgia moderna e um dos fundadores da Faculdade de Medicina da Universidade Johns Hopkins, também pesquisou a cocaína por volta de 1880. Na tentativa de estabelecer o uso da droga como anestésico local, não ficando restrito à oftalmologia, Halsted passou a administrar cocaína em si mesmo e em outros.

Ele e seus colegas obtiveram sucesso no bloqueio da dor, iniciando a era das cirurgias oculares, entre outras, mas o preço desse achado foi uma intensa dependência e, conseqüentemente, a deterioração profissional. Acreditando (incorretamente) que a morfina e a cocaína pudessem substituir uma à outra, Halsted utilizou morfina para tratar sua dependência de cocaína, tornando-se, também, dependente de morfina até o final de sua vida.

Ainda no século XIX, mais precisamente no ano de 1863, um químico da Córsega, **Ângelo Mariani**, inventou uma mistura de folhas de coca com vinho, denominando-a de “**Vin Mariani**”. Essa bebida foi experimentada e apreciada por pessoas famosas, como *Thomas Edison*, *H. G. Wells*, *Jules Verne* e o Papa *Leo XVIII*, que premiou o químico com uma medalha de ouro. Em média, um litro de vinho continha entre 150 mg e não mais que 300 mg de cocaína. Assim, dois copos de vinho Mariani continham menos de 50 mg de cocaína, quantidade insuficiente para causar qualquer efeito nocivo em seres humanos.

enteógenos populares

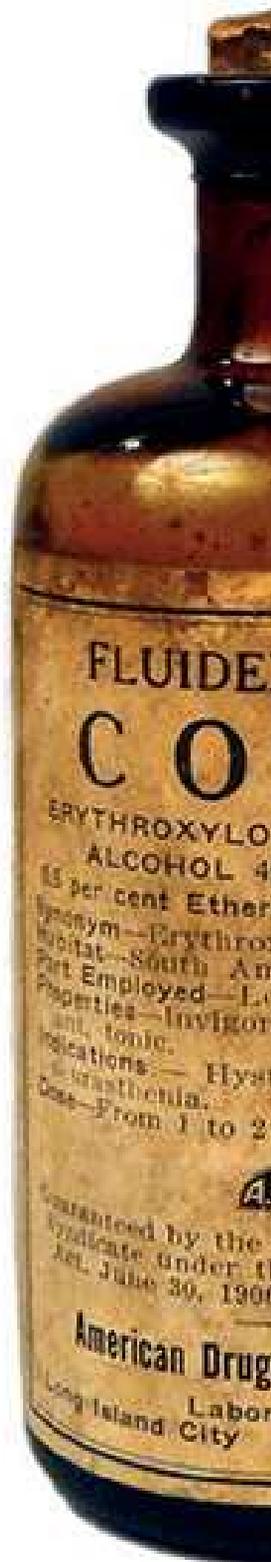




figura 45

Em 1886, John Styth Pemberton criou um “soft drink” isento de álcool, para estar de acordo com os princípios religiosos da sociedade americana do século XIX, mas com cocaína (60 mg por garrafa de oito onças, aproximadamente 240 ml) e com extrato de noz de cola, que era usado como tônico para o cérebro e os nervos. Assim nasceu a **Coca-Cola**. Atualmente, a cocaína foi substituída por cafeína, sendo o alcalóide retirado da fórmula em 1906, ainda que folhas de coca “descocainizadas” continuem sendo empregadas no seu preparo.

Até 1885, as folhas da coca eram levadas da América do Sul para outros países, onde eram transformadas em produtos, mas perdia-se muito da concentração de

cocaína nas longas viagens. Em 1885, um químico, trabalhando para indústria farmacêutica *Parke Davis*, revolucionou a produção ao descobrir uma maneira de produzir cocaína semi-refinada nos próprios países onde estavam instaladas as fábricas. Viagens e armazenamento das folhas de coca foram simplificados, os preços caíram, e o consumo de cocaína semi-refinada aumentou substancialmente. Dessa forma, houve uma rápida explosão de fábricas de medicações utilizando a cocaína em diversos produtos. Operando na ausência de leis ou regulamentos que limitassem a venda ou o consumo, a cocaína tornou-se presente em farmácias, mercearias e bares. Uma única fábrica, em 1885, oferecia cocaína em diferentes formas, incluindo **cigarros, charutos, inalantes, pastilhas (Drops), cristais, licores e soluções**.

Não é de espantar que episódios de toxicidade, tolerância, dependência e, até mesmo, morte pelo uso de tais produtos passassem a ser relatados em



figura 46

VIN MARIANI

(ERYTHROXYLON COCA.)

"VIN MARIANI" has been introduced strictly through the Medical Profession. The written opinions, contained in letters addressed to M. MARIANI, copies of which can be seen at either Depot, of over 2000 Physicians, may be summarised thus:—

"VIN MARIANI" nourishes, strengthens, sustains and refreshes; is very palatable, and may be borne by the most enfeebled Stomach; never produces constipation, but, on the contrary, aids digestion and assimilation, removing fatigue and improving the appetite.

"VIN MARIANI" is well adapted for Children, persons in delicate health and convalescents, as it sustains life for a long period and nourishes without any other food or drink.

"VIN MARIANI" supplies exactly what Physicians have so long felt the need of in their practice, a perfectly reliable, diffusible tonic and stimulant, and strengthener of the entire system.

"VIN MARIANI" is given successfully as a tonic and stimulant in the treatment of Anæmia, Pulmonary Troubles, Laryngeal and Gastric Complications, Asthma, Lymphatism, Sequelæ of Childbirth, Brain Exhaustion, Nervous Depression, Dyspepsia, Tardy Convalescence, Blood Impoverishment, after Wasting Fevers, and General Debility.

Price 4/- per Bottle; or 45/- per Dozen. The Medical Profession, Clergymen and Vocalists, either for their own use or for experimenting, can, upon enclosing their Card and P.O.O. to either of the London Wholesale Depots, have **delivered them Free to Address**, any quantity at the Professional Price of 42/- per dozen.

London Wholesale Depots—**GABRIEL JOZEAU, 49, Haymarket;**
WILCOX & Co., 239, Oxford Street.

Retail through any Chemist in the United Kingdom.

PARIS—41, Boulevard Haussmann. NEW YORK—52, West 15th Street.

1

revistas médicas no início dos anos 20. Os problemas tornaram-se ainda mais frequentes e graves quando, na mesma época, surgiram comercialmente seringas hipodérmicas, facilitando a chegada de uma maior quantidade de cocaína na corrente sanguínea.

Em 1878, nos Estados Unidos da América, Bentley realçou as propriedades da cocaína, sendo suas variedades:

Erythroxylum coca var. coca (Lam., 1786)
- *Coca Huánuco, coca boliviana.*

Erythroxylum coca var. ipadu (Plowman, 1979) - *Coca amazônica.*

Alguns refrigerantes, como *Coca-Cola*, utilizavam extrato de folhas do mesmo gênero *Erythroxylum*, com menores teores de cocaína, e outros tentavam imitar a sua composição. Além de todos esses aspectos, a cocaína surgiu na cultura ocidental desde o século passado, deixando rastros na literatura, na arte e nas diversas condutas da moda. Ressalta-se uma afinidade curiosa da cocaína com o romance policial do autor inglês Stevenson. O romancista teria escrito

“Dr. Jekyll e Mr. Hyde” sob efeito da droga, sendo que os dois protagonistas representam com exatidão o fenômeno de dissociação de personalidade em dependentes da substância. Arthur Conan Doyle, autor do personagem Sherlock Holmes, era um notório consumidor de cocaína. O mesmo, em diversos momentos, colocava o personagem envolvido em problemas decorrentes da droga. Um desses episódios de ficção tratava de um encontro de Sherlock Holmes com Freud para tratar sua dependência.

abuso na atualidade

É fato, amplamente divulgado nos dias atuais, que o uso abusivo de cocaína tem se constituído em um problema cada vez maior na sociedade. As complicações neuropsiquiátricas e cardiocirculatórias, assim como os transtornos socioocupacionais, econômicos e legais associados ao seu abuso, fazem com que esse fenômeno necessite ser cada vez mais estudado. O aumento das taxas de morbidade e mortalidade parecem ser devido a uma diminuição no preço da droga e um aumento da sua disponibilidade. Um maior

figura 48

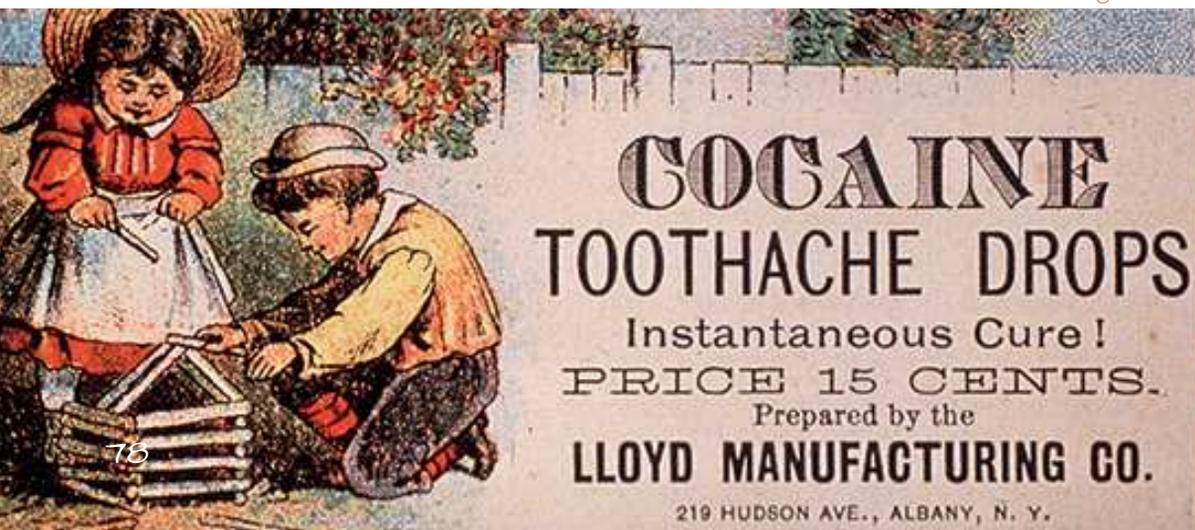




figura 49

número de pessoas utiliza a droga em concentrações e doses cada vez mais elevadas, dados que nunca tinham sido relatados num passado recente.

Depois de um uso abusivo de cocaína, no final do século passado, como foi citado anteriormente, nas primeiras décadas do século XX, o consumo mundial dessa droga pareceu ter diminuído de forma importante, com exceção dos países andinos, onde a substância continuava a ser consumida. Relatos de complicações decorrentes do consumo da substância passaram a ser divulgados, como no livro “Der Kokainismus” de Hans Maier, publicado em 1926, que levava a um maior conhecimento dos riscos associados ao uso de droga.

O surgimento de regulamentações e leis restritivas, como o tratado de Haia (1912), Harrison Act, de 1914, nos EUA, ou o Decreto-lei Federal nº 4.292 de 6 de julho de 1921, no Brasil, tornaram a cocaína menos disponível para a população em geral. O conhecimento da população sobre os efeitos nocivos da cocaína em grandes quantidades também ajudou no declínio do uso de droga. Além disso, na década de 1930, as anfetaminas e outras drogas estimulantes - mais baratas e com efeitos estimulantes mais duradouros que a cocaína - tornaram-se disponíveis, provavelmente ganhando a preferência

de muitos usuários prévios de cocaína. Depois de 50 anos, o mundo depara-se com o ressurgimento da cocaína como uma droga de largo consumo.

Três áreas de aplicação terapêutica da cocaína foram identificadas com bases científicas. Topicamente, a cocaína mostrou-se como um efetivo anestésico local oftalmológico, produzindo também vasoconstrição das mucosas. Entretanto, outros anestésicos de mesma eficácia presentes no mercado são atualmente utilizados, pois não estão associados aos possíveis efeitos adversos da cocaína, incluindo borramento visual e ulceração da córnea. Numa segunda aplicação, por muitos anos, a cocaína compreendeu um dos componentes das misturas de drogas utilizadas para o tratamento das dores de pacientes com câncer terminal. Imaginava-se que a adição da droga diminuísse o grau de consciência dos pacientes. Estudos controlados não demonstraram benefício de tal associação. Também nos casos mais severos de dores de cabeça, a cocaína apresentou excelentes resultados quando aplicada pelo foramen esfenoopalatino, embora esses resultados sejam de um pequeno estudo.

O ressurgimento de uso abusivo de cocaína nos últimos 30 anos não é de fácil explicação. No início da década de 70, havia pouca literatura demonstrando a toxicidade dessa droga e suas consequências na saúde e no desempenho do usuário. Justamente nessa década, a cocaína ressurgiu como a droga de escolha para um suposto uso “recreacional”, que colaborava para a crença de que a droga é segura, sem risco de causar dependência.

enteógenos populares

Foi a partir dos anos 80, com o aumento da oferta de cocaína no mercado de todos os países americanos, que essa concepção começou a mudar. Esse aumento da oferta deve-se, principalmente, a uma maior produção e a uma distribuição mais eficaz realizadas por alguns cartéis de traficantes sul-americanos. Essa maior oferta, com um preço muito menor, fez com que o uso de cocaína aumentasse e se diversificasse bastante. Segundo informe do NIDA (National Institute of Drug Abuse), em 1994, o consumo ocasional e o regular de cocaína diminuíram, ao passo que o consumo freqüente aumentou.

Um século se passou desde a descoberta da cocaína como um agente anestésico por Karl Koller, até o momento do surgimento do crack, em 1985, nas Bahamas. Com o advento do “crack” a partir da metade dos anos 80, o mundo testemunha uma nova fase da história da cocaína, pelo menos com relação ao potencial de toxicidade. Novos estudos estão sendo realizados com relação ao “crack”, montando um novo capítulo dessa história.

Os antigos incas, que estabeleceram um dos maiores impérios da América do Sul, são conhecidos por seu uso ritual e medicinal das folhas de coca. A mastigação das folhas, conhecida como “acullico” era comum e servia para aumentar a resistência, reduzir a fadiga e combater os efeitos da altitude. O historiador *John Hemming*, em sua obra *The Conquest of the Incas*, menciona que os incas consideravam a coca sagrada e a usavam em cerimônias religiosas e práticas medicinais (Hemming, 1970). O cronista espanhol

Pedro Cieza de León, em seu livro *Crónica del Perú* (1553), documentou o uso de coca entre os incas, destacando que os governantes e a elite tinham acesso privilegiado às folhas de coca, que eram altamente valorizadas e utilizadas em várias práticas culturais e religiosas.

Outras Culturas Pré-Colombianas além dos incas, outras civilizações andinas, como os *moches* e os *chimús*, também utilizavam folhas de coca. Arqueólogos descobriram vestígios de folhas de coca em *tumbas moches*, indicando seu uso ritual.

Segundo o antropólogo *Michael Moseley*, em seu livro *The Incas and Their Ancestors: The Archaeology of Peru*, a coca era amplamente cultivada e utilizada em rituais religiosos e medicinais entre estas culturas (Moseley, 2001).

Na literatura, Embora o uso de cocaína como substância isolada seja um desenvolvimento moderno, as folhas de coca têm sido utilizadas por milênios em várias culturas andinas.

Governantes, sacerdotes e membros da elite pré-colombiana usavam folhas de coca tanto para fins rituais quanto medicinais. As evidências arqueológicas e os relatos históricos de cronistas espanhóis fornecem uma visão detalhada do papel crucial que a coca desempenhou nas civilizações antigas da América do Sul.

O uso de cocaína tem uma história notável e, ao longo dos anos, *várias figuras históricas* proeminentes acabaram ficando conhecidas por sua relação íntima com a substância:



figura 50

Sigmund Freud (1856-1939), o famoso neurologista e fundador da psicanálise, foi um dos primeiros defensores do uso medicinal da cocaína. Freud realizou várias auto-experiências e promoveu a cocaína como um tratamento para diversas condições, incluindo depressão e dependência de morfina. Ele documentou suas observações em várias publicações, sendo a mais famosa *Über Coca* (1884).

Thomas Edison (1847-1931), o renomado inventor e empresário, é conhecido por seu uso de *vin mariani*, um vinho tônico que continha cocaína. Edison utilizava a bebida como um estimulante para ajudá-lo em suas longas sessões de trabalho.

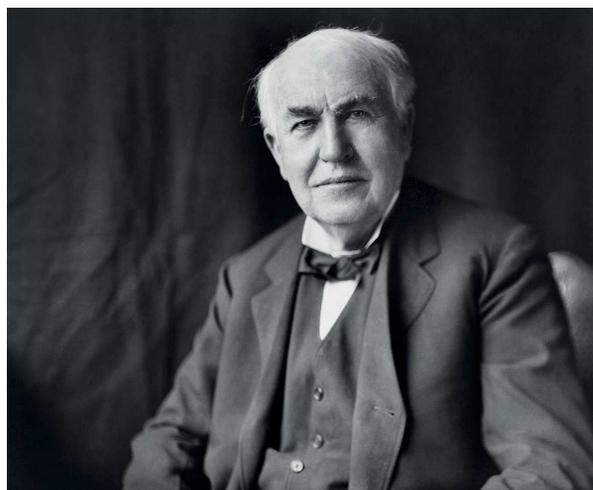


figura 51

figura 52



Robert Louis Stevenson (1850-1894), o autor escocês de clássicos como *A Ilha do Tesouro* e *O Médico e o Monstro*, utilizou cocaína durante a redação de suas obras. A substância teria sido um estimulante que o ajudava a manter longas horas de criatividade e escrita.

Sir Arthur Conan Doyle (1859-1930), criador do famoso detetive Sherlock Holmes, retratou seu personagem principal como usuário de cocaína, refletindo um período em que Doyle próprio experimentou a substância. Sherlock Holmes usava uma solução de cocaína a 7% para combater o tédio quando não tinha casos muito desafiadores.



figura 53

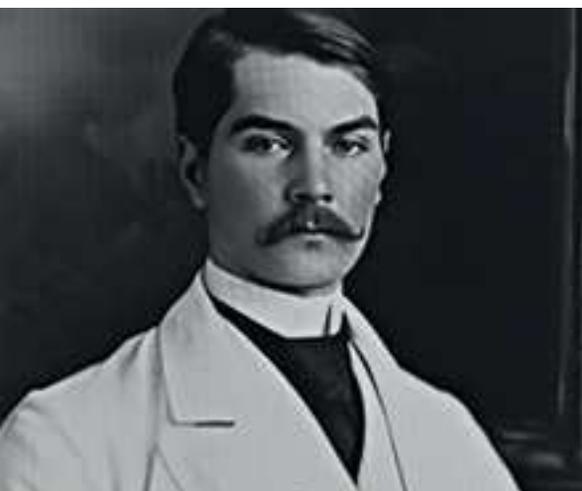


figura 54

John Stith Pemberton (1831-1888), farmacêutico americano e inventor da Coca-Cola, desenvolveu a bebida original contendo extrato de coca (cocaína) como um tônico medicinal. Inicialmente, a bebida foi comercializada como um remédio para várias doenças, incluindo a dependência de morfina, que Pemberton sofria.

conclusão

Certamente a história da cocaína não chegou ao fim. Talvez o comportamento do homem frente a uma substância encontrada nas folhas de um arbusto tenha tomado proporções nunca imaginadas há pouco mais de um século, causando tantos danos à sociedade atual. Espera-se que, com os avanços da ciência e das pesquisas, novas substâncias retiradas do mundo natural possam servir ao homem, e que a experiência obtida com a cocaína não se repita com os novos agentes terapêuticos que certamente surgirão na história da humanidade.

capítulo 3

LSD

(doce, ácido, gota, papel)

O LSD (*dietilamida do ácido lisérgico*) é uma substância psicodélica poderosa, amplamente estudada por suas propriedades alucinógenas e potenciais medicinais e também psicoterapêuticos.

A origem do LSD está intrinsecamente ligada ao esporão de centeio, um fungo parasítico conhecido cujo nome oficial é *Claviceps Purpurea*.

O esporão de centeio (*Claviceps Purpurea*) é um fungo que cresce em gramíneas, especialmente o centeio. Historicamente, foi associado a surtos de ergotismo, uma doença causada pela ingestão de alcalóides tóxicos presentes no fungo. A substância ativa do esporão de centeio, o ácido lisérgico, foi isolada e estudada por cientistas, levando à eventual síntese do LSD.



figura 56

8 Ergotamínicos: foram os primeiros medicamentos utilizados especificamente para enxaqueca. Alguns exemplos são o Cefaliv ou Enxak e Cefalium.

enteógenos populares

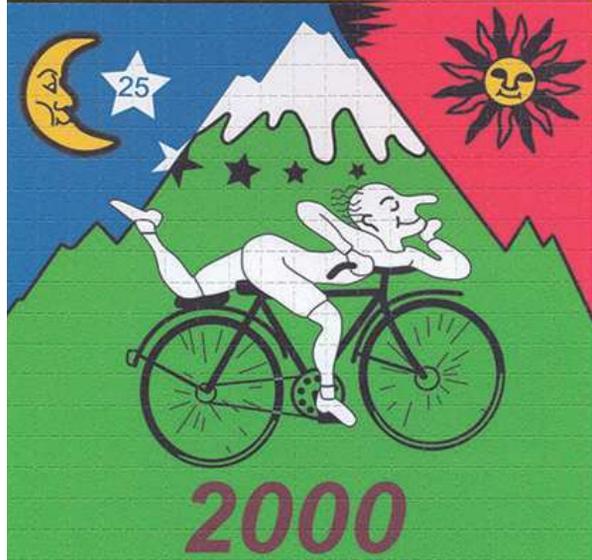


figura 55

Em 1938, Albert Hofmann, um químico suíço trabalhando para a Sandoz Laboratories, sintetizou o LSD pela primeira vez enquanto investigava derivados do ácido lisérgico para uso em farmacologia. Em seu livro "LSD: My Problem Child" (Hofmann, 2005), ele descreve a descoberta acidental dos efeitos alucinógenos do LSD em 1943, quando absorveu inadvertidamente uma pequena quantidade da substância: "Eu estava consciente de uma mudança notável no estado de consciência, marcada por uma imaginação exagerada e percepções visuais intensificadas".

O *Claviceps purpurea* produz vários alcalóides **ergotamínicos**⁸, dos quais o ácido lisérgico é um precursor crucial. A modificação química do ácido lisérgico resultou na criação do LSD, destacando a importância do esporão de centeio na história das substâncias psicodélicas.

Recentes avanços em biotecnologia têm permitido uma compreensão mais profunda da biossíntese desses alcalóides. De acordo com uma revisão por Flieger, Wurst e Shelby (2020), “a biossíntese dos alcalóides ergotamínicos no *Claviceps* é um processo complexo, envolvendo uma série de enzimas específicas que transformam os precursores em compostos bioativos”. Nos últimos anos, assim como por outros psicodélicos/enteógenos, o interesse pelo LSD ressurgiu, especialmente em pesquisas sobre seu potencial terapêutico e medicinal.

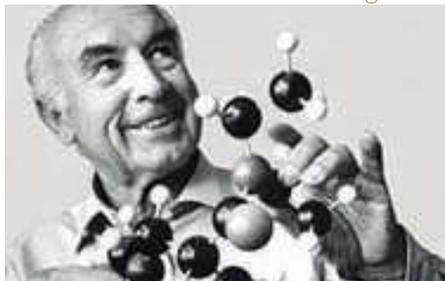
Autores literários e científicos têm contribuído para a compreensão do LSD e suas origens. Além de Albert Hofmann, Michael Pollan, em “How to Change Your Mind” (2018), explora também a redescoberta do LSD, e suas aplicações terapêuticas modernas. Pollan destaca a importância histórica do esporão de centeio e observa: “A descoberta do LSD a partir do ácido lisérgico representa uma das interseções mais fascinantes entre a natureza e a química sintética”.

O LSD desempenhou um papel significativo na pesquisa científica e na cultura popular desde sua descoberta. Durante as décadas de 1950 e 1960, o LSD foi estudado intensivamente por suas potenciais aplicações terapêuticas. Psiquiatras como Humphry Osmond e Stanislav Grof foram pioneiros no uso do LSD para tratar condições como depressão, ansiedade e transtornos de estresse pós-traumático (TEPT). Osmond cunhou o termo “psicodélico” para descrever substâncias que “manifestam a mente” (Osmond, 1957). O LSD teve uma influência profunda na

cultura popular e no movimento contracultural dos anos 1960. Figuras como Timothy Leary, um psicólogo de Harvard, tornaram-se defensores fervorosos do uso do LSD para expansão da mente e transformação social. Leary cunhou a famosa frase “Turn on, tune in, drop out”, encorajando as pessoas a explorar os estados alterados de consciência proporcionados pelo LSD (Leary, 1968). O LSD também influenciou a arte, a música e a literatura. Autores como Aldous Huxley, que escreveu *The Doors of Perception*, exploraram e celebraram as capacidades da mente sob a influência de substâncias psicodélicas. Huxley descreveu sua experiência com mescalina, mas suas ideias foram amplamente aplicadas ao LSD, inspirando uma grande geração de artistas e pensadores.

Com a ajuda do movimento hippie, as pesquisas com os alcalóides naturais cederam espaço a essa substância sintética, a mais potente dentre todas as outras, após o surgimento do LSD, porém em pouco tempo houve um problema epidemiológico relacionado ao abuso do LSD vivenciado na década de 60 (GROB, 1998; NICHOLS, 2004 apud ESCOBAR; ROAZZI, 2010; ANGEL, RICHARD E VALLEUR, 2002 apud NUNES, JÓLLUSKIN, 2007).

figura 57



cannabis

(maconha, marijuana, beak, liamba)

A maconha, ou *Cannabis sativa*, possui uma longa história de uso tanto medicinal quanto recreativo. Sua utilização remonta a civilizações antigas, como os chineses, que documentaram seu uso medicinal há cerca de 5.000 anos. No cenário contemporâneo, figuras como Raphael Mechoulam, um químico israelense, destacam-se por suas contribuições científicas. Mechoulam foi pioneiro na pesquisa dos canabinóides, isolando o THC (tetraidrocanabinol) e o CBD (canabidiol), componentes essenciais da cannabis. A maconha teve uma influência significativa na arte e cultura, particularmente a partir do século XX. Nos Estados Unidos, durante a década de 1960, o movimento contracultural abraçou a maconha como símbolo de liberdade e resistência contra o status quo. Músicos de jazz e reggae, como Louis Armstrong e Bob Marley, também popularizaram o uso da maconha, conectando-a a um ethos de paz e criatividade.

A cannabis chegou às Américas através dos colonizadores europeus e dos escravos africanos. No Brasil, a planta foi introduzida provavelmente pelos escravos angolanos no século XVI. Inicialmente utilizada de forma recreativa e medicinal, a maconha passou a ser criminalizada a partir do início do século XX, em um contexto de racismo e estigmatização das práticas



figura 58

culturais afro-brasileiras. Os povos árabes também possuem uma profunda e multifacetada relação com a maconha. O uso do haxixe, uma resina extraída da planta, remonta ao século XII no Oriente Médio. Este uso era, muitas vezes, ritualístico e medicinal. A literatura árabe clássica, como as “Mil e Uma Noites”, frequentemente menciona o haxixe, evidenciando sua integração cultural. Globalmente, a maconha é utilizada de maneiras variadas. Na Índia, é consumida em rituais religiosos hindus, particularmente durante o festival de Holi. Na Jamaica, a religião Rastafári considera a cannabis uma espécie de sacramento.

figura 59





figura 60

Nos Estados Unidos, o uso recreativo e medicinal é amplamente difundido, embora envolva complexas regulamentações legais. A proibição da maconha, particularmente nos Estados Unidos, e posteriormente refletida em todo mundo, está intimamente ligada a questões raciais e econômicas. Durante o início do século XX, figuras como Harry Anslinger, primeiro comissário do Bureau Federal de Narcóticos, promoveram campanhas anti-maconha que vinculavam a planta a minorias raciais, especialmente afro-americanos e mexicanos, contribuindo para um ambiente de racismo institucionalizado. Adicionalmente, a proibição da cannabis

foi favorecida por interesses econômicos. A indústria do algodão e a emergente indústria petroquímica viram na cannabis uma ameaça. O cânhamo, uma variedade da *Cannabis sativa*, competia diretamente com o algodão como fibra têxtil, e seus subprodutos eram alternativas viáveis ao petróleo para a produção de plásticos e outros materiais.

A maconha, com suas múltiplas facetas históricas, culturais e medicinais, continua a ser um tópico de grande relevância e controvérsia. Com um movimento crescente para a legalização e a aceitação medicinal, é fundamental entender suas complexas intersecções com a sociedade, economia e cultura. Estudos recentes continuam a explorar e expandir nosso conhecimento sobre os benefícios e impactos da cannabis, marcando uma nova era de entendimento e potencial inovação terapêutica e social.

uso medicinal e psicoterapêutico

A maconha, também tem despertado interesse significativo devido ao seu potencial medicinal e psicoterapêutico. Estudos clínicos têm investigado o uso da maconha e de seus compostos ativos, os canabinóides, no tratamento de uma variedade de condições médicas, incluindo dor crônica, epilepsia, glaucoma, parkinson, náusea e distúrbios do sono e de falta de apetite.

Pesquisas recentes sugerem que os canabinóides podem ter propriedades analgésicas, anti-inflamatórias e

figura 61



neuroprotetoras significativas, oferecendo novas opções terapêuticas para pacientes (Pacher et al., 2018). No contexto da psicoterapia, a maconha tem sido utilizada para tratar transtornos de ansiedade, transtorno de estresse pós-traumático (TEPT) e transtornos do humor.

Michael Pollan, também em sua obra “How to Change Your Mind”- Como Mudar Sua Mente, explora os efeitos transformadores da maconha em experiências psicoterapêuticas, destacando seu potencial para promover a introspecção, a empatia e a conexão emocional.

Além das contribuições de Pollan, outros estudiosos importantes, como Ethan Russo e Raphael Mechoulam, têm investigado os efeitos terapêuticos da maconha e dos canabinóides. Em suas pesquisas, eles têm explorado a complexidade dos sistemas endocanabinóides e seu papel na regulação de funções fisiológicas e psicológicas.

A literatura também tem abordado o tema da maconha, como evidenciado pela obra “Cannabis Pharmacy: The Practical Guide to Medical Marijuana” - Farmácia da Maconha, Guia prático para Maconha Medicinal, de Michael Backes (2017), que oferece informações detalhadas sobre os usos medicinais da maconha e suas aplicações clínicas.

Para uma melhor absorção e entendimento do conteúdo, recomenda-se aprofundar-se mais no assunto. Assim, aqui estão algumas sugestões de documentários e livros sobre o poder medicinal da planta cannabis (maconha):



figura 62

Documentários:

- “The Culture High” - Dirigido por Brett Harvey, este documentário explora a proibição da maconha e seus efeitos na sociedade.
- “Weed” - Uma série documental apresentada por Dr. Sanjay Gupta, que explora os usos medicinais da maconha.
- “The Union: The Business Behind Getting High” - Dirigido por Brett Harvey, este documentário examina a indústria da maconha, incluindo seu potencial medicinal.

Livros:

- “Marijuana: The Forbidden Medicine” de Lester Grinspoon e James B. Bakalar - Este livro oferece uma visão abrangente do uso medicinal da maconha, incluindo evidências científicas e históricas.
- “Cannabis Pharmacy: The Practical Guide to Medical Marijuana” de Michael Backes - Um guia abrangente sobre o uso seguro e eficaz da maconha para fins medicinais, incluindo informações sobre diferentes cepas e métodos para uma melhor administração.

papoula brava (ópio, heroína, opióides)

A papoula, especialmente a *Papaver somniferum*, é uma planta com uma história rica e complexa, intrinsecamente ligada ao desenvolvimento humano e cultural. Seus derivados, como o ópio, desempenharam papéis diversos em várias civilizações ao longo dos séculos. A história da papoula e do ópio remonta a milênios. No antigo Egito, a papoula era cultivada e o ópio utilizado para rituais religiosos e práticas medicinais. Na Grécia antiga, Homero menciona o ópio em suas epopeias, destacando seu uso como analgésico. Na China, o ópio era consumido tanto por suas propriedades medicinais quanto recreativas, e tornou-se uma mercadoria valiosa nas rotas comerciais da Rota da Seda.

Atualmente, o ópio é amplamente utilizado na indústria farmacêutica para produção de medicamentos analgésicos, como a morfina e a codeína. No entanto, seu uso também é associado à epidemia global de dependência e overdose de opióides e seus derivados.

Nos Estados Unidos, por exemplo, a prescrição médica indiscriminada de analgésicos opióides contribuiu para uma crise de saúde pública sem precedentes, resultando em milhares de mortes por overdose a cada ano. As vítimas da dependência de opióides são diversas e incluem pessoas de todas as idades, raças e origens socioeconômicas. Autores literários contemporâneos,



figura 63

como Patrick Radden Keefe em “Empire of Pain”- Império da dor, oferecem relatos pungentes e detalhados sobre as vidas devastadas pela dependência de opióides. Além disso, as vítimas muitas vezes enfrentam estigma social, dificuldades de acesso ao tratamento e recuperação, e um sistema de saúde que muitas vezes prioriza o lucro sobre o bem-estar das pessoas e pacientes.

A seiva seca da Papoula, conhecida como ópio, contém vários alcalóides, incluindo morfina e codeína, que têm sido utilizados para aliviar a dor e induzir o sono. A heroína, ou diacetilmorfina, é um derivado semissintético da morfina que foi sintetizado pela primeira vez no final do século XIX. A heroína foi sintetizada em 1874 pelo químico inglês C.R. Alder Wright, mas foi somente em 1898 que a empresa farmacêutica alemã Bayer começou a produzi-la comercialmente.

Inicialmente, a heroína foi comercializada como um medicamento para tratar tosse, dor e como substituto não viciante



figura 64

da morfina, usada amplamente durante e após a Guerra Civil Americana, mas que já era reconhecida por seu potencial viciante (Musto, 1999). Entretanto, rapidamente se percebeu que a heroína era, de fato, ainda mais viciante do que a morfina. Na década de 1920, preocupações crescentes com o vício levaram à proibição de sua produção e venda para uso não médico em muitos países, incluindo os Estados Unidos com o Ato de Narcóticos de Harrison de 1914 (Courtwright, 2001).

A produção ilegal de heroína continuou a crescer, especialmente no sudeste asiático, onde a “Golden Triangle” (Laos, Tailândia e Mianmar) se tornou uma das principais regiões produtoras de ópio no mundo. Nas últimas décadas, o Afeganistão emergiu como o principal produtor mundial de ópio, abastecendo grande parte do mercado global de heroína. (UNODC, 2020)

O impacto da heroína tem sido devastador. Milhões de pessoas ao redor do

mundo desenvolveram dependência da droga, com consequências sérias para a saúde pública, incluindo a propagação de doenças infecciosas como HIV/AIDS e hepatite C, devido ao uso compartilhado de seringas e agulhas.

Além disso, a heroína tem sido uma das principais causas de overdose fatal, um problema que continua a crescer (CDC, 2021). A crise contemporânea dos opióides, que começou nos Estados Unidos na década de 1990, está intimamente ligada à história do ópio e da heroína.

Esta crise foi impulsionada pelo aumento da prescrição de analgésicos opióides, como o OxyContin, seguido por um aumento no uso de heroína à medida que as restrições às prescrições foram endurecidas (Quinones, 2015). Em conclusão, a papoula e seus derivados, como a heroína, têm uma longa história que atravessa continentes e séculos.

Desde suas origens como remédio natural até seu papel central em crises modernas de saúde pública, a trajetória da heroína ilustra os perigos do uso indiscriminado de substâncias potentes e a complexa relação entre medicamentos e dependência.

figura 65



enteógenos populares

capítulo 4

DESEFECHO: GUERRA ÀS DROGAS

DESFECHO: GUERRA ÀS DROGAS

guerra às drogas

A chamada “Guerra às drogas”, possui suas raízes no início do século XX, alinhada com a Lei Seca nos EUA que perdurou durante 13 anos até ser revogada em 1933. Essa proibição apresentava-se com a proposta de diminuir a criminalidade e evitar acidentes de trânsito. No entanto, suas principais consequências acabaram sendo; eliminar diversos empregos legais; aumento da taxa de homicídios e geração de altos custos econômicos para garantir o cumprimento da lei. Assim como o álcool, por diversas motivações e alegações “sócio-econômicas”, em 1937, o consumo de maconha se tornou ilegal, colocando a erva no mesmo patamar de outras substâncias mais perigosas, como a cocaína e a heroína por diversas alegações sociais, sob a ótica de falsos estudos e discursos que sugeriam demonização de seus efeitos, quando na verdade se tratavam de políticas raciais e econômicas, e a partir da sua oficialização nos EUA, tornou-se um fenômeno mundial que deixou e deixa milhares de vítimas até os dias atuais.

Quando em 1971, o então presidente estadunidense Richard Nixon fez um discurso para a nação em que anunciou que o uso abusivo de drogas é o inimigo número um dos Estados Unidos (“America’s

public enemy number one in the United States is drug abuse”, discurso de Richard Nixon, Estados Unidos, 1971). A partir desta declaração foi concebida a política conhecida como “guerra às drogas”, no original “war on drugs”. Com isso, teve início o combate ao narcotráfico nos moldes atuais, com ampla violência, tabus, estigmatização e exclusão social de consumidores e principalmente de dependentes, criminalização até mesmo de pequenos produtores e condenações com longas penas.

Dessa forma, iniciou-se um ciclo de repressão que aumentou o preço da droga, que valorizou o tráfico, que estimulou o consumo, e que aumentou ainda mais a repressão. A guerra às drogas consiste em tornar o combate ao narcotráfico uma pauta de segurança nacional permitindo a militarização dessa política. Afinal, segundo o presidente Nixon, as drogas eram o principal inimigo do Estado. A partir da construção dessa ideia, o uso de medidas excepcionais em nome da defesa do Estado e da sociedade se torna legítimo, de modo que a aplicação dessas medidas pode ser feita tanto em âmbito interno quanto externo. Este discurso se baseou na divisão do mundo entre os países produtores de ilícitos e os países maiores consumidores.

Desse modo, os Estados Unidos, como pertencentes ao grupo de países consumidores, se posicionaram como “vítimas” de grupos ilegais. Por isso, o uso de qualquer medida excepcional se tornou legítimo, já que os Estados Unidos estariam “apenas se defendendo” de seu maior inimigo. E, liderados pelos Estados

Unidos, outros países na América Latina seguiram esse exemplo que foi se tornando cada vez mais “duro”. A política de guerra às drogas se origina de um viés moralista e conservador, que demoniza aquilo que não se compreende. A partir disso surgem as medidas proibicionistas, que quanto mais rígidas, mais exigem fiscalização e, quanto mais fiscalização, mais dinheiro é necessário. No Brasil, por um exemplo:

as consequências nos países latino-americanos foram ainda mais duras:

No Brasil, a virada para o século XX, período em que os EUA começam suas restrições a substâncias psicoativas, foi marcada por uma forte tensão entre classes e revoltas de grupos afrodescendentes. O processo acelerado de urbanização e industrialização foi acompanhado de condições miseráveis de trabalho e de

“ Os estados de São Paulo e do Rio de Janeiro gastaram, juntos, ao menos 5,2 bilhões de reais para a aplicação da Lei de Drogas em 2017 – o equivalente a 12% de todas as despesas com segurança pública, justiça criminal e prisões nesses dois estados naquele ano. O valor consta no estudo divulgado pelo Centro de Estudos de Segurança e Cidadania (Cesec). A título de comparação, tal quantia seria suficiente para comprar mais de 90 milhões de doses da vacina do Butantan contra a Covid-19 e imunizar 21% da população brasileira. (de Lima, Renato Revista Piauí IX) ”

A guerra às drogas estadunidense levou ao encarceramento em massa, principalmente de negros, latinos, trabalhadores mais pobres e moradores dos subúrbios. Os EUA viram a população carcerária de crimes relacionados às drogas saltar de 50 mil para 500 mil entre as décadas de 1970 e 1990, enquanto o país chegava ao 1º lugar no ranking de consumidores de substâncias psicoativas.

existência para a maior parte da população. Essas questões sociais vinham sendo tratadas com políticas repressivas, higienistas e de regulamentação do mercado de trabalho.

Ou seja, os governos e as elites brasileiras viram no proibicionismo uma grande oportunidade de reprimir as classes trabalhadoras. A configuração

“ A criminalização expõe os consumidores de drogas ilegais a riscos para a obtenção e uso das mesmas, através da forçosa relação com o tráfico e da possibilidade de repressão e extorsão pelos agentes de segurança pública. (Larissa N. Rybka, Juliana L. do Nascimento, Raquel S. L. Guzzo. 2018) ”

Resumindo, a forte repressão beneficiava as gangues do tráfico mais do que a qualquer outro grupo. Por isso, foi também durante essa repressão que nasceram os cartéis colombianos de cocaína. Ademais,

atual das políticas de álcool e drogas no Brasil se origina do paradigma proibicionista que data da virada do século e teve seus parâmetros desenhados na década de 1980 quando passa a se basear em

uma lógica explicitamente belicista. A ditadura militar foi um período de forte endurecimento nas políticas antidrogas no Brasil, contribuindo para a acentuação

a nova Lei de Drogas (Lei no 11.343, de 2006), o número de presos por tráfico aumentou até 339%.

“ O paradoxo da guerra contra as drogas é que quanto mais os governos pressionam a luta, mais altos os preços das drogas se tornam para compensar o aumento dos riscos. Isso leva a maiores lucros para os traficantes, que fogem da justiça. É por isso que as maiores gangues de drogas geralmente se beneficiam de uma guerra mais dura contra as drogas, especialmente se a guerra tem como alvo principal os traficantes e não as grandes gangues. Além disso, na medida em que uma guerra mais agressiva contra as drogas leva os traficantes a responder com níveis mais elevados de violência e corrupção, um aumento na aplicação da lei pode exacerbar os custos impostos à sociedade. (Becker. G; Murphy, K. 2019)

“ O México oferece um exemplo bem documentado de alguns dos custos envolvidos na guerra às drogas. Provavelmente mais de 50.000 pessoas morreram desde que a campanha antidrogas do México começou em 2006. [...] Esse número de mortes é muito maior do que as perdas americanas nas guerras do Iraque e Afeganistão juntas, e é cerca de três vezes o número de mortes americanas na Guerra do Vietnã. Muitos dos mortos eram inocentes civis e militares, policiais e funcionários do governo local envolvidos no esforço antidrogas. Becker. G; Murphy, K. 2019)

“ Diante da necessidade de conter essa ameaça e de formar uma classe trabalhadora constituída de indivíduos saudáveis e dóceis, o combate ao uso de determinadas substâncias psicoativas (ou a determinadas formas de uso das mesmas, como no caso do álcool) foi uma das estratégias de enfrentamento da luta das classes populares insatisfeitas com suas condições de existência. (Larissa N. Rybka, Juliana L. do Nascimento, Raquel S. L. Guzzo. 2018)

Ademais, os efeitos mais visíveis da “guerra às drogas” no Brasil são o extermínio e o encarceramento em massa da população jovem, pobre e negra. Tornando o Brasil o terceiro país com a maior população carcerária do mundo, atrás apenas dos EUA e da China. Desde

Segundo dados do Sistema de Informações do Departamento Penitenciário Nacional (SISDEPEN), da população carcerária brasileira de 2020, 32,39% da população carcerária está presa por crimes relacionados à drogas, destes, 92,18% são homens.

“ No Brasil, a política da guerra às drogas afeta desproporcionalmente as regiões periféricas dos centros urbanos [...] É pela mira do fuzil que o Estado brasileiro olha para as favelas e periferias. E, no que se refere à política de drogas, a estratégia prioritária adotada pelos governos é a do confronto e a da guerra. As táticas para combater o mercado ilegal de drogas são bem conhecidas por todos: incursões policiais frequentes, fazendo uso irrestrito de armamento pesado, com o objetivo declarado de desmantelar organizações criminosas e apreender substâncias ilícitas. (Telles, A. C, Arouca, L e Santiago, R. 2019) ”

Dos presos por crimes considerados hediondos (como estupro, sequestro, tortura), 54,01% estão presos por tráfico de drogas, 1,41% por tráfico internacional de drogas e 6,64% por associação ao tráfico. Além disso, 66,31% da população carcerária brasileira é preta ou parda e 21,22% entre 18 e 24 anos.

alternativas à guerra às drogas

Portugal passou por uma epidemia de heroína no final dos anos 1990, que deixava um óbito por dia em todas as classes. Nesse período, cerca de 1% da população do país europeu era dependente da droga, usada majoritariamente por via injetável, aumentando a transmissão de HIV e hepatite C.

O problema tornou-se tão grave que o governo reuniu um grupo de especialistas (psicólogos, psiquiatras, epidemiologistas, enfermeiros, juristas) que pudesse compreendê-lo a fundo e traçar um plano de solução.

A partir disso, Portugal se tornou pioneiro na descriminalização das drogas. O que o torna original foi que o país não

legalizou o consumo dessas substâncias, mas fez com que se tornassem contravenções e não crimes.

Ou seja, uma pessoa pega fumando maconha não vai presa, ela é encaminhada a Comissão para a Dissuasão da Toxicodependência, onde é avaliado se seu consumo representa dependência, risco à saúde ou à sociedade.

Dependendo do diagnóstico feito pelos profissionais, a pessoa pode sair dali com uma multa, com a orientação de se apresentar a centros de atividade, programas de formação ou centrais de emprego, com uma vaga de trabalho ou com um encaminhamento para tratamento médico.

Desde os anos 2000, o consumo de drogas pesadas como heroína, cocaína e ecstasy caiu para quase zero desde o início dessa prática em Portugal. Enquanto a cannabis, considerada uma droga branda, aumentou. Além disso, 49% dos usuários de heroína estão em tratamento. O que guiou Portugal durante esse processo foi focar nas pessoas e não nas substâncias, o que também ajuda a diminuir a estigmatização dos dependentes. A Holanda, por sua vez, há quase 30 anos tolera o consumo da

cannabis como forma de experimento social. O consumo é permitido em coffee shops regulamentadas que tem uma quantidade de limite para manter em estoque e um limite de venda por pessoa. No entanto, a produção da droga não é legalizada. Hoje, o caso da Holanda pode comprovar que tolerar a venda da maconha não aumenta o consumo.

No Brasil, em maio de 2016, o Centro de Estudos de Segurança e Cidadania (Cesec), reuniu dez jovens de favelas do Rio de Janeiro, de São Paulo e de Salvador para participar de uma oficina de formação três dias sobre política de drogas no Rio de Janeiro.

A sociedade civil já está se organizando para ajudar o Estado brasileiro a construir uma alternativa à guerra para o nosso país. A crítica sobre a guerra às drogas não é sobre “liberar todas as drogas” ou “defender bandidos”, mas sim reconhecer que o problema público de consumo e tráfico de drogas vem sendo combatido por meios que não resolvem o problema, pelo contrário, só aumentam os ciclos de violência, produção, tráfico e uso de drogas ilícitas.

“ Uma das primeiras lições aprendidas nos dois primeiros anos do Movimento foi a de que falar sobre política de drogas com e a partir da perspectiva das favelas e das periferias significa abordar temas mais amplos e complexos, que incluem: a dificuldade de acesso a serviços públicos de qualidade para quem faz uso problemático de drogas; a ausência de políticas públicas para a juventude dos territórios periféricos; os desafios de comunicar sobre a necessidade de mudanças política de drogas em um contexto de concentração da mídia nas mãos de poucos e influentes veículos; a necessidade de repensar o papel das polícias na sociedade brasileira e sua atuação em favelas e periferias, entre muitas outras questões. (Telles, A. C, Arouca, L e Santiago, R. 2019) ”

REFERÊNCIAS FIGURAS

figura 1: adaptado pelo graduando: conceito enteógeno - arte de alex grey (<https://www.alexgrey.com/art/fire-eyes/cannabis-sutra>)

figura 2: desenvolvido pelo graduando.

figura 3: adaptado pelo graduando: álcool, tabaco e remédios (<https://www.salton.com.br/artigo/por-que-girar-a-taca-de-vinho>)

figura 4: adaptado pelo graduando: incas (<https://blog.viagensmachupicchu.com.br/a-fascinante-historia-dos-incas/>)

figura 5: adaptado pelo graduando: árabes

(<https://i.pinimg.com/originals/af/29/71/af29716b94ffdf18c089c1f4daaa21895.jpg>)

figura 6: censurado (<https://www.pngwing.com/pt/search?q=censurado>)

figura 7: desenvolvido pelo graduando.

figura 8: terence mckenna (<https://www.cccb.org/en/participants/file/terence-mckenna/236101>)

figura 9: livro: o alimento dos deuses (<https://www.amazon.com.br/Alimento-Dos-Deuses-Terence-Mckenna/dp/8501041513>)

figura 10: adaptado pelo graduando: o verdadeiro elo perdido (<https://www.cienciapsicodelica.com.br/post/teoria-do-macaco-chapado>)

figura 11: hominídeo escassez de alimentos (<https://www.infobae.com/br/2022/04/15/como-os-humanos-do-passado-evoluiram-devido-as-mudancas-climaticas-de-acordo-com-a-ciencia/>)

figura 12: hieróglifos (https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/be/Comparative_evolution_of_Cuneiform%2C_Egyptian_and_Chinese_characters.svg)

figura 13: povo inuíte (<https://segredosdomundo.r7.com/esquimos/>)

figura 14: stoned ape - arte de alex grey (<https://www.alexgrey.com/art/transcendental/visionary-origin-of-language>)

figura 15: vaca sagrada (<https://templeofathena.wordpress.com/2016/08/18/god-of-the-month-club-apis-the-living-bull-god-of-egypt/>)

figura 16: evolução do crânio (<https://www.cienciapsicodelica.com.br/post/teoria-do-macaco-chapado>)

figura 17: tatuagem tribal (<https://revistaplaneta.com.br/a-historia-da-tatuagem-remonta-ao-mundo-antigo-e-ao-colonialismo/>)

figura 18: ötzi (<https://www.si.edu/stories/ancient-ink-iceman-otzi-has-worlds-oldest-tattoos>)

figura 19: desenvolvido pelo graduando.

figura 20: cogumelos psilocibinos (<https://www.poder360.com.br/poder-justica/justica/juiz-solta-acusado-por-venda-de-cogumelos-magicos-no-df/>)

figura 21: desenvolvido pelo graduando.

figura 22: desenvolvido pelo graduando.

figura 23: desenvolvido pelo graduando.

figura 24: desenvolvido pelo graduando.

figura 25: desenvolvido pelo graduando.

figura 26: desenvolvido pelo graduando.

figura 27: desenvolvido pelo graduando.

figura 28: desenvolvido pelo graduando.

figura 29: desenvolvido pelo graduando.

figura 30: maria sabina (<https://www.naturezasana.com/cogumelos-magicos-as-criancas-sagradas-de-maria-sabina/>)

figura 31: maria sabina e gordon wasson (<https://chacrana.net/maria-sabina-mushrooms-and-colonial-extractivism/>)

figura 32: desenvolvido pelo graduando.

figura 33: desenvolvido pelo graduando.

figura 34: desenvolvido pelo graduando.

figura 35: desenvolvido pelo graduando.

figura 36: desenvolvido pelo graduando.

figura 37: desenvolvido pelo graduando.

figura 38: nativa americana - mescalina (<https://girlsingreen.net/mescalina-cacto-peiete/>)

figura 39: desenvolvido pelo graduando.

figura 40: desenvolvido pelo graduando.

figura 41: mdma cristal e pilulas de ecstasy (<https://kepsmag.fr/articles/drogues/mdma-sniffer-ou-gober-cest-quoi-les-differences/>)

figura 42: Ketamina (<https://super.abril.com.br/saude/o-que-e-cetamina-e-quais-sao-os-riscos-da-droga-usada-fora-do-hospital>)

figura 43: desenvolvido pelo graduando.

figura 44: extrato de cocaína (<https://www.nlm.nih.gov/exhibition/pickyourpoison/exhibition-cocaine.html?slide=3>)

figura 45: vin mariani I (<https://www.nlm.nih.gov/exhibition/pickyourpoison/exhibition-cocaine.html?slide=3>)

figura 46: coca cola com cocaína (<https://www.nlm.nih.gov/exhibition/pickyourpoison/exhibition-cocaine.html?slide=3>)

figura 47: vin mariani II (<https://www.nlm.nih.gov/exhibition/pickyourpoison/exhibition-cocaine.html?slide=3>)

figura 48: pastilhas de cocaína (<https://www.nlm.nih.gov/exhibition/pickyourpoison/exhibition-cocaine.html?slide=3>)

figura 49: desenvolvido pelo graduando.

figura 50: sigmund freud (https://pt.wikipedia.org/wiki/Sigmund_Freud)

figura 51: thomas edison (https://pt.wikipedia.org/wiki/Thomas_Edison)

figura 52: robert louis stevenson (https://pt.wikipedia.org/wiki/Robert_Louis_Stevenson)

figura 53: sir arthur conan doyle (https://pt.wikipedia.org/wiki/Arthur_Conan_Doyle)

figura 54: john stith pemberton (https://pt.wikipedia.org/wiki/John_Pemberton)

figura 55: cartela de LSD bike 2000 (<https://www.etsy>.

com/listing/507452640/blotter-art-albert-hofmann-bike-ride?dd_referrer=https%3A%2F%2Fwww.google.com%2F)

figura 56: desenvolvido pelo graduando.

figura 57: albert hofmann (<https://www.cobogo.com.br/albert-hofmann>)

figura 58: desenvolvido pelo graduando.

figura 59: bob marley (<https://atlantidasc.com.br/bob-marley-causa-da-morte-filhos-e-a-historia-do-rei-do-reggae/>)

figura 60: desenvolvido pelo graduando.

figura 61: louis armstrong (<https://www.daboabrasil.com/2020/10/24/louis-armstrong-o-genio-da-musica-que-amava-a-maconha/>)

figura 62: desenvolvido pelo graduando.

figura 63: desenvolvido pelo graduando.

figura 64: ópio (<https://www.tuasaude.com/droga-opio/>)

figura 65: oxycontin (<https://g1.globo.com/saude/noticia/2022/01/28/como-baixa-tolerancia-a-dor-causou-epidemia-nos-eua.ghtml>)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, A. P. A; DE PAULA D. C. Jurema: o sagrado e o profano. Revista Brasileira de História das Religiões, 2019.

BERNARDINHO-COSTA, J. Hoasca: ciência, sociedade e meio ambiente. Campinas: Mercado das Letras, 2011.

BLOM, J. D. A Dictionary of Hallucinations. NY, Springer, 2010, Google Books, 2011.

HICKEY, J. An investigation of the chemical constituents of Brazilian sassafras oil. Journal of Organic Chemistry, 1948.

BUCHER, R. Drogas e drogadição no Brasil. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

CARNEIRO, H. (USP) Filtros, mezinhas e triacas, as drogas no mundo moderno. São Paulo: Xamã, 1994.

CARNEIRO, H. (USP) Bebidas alcoólicas e outras drogas na época moderna. Economia e embriaguez do século XVI ao XVIII. São Paulo: Xamã, 1994.

COZZI, N.V; GOPALAKRISHNAN, A; ANDERSON, L.L; FEIH, J.T; SHULGIN, A.T; DALEY, P.F; RUOHO, A.E. (Dez 2009). "Dimethyltryptamine and other

hallucinogenic tryptamines exhibit substrate behavior at the serotonin uptake transporter and the vesicle monoamine transporter". (PDF, Jan. 2011) Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/26814169_Dimethyltryptamine. Acesso em 10 2023.

DE SAUSSURE, F. (1959). Course in general linguistics/ Curso de Linguística Geral. São Paulo: Cultrix, 2015.

ESTRADA, A; ROTHENBERG, J. Maria Sabina: Selections (em inglês): University of California Press. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=mJ-noofctssC&printsec=frontcover&dq=ivarot+estrada+sabina&hl=pt-BR>. Acesso 08 2023.

FARIA, J.F. Fungos alucinógenos: Uma revisão sobre o *Psilocybe* sp. e a substância Psilocibina. Trabalho de especialização: UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais, 2017.

FERREIRA, P. E ; MARTINI, R. K. COCAÍNA, LENDAS, HISTÓRIAS E ABUSOS - PUC: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Departamento de Psiquiatria, Rio Grande do Sul, 2001. <https://www.scielo.br/j/rbp/a/WpZNRHsqk8sMtmWNFSyCx Dz/#>. Acesso 06 2023.

FREUD, S.(1930). O mal estar na civilização. Rio de Janeiro: edição standard das Obras Completas de S. Freud, 2006.

GIRLSinGREEN. Diferentes tipos de cogumelos mágicos. Disponível em <https://girlsingreen.net/tipos-de-cogumelos-magicos/> Acesso: 09 2023.

GREEN, J. Cannabis. Barcelona: RBA - integral, 2003.

GOMES, G. Brisa do mar - Golfinhos que usam baiacus para ficarem chapados, 2021.

Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/brisa-do-mar-os-golfinhos-que-usam-baiacus-para-ficarem-chapados.shtml> Acesso 04 2024.

HUXLEY, A. As portas da percepção e o céu e o inferno. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1954 (1965). 6ª reimpressão: Biblioteca Azul, 2022.

HOENE, F. C. Plantas tóxicas e medicinais. São Paulo: Graphicars - Depto de Botânica do Estado de São Paulo, 1939.

KOPP, P. A economia da droga. São Paulo: EDUSC, 1998.

LOPEZ, N. Journal of Conscious Evolution | Fall 2020 | Vol. 16 (1) | - Exploration of Linguistic Relativity Theory. Califórnia: CIES, 2020.

MARQUES, T. O Brasil tatuado e outros mundos. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MCKENNA, T. O Alimento dos Deuses. Tradução de ALVES CALADO. Rio de Janeiro: Editora Record/Nova Era, 1992.

MCKENNA, D; TOWERS, G; ABBOTT, F. Monoamine oxidase inhibitors in South American hallucinogenic plants: tryptamine and carboline constituents of ayahuasca. *Journal of Ethnopharmacology*, vol. 10 - 2, 1984.

POLLAN, M. *This Is Your Mind On Plants - Sob O Efeito de Plantas*. 2021/2023.

POLLAN, M. *How to Change Your Mind - Como Mudar sua Mente*. 2018.

REICHEL-DOLMATOFF, G. O contexto cultural de um alucinógeno aborígene: Banisteriopsis caapi. In: COELHO, V. P. Os alucinógenos e o mundo simbólico: O uso dos alucinógenos entre os índios da América do Sul. São Paulo: Ed. Pedagógica e Universitária-USP, 1976.

ROBERTS, T B. *The New Religious Era - From the 500-year Blizzard of Words to Personal Sacred Experiences*. forthcoming 2014 in: Harold J. Ellens (editor) *Seeking the Sacred With Psychoactive Substances: Paths to Self and God*. Praeger/ABC-CLIO, Westport, CT, 2014.

RUBEL, W. *The history and lore of the fly agaric mushroom*. *The Mycophile*, 2021.

ROCHA, K. C. *Kambô: A Natureza Revelada*. Editora Ícone, 2019.

RUTHE, A. *Guerra às drogas: origem, características*

e consequências, 2022. Blog Politize. Disponível em <https://www.politize.com.br/guerra-as-drogas/>. Acesso em 05 2023.

RYBKA, L; NASCIMENTO, J; GUZZO, R. Os mortos e feridos na "guerra às drogas": uma crítica ao paradigma proibicionista. Estudos de Psicologia (Campinas.SP), 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/> Acesso em 08 2023.

SAKAMOTO, C. K. (USP) - ARTIGO: "Criatividade: Uma visão integradora", publicado na Revista Psicologia teoria e Prática no ano 2000.

SILVA, R.P; SUYENAGA, E.S. Estresse e ansiedade em gatos domésticos: Tratamento FARMACOLÓGICO e ETNOVETERINÁRIO - Uma revisão, 2019.

SIEGEL, R. K. Intoxication: The Universal Drive for Mind-Altering Substances (em inglês). Rochester, Vermont: Park Street Press, 2005.

STRASSMAN, R. J. (2001). DMT: The Spirit Molecule: A Doctor's Revolutionary Research Into the Biology of Near-Death and Mystical Experiences, Vermont: Street Park Press, 2000.

SNS - Serviço Nacional de Saúde. SICAD Comportamentos Aditivos/Hist. da Cocaína. Disponível em: <https://www.sicad.pt/PT/Cidadao/Tu-alinhas/ComportamentosAditivos/Paginas/detalhe.aspx?itemId=10&lista=HistoriaLegislacao&bkurl=/BK/Cidad->

ao/Tu-alinhas/ComportamentosAditivos#:~:text=a%20cocaina%20deu%20origem%20a,inições%20rituais%20dos%20jovens%20nobres. Acesso em 03 2024.

TELLES, A; AROUCA, L; SANTIAGO, R. A juventude periférica no centro do debate sobre política de drogas. Boletim de Análise Político-Institucional/Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2018. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/artigo/145/do-vidasnasfavelasimportam-ao-nospornos-a-juventude-periferica-no-centro-do-debate-sobre-politica-de-drogas>. Acesso em 05 2023.

TINOCO, R. Ficha Sobre Drogas. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/instrumentos/drogas.php>. Acesso em 04 2024.

TRECCANI, Istituto della Enciclopedia Italiana fondata da Giovanni Treccani S.p.A. © Tutti i diritti riservati - Vocabolario Treccani: "droga". (<https://www.treccani.it/vocabolario/droga/>). Acesso em 08 2022.

VARGAS, E. Fármacos e outros objetos sócio-técnicos: notas para uma genealogia das drogas, UFMG - Minas Gerais, 2002.

REFERÊNCIAS

NOTAS DE RODAPÉ

ATÁVICO (palavra): Dicionário Online Dicio
<https://www.dicio.com.br/atavico/>; (acesso 21/05/2023)

BARBITÚRICO (conceito):
InfoEscola
<https://www.infoescola.com/medicina/barbituricos/>; (acesso 29/08/2023)
Departamento de Psicobiologia, Escola Paulista de Medicina <https://www2.unifesp.br/dpsicobio/drogas/barbi.ht>; (acesso 29/08/2023)

BENZEDRINA (definição): Merriam Webster Dictionary
<https://www.merriam-webster.com/dictionary/Benzedrine>;
(acesso 13/09/2023)

ESTRATAGEMA (palavra): Dicionário Online Dicio
<https://www.dicio.com.br/estratagema/>; (acesso 05/08/2023)

EPIGENÉTICA (definição): Wikipédia
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Epigenética>; (acesso 25/04/2023)

ERGOTAMÍNICO (conceito):

Blog Memed (acesso 30/08/2023)

<https://blog.memed.com.br/enxaqueca-forte/#:~:text=Ergotamínicos%3A%20foram%20os%20primeiros%20medicamentos%20utilizados%20especificamente%20para%20enxaqueca;>

SINESTESIA (conceito): Portal Toda Matéria

[https://www.todamateria.com.br/figura-de-linguagem-sinestesia/;](https://www.todamateria.com.br/figura-de-linguagem-sinestesia/) (acesso 20/05/2023)

NARCÓTICO (palavra): MEDLINE National Library of Medicine

[https://medlineplus.gov/ency/article/007489.htm;](https://medlineplus.gov/ency/article/007489.htm) (acesso 25/10/2023)

NARCOSE (palavra): Dicionário Online Dicio

[https://www.dicio.com.br/narcese/;](https://www.dicio.com.br/narcese/) (acesso 17/03/2023)

NEUROPLASTICIDADE (conceito): Blog Cognitivo

[https://blog.cognitivo.com/neuroplasticidade/;](https://blog.cognitivo.com/neuroplasticidade/) (acesso 30/10/2023)

NEUROGENIA e NEUROGENESIS (palavra):

Dicionário Priberam

[https://dicionario.priberam.org/neurogenia#;](https://dicionario.priberam.org/neurogenia#) (acesso 30/10/2023)

ONTOLÓGICO (conceito):

Enciclopédia Virtual Significados

<https://www.significados.com.br/ontologia/>;

(acesso 07/03/2023)

PANACÉIA (conceito):

Enciclopédia Virtual Significados

<https://www.significados.com.br/panaceia/>;

(acesso 24/10/2023)